

PALESTRAS E RESPOSTAS A PERGUNTAS

POR

KRISHNAMURTI

ITÁLIA E NORUEGA -- 1933

(TRADUZIDO DO INGLÊS)

1939

**INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
AV. RIO BRANCO 117 - 2.º ANDAR, SALA 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL**

PALESTRAS
E
RESPOSTAS
A
PERGUNTAS

POR

K
R
I
S
H
N
A
M
U
R
T
I

I. C. K.

AV. RIO
BRANCO
117-2.º and.
RIO DE
JANEIRO
BRASIL

PREÇO — 5\$000



Tôdas as palestras do livro original em inglês, publicado pelo Star Publishing Trust, foram revistas por Krishnamurti.

PALESTRAS E RESPOSTAS A PERGUNTAS

POR

KRISHNAMURTI

ITÁLIA E NORUEGA — 1933

(Traduzido do Inglês)

1 9 3 9

Instituição Cultural Krishnamurti

AVENIDA RIO BRANCO 117-2.º ANDAR, SALA 203

RIO DE JANEIRO

BRASIL

Copyright 1934 by
THE STAR PUBLISHING TRUST
2123 North Beachwood Drive, Hollywood, California
Crown House, 147 Regent St., London W. 1, England
Vasantavihar, Adyar, Madras, India
Ommen, (O), Holland

Direitos de tradução em português da
INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI

PALESTRAS NA ITÁLIA

PRIMEIRA PALESTRA EM ALPINO

1 de julho de 1933

Amigos,

Gostaria que fizésseis uma descoberta verdadeira, não resultante de uma descrição feita por outrem. Se, por exemplo, alguém vos houvesse falado do cenário dêste país, viríeis com as vossas mentes preparadas por essa descrição e então talvez ficásseis decepcionados com a realidade. Ninguém pode descrever a realidade. Tendes de a experimentar, de a ver, sentir tôda a sua atmosfera. Quando virdes sua beleza e encanto, experimentareis uma renovação, uma intensificação de alegria.

A maioria das pessoas que julgam estar procurando a verdade prepararam previamente as suas mentes para a receber, pelo estudo da descrição do que procuram. Quando examinardes religiões e filosofias, verificareis que tôdas elas

teem tentado descrever a realidade, descrever a verdade para vos servir de guia.

Não tentarei, agora, descrever aquilo que para mim é a verdade, pois seria uma tentativa impossível. Ninguém pode descrever ou transmitir a outrem a plenitude de uma experiência. Cada um precisa vivê-la por si mesmo.

Como a maioria das pessoas, tendes lido, ouvido e imitado; tendes procurado descobrir o que outros teem dito a respeito da verdade e de Deus, relativamente à vida e à imortalidade. Assim, tendes em vossa mente uma imagem, e agora desejais comparar essa imagem com o que vou dizer. Isto é, vossa mente não faz mais que procurar descrições; não procurais verificar de novo, mas somente comparar. Entretanto, como não tentarei descrever a verdade, porque ela não pode ser descrita, haverá naturalmente confusão em vossa mente.

Quando mantendes diante de vós uma imagem que procurais reproduzir, um ideal que procurais seguir, não podeis encarar uma experiência completamente; nunca sois franco, jamais sincero com referência a vós mesmo e às vossas ações; estais sempre vos protegendo com um ideal. Se realmente pesquisardes a vossa mente e coração descobrireis que viestes aquí para obter algo de novo; uma nova idéia, uma nova sensação, uma nova explicação da vida, de modo que possais moldar vossa vida de conformidade com ela. Portanto, estais real-

mente procurando uma explicação satisfatória. Não viestes com uma atitude nova, de modo que por vossa própria percepção, vossa intensidade, pudésseis descobrir a alegria da ação natural e espontânea. A maioria de vós procurais simplesmente uma explicação descritiva da verdade, supondo que se pudésseis descobrir o que a verdade é poderíeis então moldar vossas vidas de acôrdo com essa luz eterna.

Se for êste o motivo de vossa busca, então não é uma busca da verdade. É antes a da consolação, do conforto; é simplesmente uma tentativa para escapar dos inumeráveis conflitos e lutas com que tendes de vos defrontar todos os dias.

Do sofrimento brota o incitamento de procurar a verdade; no sofrimento reside a causa da insistente indagação, a busca da verdade. Contudo, quando sofreis — como todos sofrem — procurais um remédio e conforto imediatos. Quando sentís uma dor física passageira obtendes um paliativo na mais próxima farmácia, para diminuir o vosso sofrimento. Assim, também, quando experimentais angústia mental ou emocional momentânea, procurais consôlo e imaginais que procurar aliviar a dor é buscar a verdade. Dêsse modo estais continuamente procurando uma compensação para vossas dores, para o esforço que sois assim obrigado a fazer. Evitais a causa principal do sofrimento e em consequência viveis uma vida illusória.

Assim, as pessoas que estão sempre proclamando estar à procura da verdade, estão na realidade evitando-a. Verificaram que suas vidas são insuficientes, incompletas, pobres de amor, e pensam que tentando procurar a verdade encontrarão satisfação e conforto. Se vos disserdes com franqueza que estais procurando somente consôlo e compensação para as dificuldades da vida sereis capaz de manejar o problema inteligentemente. Mas enquanto pretes-tardes para vós mesmo que estais procurando algo mais do que mera compensação não vereis a questão claramente. A primeira cousa a verificar, pois, é se estais realmente procurando, fundamentalmente procurando a verdade.

Um homem que procura a verdade não é discípulo dela. Suponhamos que me digais: “não tenho tido amor em minha vida; ela tem sido uma vida pobre, uma vida de dor contínua; assim, para conseguir conforto, procuro a verdade”. Então deverei advertir-vos de que a vossa busca de conforto é uma completa ilusão. Nada há na vida que seja conforto e segurança. A primeira cousa a compreender é que precisais ser absolutamente franco.

Mas nem vós mesmo estais certo do que realmente quereis: quereis conforto, consôlo, compensação, e ainda, ao mesmo tempo, quereis alguma cousa que é infinitamente maior que compensação e conforto. Estais tão confuso em vossa própria mente que num momento

vos dirigís a uma autoridade que vos oferece compensação e conforto e, no seguinte, vos voltaís para outra que vos nega o conforto. Assim a vossa vida se torna uma existência refinadamente hipócrita, uma vida de confusão. Tentai verificar o que realmente pensais; não simuleis pensar o que credes ser obrigado a pensar; então, se estiverdes conciente, completamente atento no que estiverdes fazendo, conhecereis por vós próprio, sem autoanálise, o que realmente desejais. Se fôrdes inteiramente responsável nos vossos atos, conhecereis, sem autoanálise, o que realmente estais buscando. Esse processo de descobrir não necessita de grande força de vontade, grande força, mas simplesmente o interêsse em descobrir o que pensais, em descobrir se sois realmente honesto ou viveis na ilusão.

Falando a grupos de ouvintes por todo o mundo, verifico que mais e mais pessoas parecem não entender o que estou dizendo, porque veem com idéias fixas; ouvem com sua atitude prevenida, sem procurar verificar o que tenho a dizer, mas esperando somente encontrar o que secretamente desejam. É inútil dizer: "Eis um novo ideal segundo o qual me devo moldar". É preferível verificar o que realmente sentís e pensais.

Como podeis verificar o que realmente sentís e pensais? Do meu ponto de vista, podeis fazer isto somente estando apercebido de tôda a

vossa vida. Então descobrireis até que ponto sois um escravo de vossos ideais, e, descobrindo isto, vereis que tendes criado ideais exclusivamente para vosso consôlo.

Onde há dualidade, onde há opostos, deve haver a consciência de falta de plenitude. A mente está presa nos opostos, tais como castigo e recompensa, bem e mal, passado e futuro, lucro e perda. O pensamento é preso nessa dualidade e em consequência há falta de plenitude na ação. Essa falta de plenitude cria sofrimento, o conflito da escolha, esforço e autoridade e a fuga do não-essencial para o essencial.

Quando sentís que estais incompleto vos sentís vazio e dêsse sentimento de vacuidade surge o sofrimento; partindo dessa falta de plenitude, criais padrões, ideais, para vos amparar em vossa vacuidade, e estabeleceis êsses padrões e ideais como vossa autoridade externa. Qual a causa interior dessa autoridade externa que vós mesmo criais? Primeiro vos sentís incompleto e sofreis devido a essa falta de plenitude. Enquanto não compreenderdes a causa da autoridade sereis apenas máquina imitadora, e onde houver a imitação não poderá haver o rico preenchimento da vida.

Para compreenderdes a causa da autoridade tereis de seguir o processo mental e emocional que a cria. Antes de tudo, vós vos sentís vazio e para vos livrardes dêsse sentimento fazeis um esforço; por êste esforço apenas criais opos-

tos; criais uma dualidade que simplesmente aumenta a falta de plenitude e o vazio. Sois responsável por autoridades externas, como religião, política, moral, por autoridades como padrões econômicos sociais. Partindo de vossa vacuidade, de vossa falta de plenitude, criastes estes padrões exteriores de que agora procurais libertar-vos. Em evolucionando, em vos desenvolvendo, em crescendo para ultrapassá-los quereis criar uma lei interior para vós mesmo. À proporção que compreendeis os padrões exteriores, quereis libertar-vos deles e desenvolver vosso padrão interno. Êste, a que chamais “realidade espiritual”, vós o identificais com uma lei cósmica, o que quer dizer que simplesmente criais outra divisão, outra dualidade.

Assim, criais em primeiro lugar uma lei externa e depois procurais sobrepujá-la desenvolvendo uma lei interna que identificais com o universo, com o todo. É isto o que está acontecendo. Estais ainda conciente do vosso egoísmo limitado, que identificais agora com uma grande ilusão, chamando-a cósmica. Portanto, quando dizeis, “estou obedecendo à minha lei interior”, apenas usais uma expressão para encobrir o vosso desejo de fuga. Para mim, o homem que está limitado por uma lei externa ou interna está confinado em uma prisão; está preso por uma ilusão. Dêsse modo, tal homem não pode compreender a ação espontânea, natural, sã.

Ora, por que criais leis internas para vós? Não é porque a luta na vida diária é tão grande, tão desarmônica que quereis fugir dela e criar uma lei interna, que se torne vosso conforto? E vos tornais um escravo dessa autoridade interna, dêsse padrão interno, porque unicamente rejeitastes a imagem externa e em seu lugar criastes uma imagem interna de que sois um escravo.

Por êsse método não atingireis o verdadeiro discernimento, e discernimento é algo bem diferente de escolha. A escolha existe onde há dualidade. Quando a mente está incompleta e é conciente dessa insuficiência procura fugir dela e lhe cria por isso um oposto. Êste oposto pode ser um padrão externo ou interno e quando alguém o estabeleceu julga cada ação, cada experiência, por êsse padrão, e vive, consequentemente, num contínuo estado de escolha. A escolha nasce apenas da resistência. Se há discernimento não há esforço.

Logo, para mim, tôda esta concepção de se fazer um esforço em direção à verdade, à realidade, esta idéia de se manter um tal esforço é inteiramente falsa. Enquanto estiverdes incompleto, experimentareis sofrimento, e então estareis enredado na escolha, no esforço, na luta incessante pelo que chamais "atingimento espiritual". Assim, digo, quando a mente está presa na autoridade não pode haver verdadeiro entendimento, verdadeiro pensamento. E, desde

que as mentes da maioria de vós estão colhidas pela autoridade — o que não é senão uma fuga do entendimento, do discernimento — não podeis fazer face completamente à experiência da vida. Por isso viveis uma vida de dualidade, de fingimento, de hipocrisia, uma vida em que não há um momento de plenitude.

PRIMEIRA PALESTRA EM STRESA

2 de julho de 1933

Amigos,

Em minhas palestras não vou tecer uma teoria intelectual. Vou falar de minha própria experiência que não nasceu de idéias intelectuais, mas que é real. Por favor, não me imagineis como um filósofo expondo um novo conjunto de idéias com as quais o vosso intellecto possa fazer prestidigitacões. Não é isto que vos quero oferecer. Prefiro explicar que a verdade, a vida de preenchimento e riqueza, não pode ser realizada através de outrem, da imitação ou de qualquer forma de autoridade.

A maioria de nós sente ocasionalmente que existe uma vida verdadeira, êsse eterno algo, mas os momentos em que sentimos isto são tão raros que êsse algo eterno se afasta mais e mais para o fundo e cada vez menos e menos nos parece uma realidade.

Ora, para mim há a realidade; há uma eterna realidade vivente — quer lhe chameis Deus, imortalidade, eternidade ou o que desejardes. Há algo vivo, criativo, que não pode ser descrito, porque a realidade escapa a tôda descrição. Nenhuma descrição da verdade pode ser duradoura, pois pode ser somente uma ilusão de palavras. Não podeis conhecer o amor pela descrição de outrem; para conhecerdes o amor precisais vós próprio havê-lo experimentado. Não podeis conhecer o gôsto do sal enquanto o não houverdes provado. Entretanto, gastamos nosso tempo procurando uma descrição da verdade ao invés de tentarmos encontrar a maneira de sua realização. Digo que não posso descrever, que não posso traduzir em palavras essa realidade vivente que se acha além de tôda idéia de progresso, de tôda idéia de crescimento. Acautelai-vos de quem tenta descrever essa realidade vivente, pois ela não pode ser descrita, precisa ser experimentada, vivida.

A realização da verdade, do eterno, não se acha no movimento do tempo, que é apenas um hábito da mente. Quando dizeis que a realizareis no decorrer do tempo, isto é, num futuro, estais apenas adiando aquela compreensão que deve estar sempre no presente. Mas se a mente compreender a plenitude da vida e estiver livre da divisão do tempo em passado, presente e futuro, então surgirá a realização dessa eterna realidade vivente.

Mas, desde que tôdas as mentes estão colhidas na divisão do tempo, desde que o consideram como passado, presente e futuro, surge o conflito. Ainda mais, por dividirmos a ação em passada, presente e futura, porque ela não é para nós completa em si mesma, mas antes algo impulsionado por motivos, pelo temor, por guias, pela recompensa ou castigo, nossas mentes são incapazes de compreender o todo contínuo. Só quando a mente estiver livre da divisão do tempo poderá haver a verdadeira ação. Quando esta nascer da plenitude, não na divisão do tempo, então será harmoniosa e livre dos embaraços da sociedade, classes, raças, religiões e aquisividades .

Por outras palavras, a ação deve tornar-se verdadeiramente individual. Ora, não estou utilizando a palavra "individual" no sentido de colocar o indivíduo em oposição aos demais. Por ação individual quero dizer ação nascida da completa compreensão, do completo entendimento pelo indivíduo, entendimento não imposto por outrem. Onde existe êsse entendimento, há a verdadeira individualidade, o verdadeiro isolamento, não o isolamento da fuga para a solidão, mas o nascido da completa compreensão das experiências da vida. Para a plenitude da ação, a mente precisa estar livre da idéia do tempo dividido em ontem, hoje e amanhã. Se a mente não estiver liberta dessa divisão, então surgirá o conflito que nos leva ao sofrimento

e à procura de fugas para evitar êsse sofrimento.

Digo que há uma realidade vivente, uma imortalidade, uma eternidade que não pode ser descrita; ela só pode ser compreendida na plenitude de vossa própria ação individual, não como parte de uma estrutura, nem como parte da máquina social, política ou religiosa. Portanto, tendes que experimentar a verdadeira individualidade antes de poder compreender o que é verdadeiro. Enquanto não agirdes partindo desta origem eterna, terá de haver conflito; terá de haver divisão e luta contínua.

Presentemente cada um de nós conhece o conflito, a luta, a tristeza, a falta de harmonia. São êsses os elementos que principalmente constituem nossas vidas, e dêles procuramos conciente ou inconcientemente escapar. Mas poucos conhecem por si mesmos a causa do conflito. Podem conhecer a causa intelectualmente, mas êsse conhecimento é apenas superficial. Conhecer a causa é percebê-la com a mente e o coração.

Desde que alguns poucos indivíduos conhecem a profunda causa de seu sofrimento, sentem o desejo de escapar dêsse sofrimento, e êsse desejo de escapar tem criado e vitalizado os nossos sistemas morais, sociais e religiosos. Não tenho tempo aquí de tratar de pormenores, mas se pensardes sôbre o assunto, verificareis que os nossos sistemas religiosos espalhados

pelo mundo estão baseados nesta idéia de adiamento e evasão, nesta busca de mediadores e consoladores. Por não sermos responsáveis por nossos atos, por estarmos procurando fugir do nosso sofrimento, criamos sistemas e autoridades que nos dão conforto e abrigo.

Qual então a causa do conflito? Por que se sofre? Por que devemos lutar incessantemente? Para mim o conflito é o fluir interrompido da ação espontânea, do pensamento e sentimento harmoniosos. Quando o pensamento e a emoção estão desharmonizados há conflito na ação; isto é, quando a mente e o coração estão em um estado de discórdia criam um impecilho à expressão da ação harmoniosa e daí vem o conflito. Tal impecilho à ação harmoniosa é causado pelo desejo de fugir, pelo contínuo evitar de encarar a vida completamente, pelo defrontar a vida sempre com o pêso da tradição — seja ela religiosa, política ou social. Esta incapacidade de fazer face à experiência em sua totalidade cria o conflito e o desejo de fugir dêle.

Se considerardes os vossos pensamentos e os atos dêles originados, verificareis que onde existir o desejo de fuga deverá coexistir a busca de segurança; porque encontráis conflito na vida com tôdas as suas ações, suas afeições, seus pensamentos, dêle desejais escapar para uma segurança satisfatória, uma permanência. Assim, tôda a vossa ação se acha ba-

seada nesse desejo de segurança. Mas, realmente, não há segurança na vida — nem física, nem intelectual, nem emocional, nem espiritual. Se vos sentirdes seguro jamais podereis encontrar essa realidade vivente; contudo, a maioria de vós está procurando segurança.

Alguns de vós estais procurando segurança física por meio da riqueza, do conforto e do poder sobre outrem que a riqueza vos proporciona; estais interessados em diferenças e privilégios sociais que vos assegurem uma posição da qual obtenhais satisfação. A segurança física é uma forma tôska de segurança, mas desde que tem sido impossível à maioria da humanidade atingir essa segurança, o homem tem-se voltado para a forma sutil de segurança a que chama espiritual ou religiosa. Devido ao desejo de escapar do conflito, procurais e estabeleceis segurança — física ou espiritual. O desejo de segurança física mostra-se no desejo de possuir um considerável depósito em banco, uma boa posição, no desejo de ser considerado uma pessoa importante na cidade, no esforço para obter pergaminhos e títulos e tantas outras estultícias sem sentido.

Então alguns dentre vós se tornam insatisfeitos com a segurança física e se voltam para uma segurança de forma mais sutil. É ainda segurança, mas apenas um pouco menos evidente e a chamais espiritual. Mas não vejo diferença real entre elas. Quando estiverdes saciado de

segurança física ou quando a não puderdes atingir, voltar-vos-eis para o que chamais segurança espiritual. E quando vos voltais para isto, estabeleceis e vitalizais essas cousas que chamais religião e crenças espirituais organizadas. Porque procurais segurança, estabeleceis uma forma de religião, um sistema de pensamento filosófico em que sois apanhado, do qual vos tornais escravo. Eis porque, do meu ponto de vista, as religiões com todos os seus intermediários, suas cerimônias, seus sacerdotes, destroem o entendimento criativo e pervertem o julgamento.

Uma forma de segurança religiosa é a crença na reencarnação, a crença em vidas futuras, com tudo o que esta crença implica. Digo que quando um homem está preso por uma crença ele não pode conhecer o preenchimento da vida. O homem que vive plenamente atua partindo daquela fonte em que não existe reação, mas somente ação; mas o homem que procura segurança, fuga, precisa agarrar-se a uma crença porque dela lhe deriva um apôio contínuo, encorajamento à sua falta de compreensão.

Há ainda a segurança criada pelo homem na idéia de Deus. Várias pessoas perguntam-me se creio em Deus, se existe um Deus. Não podeis discutir tal assunto. A maioria de nossas concepções de Deus, de realidade, de verdade, são apenas imitações especulativas. Por conseguinte, elas são inteiramente falsas e tôdas as

nossas religiões são baseadas em tais falsidades. Aquele que tenha vivido tôda a sua vida em uma prisão pode apenas especular sôbre a liberdade; aquele que nunca experimentou o êxtase da liberdade, não a pode conhecer. Assim, vejo pouca utilidade em discutir Deus, a verdade; mas se tiverdes a inteligência, a intensidade para destruir as barreiras que vos cercam, então conhecereis por vós próprio o preenchimento da vida. Já não sereis escravo de um sistema social ou religioso.

Do mesmo modo, há a segurança através do serviço. Isto é, gostais de vos perder no lodaçal da atividade, no trabalho. Por meio dessa atividade, dessa segurança, procurais evitar de encarar as vossas próprias e incessantes lutas.

Portanto, a segurança é apenas fuga. E, desde que a maioria das pessoas estão procurando escapar, transformaram-se em máquinas de hábito afim de evitar o conflito. Essas pessoas criam crenças religiosas, idéias; adoram a imagem de uma imitação a que chamam Deus; procuram esquecer sua inhabilidade de encarar a luta, perdendo-se no trabalho. Tudo isso são meios de fuga.

Ora, afim de salvaguardar a segurança, criais a autoridade. Não é assim? Para receberdes conforto, precisais de alguém ou de algum sistema que vo-lo dê. Para haver segurança, deve haver uma pessoa, uma idéia, uma crença, uma tradição, que vos dê certeza de segurança.

Assim, em nossa tentativa para achar segurança, estabelecemos uma autoridade e dela nos tornamos escravos. Em nossa busca de segurança instituímos ideais religiosos que nós, em nosso temor, criámos; procuramos segurança por intermédio de sacerdotes ou guias espirituais a quem chamamos instrutores ou mestres. Ou, ainda, procuramos nossa autoridade no poder da tradição — social, econômica ou política.

Nós mesmos, individualmente, erigimos essas autoridades. Elas não vieram à existência espontaneamente. Através dos séculos as viemos estabelecendo e nossas mentes se tornaram mutiladas, pervertidas devido à sua influência.

Ou, suponhamos que temos abandonado as autoridades externas; então desenvolvemos uma autoridade interna que chamamos intuitiva, espiritual — mas que, para mim, pouco difere da externa. Isto é, quando a mente está presa na autoridade — seja externa ou interna — não pode estar livre, portanto não pode conhecer o verdadeiro discernimento. Daí, onde há autoridade nascida da busca de segurança, nessa autoridade se acham as raízes do egoísmo.

Ora, que temos feito? Com nossa fraqueza, nosso desejo de poder, nossa busca de segurança, estabelecemos autoridades espirituais. E nessa segurança, que chamamos imortalidade, desejamos permanecer eternamente. Se olhades êsse desejo com calma e discernimento, ve-

rificareis que não passa de uma refinada forma de egoísmo. Onde houver divisão do pensamento, onde houver a idéia do “eu”, do “meu” e do “vosso”, não poderá haver plenitude na ação, e, conseqüentemente, não poderá haver o entendimento da realidade vivente.

Mas — e espero que compreendais isto — essa realidade vivente, essa totalidade, exprime-se na ação da individualidade. Expliquei o que entendo por individualidade: o estado em que a ação tem lugar pelo entendimento, liberta de todos os padrões — sociais, econômicos ou espirituais. É isto que chamo verdadeira individualidade, porque é ação nascida do pleno entendimento, enquanto que o egoísmo tem suas raízes na segurança, na tradição, na crença. Assim, a ação provocada pelo egoísmo é sempre incompleta, está sempre ligada à luta incessante, ao sofrimento e à dor.

São êsses alguns dos entraves e obstáculos que impedem o homem de realizar esta suprema realidade. Esta realidade vivente poderá ser por vós compreendida somente quando vos tiverdes libertado dêsses obstáculos. A liberdade da plenitude não está em fugir dos entraves, mas na compreensão da ação que é a harmonia da mente e do coração.

Deixai-me explicar isto mais claramente. A maior parte das pessoas que pensam estão intelectualmente concientes de muitos obstáculos. Por exemplo, se considerardes certas seguran-

ças como a riqueza, que acumulais como proteção, ou certas idéias espirituais sob que vos tentais abrigar, verificareis sua completa futilidade.

Ora, se examinardes essas seguranças, podereis ver intelectualmente a sua falsidade; mas, para mim, essa consciência intelectual de impêdimentos não é de modo algum completo conhecimento. É simplesmente uma concepção intelectual, e não uma consciência plena. A consciência plena existe somente quando estais apercebido emocional e mentalmente dêsses obstáculos. Se estiverdes pensando sôbre êsses obstáculos agora, provavelmente os estareis considerando apenas intelectualmente, e direis: "Mostrai-me por que maneira poderei livrar-me dêsses impedimentos." Isto é, estais apenas procurando vencer os impedimentos e por isso criais outro grupo de resistências. Espero ter tornado isto claro. Posso dizer-vos que a segurança é fútil, que não tem significado e podeis admití-lo intelectualmente; mas, como estais acostumado à luta pela segurança, quando vos afastais daqui simplesmente continuareis essa luta, porém agora contra a segurança; com isso apenas procurais um novo meio, um novo método, uma nova técnica que nada é senão um desejo de segurança renovado sob outra forma.

Para mim, não existe uma tal técnica de viver, uma técnica para a realização da verdade. Se houvesse tal técnica para aprenderdes, sim-

plesmente sérieis escravizado por outro sistema.

A realização da verdade vem somente quando há plenitude de ação sem esforço. E a cessação do esforço vem pelo apercebimento das limitações — não quando tentais vencê-las. Isto é, quando estiverdes inteiramente conciente, integralmente apercebido em vosso coração e em vossa mente, quando tiverdes percebido com todo o vosso ser, então por meio dêsse mesmo percebimento estareis livre de limitações. Experimentai e vereis. Tudo que tendes conquistado vos tem escravizado. Somente quando tiverdes compreendido um impedimento com todo o vosso ser, somente quando houverdes realmente compreendido a ilusão da segurança, não lutareis mais contra êsse impedimento. Mas se estiverdes conciente das limitações apenas intelectualmente, então continuareis a lutar contra elas.

A vossa concepção da vida é baseada nesse princípio. O vosso esforço pelo atingimento, crescimento espiritual, é a consequência de vossos desejos de novas seguranças, novo engrandecimento, nova glória, e daí essa luta contínua e incessante.

Assim, digo, não procureis um caminho, um método. Não há método nem caminho para a verdade. Não procureis um caminho, mas tornai-vos apercebido do obstáculo. O apercebimento não é apenas intelectual; é simultânea-

mente mental e emocional; é a plenitude da ação. Então, nessa chama de apercebimento, todos êsses obstáculos se desmoronam porque os penetrastes. Então podereis perceber diretamente, sem escolha, aquilo que é verdadeiro. A vossa ação será assim oriunda da plenitude e não da insuficiência da segurança; e nessa plenitude, nessa harmonia da mente e do coração, está a realização do eterno.

SEGUNDA PALESTRA EM ALPINO

4 de julho de 1933

Amigos,

Hoje falarei sôbre a chamada evolução. Êste assunto é difícil de se discutir e podeis interpretar mal o que vou dizer. Se não me compreenderdes bem, por favor, interrogai-me depois.

Para a maioria de nós a idéia de evolução implica em uma série de consecuições, isto é, consecuições surgidas da contínua escolha entre o que chamamos o não-essencial e o essencial. Ela implica em deixar o não-essencial e dirigir-se para o essencial. A esta série de consecuições contínuas, resultantes da escolha, chamamos evolução. Tôda a estrutura do nosso pensar está baseada nesta idéia do progredir e do atingir espiritual, na idéia do penetrar mais e mais no essencial como resultado da escolha

constante. Assim, imaginamos a ação como sendo apenas uma série de consecuições, não é isto?

Ora, quando de tal modo consideramos o crescimento ou a evolução, naturalmente as nossas ações nunca são completas; estão sempre crescendo do mais baixo para o mais alto, sempre subindo, avançando. Por consequência, se vivemos sob esta concepção, a nossa ação escraviza-nos; a nossa ação é um esforço constante, incessante, infinito, e êste esforço está sempre voltado para a segurança. Naturalmente, quando há esta busca de segurança, há temor, e êste temor cria a contínua consciência do que chamamos "eu". Não é assim? As mentes da maioria das pessoas estão presas nesta idéia de conseguir, de atingir, de subir mais e mais alto, isto é, na idéia de escolher entre o essencial e o não-essencial. E, desde que esta escolha, êste progresso que chamamos ação, é apenas uma luta incessante, um esforço contínuo, as nossas vidas são também um esforço incessante e não um livre e espontâneo fluxo de ação.

Desejo diferenciar o agir do conseguir ou atingir. Consecuição é uma finalidade, enquanto que, para mim, a ação é infinita. Compreendeis esta distinção à medida que eu prosseguir. Antes, porém, compreendamos o que queremos dizer por evolução: um movimento contínuo, por meio da escolha, para o que chamamos o essencial, perseguindo sempre maiores consecuições.

A maior beatitude — e isto para mim não é mera teoria — é viver sem esforço. Agora vou explicar o que entendo por esforço. Para a maioria de vós esforço é apenas escolha. Viveis pela escolha; tendes que escolher. Mas, por que escolheis? Por que há uma necessidade que vos incita, vos impele, vos força a escolher? Digo que esta necessidade de escolha existe enquanto se está conciente da vacuidade ou isolamento interno; esta insuficiência força-vos a escolher, a fazer um esforço.

Ora, a questão não é saber como preencher êsse vácuo, mas antes verificar qual a sua causa. Para mim, vacuidade é ação nascida da escolha, na procura do lucro. A vacuidade aparece quando a ação se origina da escolha. E quando há vacuidade, surgem as perguntas: “Como posso preencher êsse vazio? Como posso desembaraçar-me desta solidão, dêste sentimento de insuficiência?” Para mim, não se trata de preencher o vazio, pois nunca o podeis preencher. Não obstante é isto o que a maioria das pessoas procuram fazer. Por meio da sensação, da excitação ou do prazer, por meio da ternura ou do esquecimento, procuram preencher êsse vazio, diminuir êsse sentimento de vacuidade. Porém, jamais o preencherão, porque procuram fazê-lo mediante a ação nascida da escolha.

Existe a vacuidade enquanto a ação é baseada na escolha, no agrado ou desagrado, na atração ou repulsão. Escolheis porque não gos-

tais disto e gostais daquilo; não estais satisfeito com isto, mas quereis satisfazer-vos com aquilo. Ou temeis algo e dêle fugís. Para a maioria das pessoas a ação é baseada na atração e repulsão, e, portanto, no temor.

Agora, que acontece quando afastais isto e escolheis aquilo? Estais baseando o vosso agir simplesmente na atração ou repulsão, e, por este modo, criais opostos. Eis porque existe essa contínua escolha que implica esforço. Enquanto escolherdes, enquanto a escolha existir, tem de haver dualidade. Podeis pensar ter escolhido o essencial; mas porque a vossa escolha se originou na atração e repulsão, no querer e no temor, ela meramente cria outro não-essencial.

Eis o que é a vossa vida. Um dia quereis uma cousa — e a escolheis porque dela gostais, e a desejais porque vos dá alegria e satisfação. No dia seguinte estais enfadado; o que escolhestes nada mais significa para vós, e o afastais afim de escolher outra cousa. Assim, a vossa escolha está baseada na contínua sensação; escolheis por meio da consciência da dualidade e esta escolha simplesmente perpetua os opostos.

Enquanto escolherdes entre opostos não há discernimento, e por isso deve haver esforço, esforço incessante, continuamente opostos e dualidade. A vossa escolha, portanto, é incessante, e o vosso esforço, contínuo. A vossa ação é sempre finita, sempre visando conseguimento, por isso existirá sempre essa vacuidade que sen-

tís. Mas, se a mente estiver livre da escolha, se ela possuir a capacidade de discernir, então a ação é infinita.

Explicarei novamente. Como falei, se disserdes: “Quero tal cousa”, nesta escolha criais um oposto. Do mesmo modo, depois desta escolha criais outro oposto, e, assim, passais de um oposto a outro por meio de um processo de contínuo esforço. Êste processo é a vossa vida, e nisto existem a luta e a dor, o conflito e o sofrimento incessantes. Se entenderdes isto, se realmente sentirdes com todo o vosso ser — isto é, tanto emocional como mentalmente — a futilidade da escolha, então já não escolheis; então há discernimento; há resposta intuitiva que é livre de escolha, e isto é apercebimento.

Se vos aperceberdes de que a vossa escolha originada nos opostos somente cria outro oposto, então percebeis o que é o verdadeiro. Mas, em maioria, não tendes a intensidade de desejo nem o apercebimento, porque quereis o oposto, porque quereis sensação. Portanto, nunca atingís o discernimento; nunca atingís êsse rico, pleno apercebimento que liberta a mente dos opostos. Nesta libertação dos opostos a ação já não é um conseguimento, mas preenchimento; ela nasce do discernimento que é infinito. Então, a ação brota de vossa própria plenitude e em tal ação não há escolha e, portanto, nenhum esforço.

Para conhecerdes essa plenitude, essa reali-

dade, precisais estar num estado de intenso apercebimento, que só podeis atingir quando enfrentais uma crise. A maioria de vós tendes passado por crises de várias espécies, relativas a dinheiro, pessoas, amor ou morte; e quando sois colhido numa destas crises, tendes que escolher, que decidir. Como decidís? A vossa decisão nasce do medo, do desejo, da sensação. Assim estais apenas adiando; estais escolhendo o que é conveniente, o que é agradável, e, por conseguinte, estais meramente criando outra sombra por que tendes de passar. Só quando sentís o absurdo de vossa existência atual, e isto não apenas intelectualmente, mas com todo o vosso coração e mente — quando realmente sentís o absurdo desta escolha contínua — então, dêste apercebimento, nasce o discernimento. Então não escolheis: agís. É fácil dar exemplos, mas não darei nenhum, pois frequentemente geram confusão.

Logo, para mim, o apercebimento não resulta da luta para estar apercebido: êle vem naturalmente, por si mesmo, quando estais conciente com todo o vosso ser, quando entendeis a futilidade da escolha. Atualmente escolheis entre duas cousas, dois modos de ação; escolheis entre isto e aquilo; um, compreendeis, o outro, não. Com o resultado de semelhante escolha esperais preencher a vossa vida. Agís de conformidade com as vossas querenças, vossos desejos. Naturalmente, quando êsse desejo é satis-

feito, a ação termina. Então, como ainda estais isolado, procurais outra ação, outro preenchimento. Cada um de vós tem defrontado uma dualidade na ação, uma escolha entre fazer isto ou aquilo; mas quando estiverdes conciente da futilidade da escolha, quando estiverdes conciente com todo o vosso ser, sem esforço, então discernireis verdadeiramente.

Só podeis verificar isto quando realmente estiverdes atravessando uma crise. Não o podeis verificar intelectualmente, quando sentado a gôsto e imaginando um conflito mental. Podeis conhecer a verdade disto somente quando estiverdes frente a frente com uma insistente necessidade de escolha, quando tiverdes que tomar uma decisão, quando todo o vosso ser exigir ação. Se nesse momento entenderdes com todo o vosso ser, se nesse momento fôrdes conciente da futilidade da escolha, então brotará daí a flôr da intuição, a flor do discernimento. A ação que daí nasce é infinita; então a ação é a própria vida. Então não há divisão entre ação e agente; tudo é contínuo. Não há preenchimento temporário, que logo passa.

P e r g u n t a : Explicai-nos, por favor, o que quereis significar dizendo que a autodisciplina é inútil. Que entendeis por autodisciplina?

K r i s h n a m u r t i : Se houvésseis compreendido o que venho dizendo, veríeis a futilidade

da autodisciplina. Mas explicarei isto novamente e procurarei torná-lo claro.

Por que pensais que deveis disciplinar-vos? Para que quereis disciplinar-vos? Quando dizeis: "Preciso disciplinar-me", mantendes diante de vós um padrão a que pensais deveis ajustar-vos. A autodisciplina existe enquanto desejais preencher a vacuidade existente dentro de vós; ela existe enquanto mantiverdes certa descrição do que seja Deus, a verdade, enquanto alimentardes certas séries de padrões de moral que vós mesmo vos forçais a aceitar como guias. Isto é, a vossa ação é regulada, controlada pelo desejo de adaptação. Mas se a ação nasce do discernimento, então não há disciplina.

Peço compreendais o que quero significar por discernimento. Não digais: "Aprendi a tocar piano. Não há nisto disciplina?" Ou: "Estudei matemática. Não é isto disciplina?" Não me estou referindo ao estudo da técnica, que não pode ser chamado disciplina. Falo da conduta da vida. Tornei isto claro? Receio que a maioria de vós não o tenha compreendido, pois estar livre da idéia de autodisciplina é muito difícil, porque desde a infância temos sido escravos da disciplina e do contrôlo. Livrar-vos da idéia da disciplina não quer dizer vos dirigais ao oposto, que devais ser caótico. O que eu digo é que quando há discernimento não há necessidade de autodisciplina; não há autodisciplina.

A maioria dentre vós estais presos pelo hábito da disciplina. Primeiramente, tendes uma imagem mental do que é direito, do que é verdadeiro, do que deve ser um bom caráter. A essa imagem mental procurais ajustar as vossas ações. Agís simplesmente de conformidade com essa imagem que retendes. Enquanto tiverdes uma idéia preconcebida do que é verdadeiro — e a maioria possui essa idéia — precisais agir de conformidade com ela. A maioria de vós é inconsciente de estar agindo de conformidade com um modelo, mas quando percebeis que assim estais agindo, já não continuais a copiar ou imitar; então a vossa própria ação revela o que é verdadeiro.

Vós o sabeis, a nossa educação física, a nossa educação religiosa e moral tende a nos moldar segundo um padrão. Quase todos temos sido educados desde a nossa infância para nos adaptarmos a um padrão — social, religioso, econômico — e a maioria é inconsciente disto. A disciplina tornou-se um hábito, e sois inconsciente dêsse hábito. Só quando vos tornardes conscientes de que vos estais disciplinando a um modelo é que a vossa ação terá origem no discernimento.

Assim, precisais primeiramente compreender por que vos disciplinais, não porque deveis ou não deveis fazê-lo. Que tem acontecido ao homem através de todos os séculos de autodisciplina? Ele se tem tornado mais máquina e me-

nos ser humano; simplesmente tem conseguido maior habilidade em imitação, em ser máquina. A autodisciplina, ou seja, a conformidade com uma imagem mental estabelecida, quer por vós próprio quer por outrem, não produz harmonia; simplesmente cria caos.

Que acontece quando tentais disciplinar-vos? A vossa ação está sempre criando vacuidade interna, porque procurais ajustar os vossos atos a um padrão. Mas se vos tornardes consciente de que estais agindo segundo um padrão — padrão criado por vós ou por outrem — então perceberéis a falsidade da imitação e a vossa ação brotará do discernimento, isto é, da harmonia de vossa mente e coração.

Ora, mentalmente quereis agir de determinado modo, mas emocionalmente não desejais o mesmo, e por isso surge o conflito. Para vencer êste conflito procurais segurança na autoridade, e esta autoridade torna-se o vosso padrão. Assim, não agís realmente como sentís e pensais; a vossa ação é motivada pelo medo, pelo desejo de segurança, e de tal ação nasce a autodisciplina. Vós o compreendestes?

Sabeis, compreender com tóda a intensidade de vosso ser é muito diferente de compreender apenas intelectualmente. Quando se diz: “Eu compreendo”, compreende-se em geral só intelectualmente. Mas a análise intelectual não vos libertará do hábito de autodisciplina. Quando agirdes, não digais: “Devo ver se êste ato pro-

vém da autodisciplina, se está de acôrdo com um padrão." Tal tentativa somente evita a verdadeira ação. Mas, se em vosso agir fôrdes conciente da imitação, então a vossa ação será espontânea.

Como acabei de dizer, se examinardes cada ato para determinar se êle provém da autodisciplina, ou da imitação, a vossa ação tornar-se-á mais e mais limitada; então há impecilho, resistência. Não agís verdadeiramente. Mas se fôrdes conciente, com todo o vosso ser, da futilidade do imitar, da futilidade do conformismo, então a vossa ação não será imitativa, restringida, entravada. Quanto mais analisais a vossa ação, menos agís. Não é assim? Para mim, a análise do agir não liberta a mente da imitação, que é conformidade, autodisciplina; o que liberta a mente da imitação é estar conciente, com todo o ser, na ação.

Para mim, a autoanálise frustra a ação, destrói a plenitude da vida. Talvez não concordeis com isto, mas, por favor, ouví o que tenho a dizer antes de decidir se concordais ou não. Digo que êste contínuo processo de autoanálise, que é autodisciplina, constantemente põe uma limitação no fluxo livre da vida, que é ação. Pois a autodisciplina se baseia na idéia do conseguimento, não na idéia da plenitude de ação. Vêdes a distinção? Numa há uma série de conseqüências, e portanto uma finalidade, enquanto que na outra a ação é oriunda do discernimento, e

tal ação é harmoniosa e, por isso, infinita. Tornei claro o assunto?

Observai-vos na próxima vez que disserdes: “Não devo”. A autodisciplina, o “devo”, o “não devo”, baseiam-se na idéia de consecução. Quando compreenderdes a futilidade da consecução — quando compreenderdes isto com todo o vosso ser, tanto emocional como intelectualmente — então já não há um “devo” e um “não devo”.

Presentemente estais preso nessa tentativa de vos conformardes com uma imagem existente em vossa mente, tendes o hábito de pensar “devo” ou “não devo”. Assim, na próxima vez que pensardes dêsse modo, tornai-vos apercebido do que se passa convosco mesmo, e nesse apercebimento discernireis o que é verdadeiro, e libertar-vos-eis da restrição do “devo e “não devo”.

P e r g u n t a : Dizeis que ninguém pode ajudar outrem. Por que, então, percorreis o mundo falando a todos?

K r i s h n a m u r t i : Necessita que seja respondido? Isto implica em muita cousa se o compreenderdes. Sabeis, a maioria de nós deseja adquirir sabedoria ou verdade por meio de outrem, mediante algo vindo do exterior. Ninguém vos poderá transformar num artista; só vós próprio podereis fazê-lo. É isto que de-

sejo dizer: posso dar-vos tinta, pincéis e tela, mas vós próprio tendes de vos tornar o artista, o pintor. Não vos posso fazer pintor. Ora, em vossas tentativas para vos tornardes espiritual, procurais, em maioria, instrutores, salvadores; digo, entretanto, que ninguém no mundo vos pode libertar do conflito da tristeza. Alguns vos podem dar os materiais, os utensílios, mas ninguém vos pode dar a chama da vida criativa.

Sabeis, pensamos em termos de técnica, mas a técnica não vem em primeiro lugar. Tendes, antes, que possuir a flama do desejo, e então vem a técnica em seguida. “Mas”, dizeis: “Deixai-me aprender. Se me ensinarem a técnica da pintura, então serei capaz de pintar”. Há muitos livros que descrevem a técnica de pintar, mas pelo seu simples aprendizado nunca vos transformareis num artista criador. Unicamente quando ficais só, sem técnica, sem mestres, somente então podeis encontrar a verdade.

Compreendamos isto antes de tudo. Presentemente estais baseando as vossas idéias na conformidade. Pensais que existe um padrão, um caminho, pelo qual possais encontrar a verdade; mas, se examinardes, descobrireis que não há senda que conduza à verdade. Para serdes conduzido à verdade, tendes de saber o que é a verdade, e o vosso guia deve saber o que ela é. Não é assim? Digo que um homem que ensina a verdade pode possuí-la, mas se êle se oferece para guiar-vos a ela e fôrdes guiado, então am-

vos estarão iludidos. Como podeis conhecer a verdade se permaneceis ainda cativo da ilusão? Se a verdade existe, ela se expressa por si mesma. Um grande poeta tem o desejo, a chama do escrever criador, e escreve. Se tendes o desejo, aprendeis a técnica.

Sinto que ninguém pode guiar outrem à verdade, porque a verdade é infinita; é uma terra sem caminhos, e ninguém pode dizer-vos como encontrá-la. Ninguém pode ensinar-vos a ser um artista; alguém poderá apenas dar-vos os pincéis e a tela e mostrar-vos as cores a usar. Ninguém me ensinou, eu vos asseguro, nem aprendi de livros o que estou dizendo. Mas observei, lutei, e procurei descobrir. Só quando estais absolutamente desnudo, livre de tôdas as técnicas, livre de todos os instrutores, é que descobris.

TERCEIRA PALESTRA EM ALPINO

6 de julho de 1933

Amigos,

Tenho procurado mostrar nestas palestras que quando a ação envolve esforço, autodomínio — e já expliquei o que entendo por estas palavras — deve haver diminuição e limitação da vida, mas onde a ação for sem esforço, espontânea, haverá plenitude de vida. Portanto, o que digo se refere à plenitude da própria vida, não ao caos da mal-entendida libertação. Explicarei novamente o que quero significar por ação sem esforço.

Quando estais conciente da falta de plenitude, tendes o desejo de encontrar um objetivo ou um fim que será vossa autoridade, e por êste meio esperais preencher êsse vazio, essa falta. Em maioria estamos continuamente procurando um objetivo, um fim, uma imagem, um

ideal para nosso conforto. Trabalhamos incessantemente para este objetivo porque estamos concientes da luta que surge da falta de plenitude. Mas, se compreendermos a falta de plenitude em si, então não continuaremos mais a procurar um objetivo, que é apenas uma substituição.

Para compreenderdes a falta de plenitude e sua causa, precisais descobrir por que procurais um objetivo. Por que trabalhais para uma finalidade? Por que desejais disciplinar-vos de conformidade com um modelo? Porque a falta de plenitude, de que estais mais ou menos conciente, faz surgir esforço continuado, luta continuada, dos quais a mente procura escapar pelo estabelecimento da autoridade de um ideal confortador que espera lhe sirva de guia. Daí a ação em si mesma não ter significado; ela se torna simplesmente um degrau para uma finalidade, um objetivo. Em vossa busca pela verdade utilizais a ação apenas como meio de atingir um fim e com isso se perde o significado da ação. Fazeis um grande esforço para atingir um objetivo e a importância de vossa ação repousa na finalidade a que êle conduz — não na ação em si mesma.

A maioria das pessoas estão presas na busca de recompensa, na tentativa de escapar à punição. Elas trabalham visando resultados; são estimuladas por um motivo, e por isso a sua ação não pode ser completa. Em maioria estão apa-

nhadas nesta prisão de falta de plenitude e por conseguinte teem que se tornar concientes dessa prisão.

Se não compreendeis o que quero dizer, interrompei-me, por favor, e explicarei outra vez.

Digo que tendes de vos tornar conciente de que sois um prisioneiro; tendes de perceber que estais continuamente procurando escapar da falta de plenitude e de que a vossa busca da verdade é apenas uma fuga. O que denominais busca da verdade, de Deus, por meio da autodisciplina e da consecução é apenas uma fuga à carência.

A causa da carência está na própria busca da aquisição, mas estais sempre fugindo dessa causa. A ação proveniente da autodisciplina, do temor, ou do desejo de consecução, é a causa da carência. Ora, quando vos apercebeis de que tal ação é em si mesma a causa da carência, desta estais liberto. No momento em que vos tornais apercebido do veneno êle cessa de ser um problema para vós. É um problema somente enquanto não fôrdes ciente da ação dêle em vossa vida.

A maioria das pessoas, porém, ignoram a causa de sua carência e dessa ignorância surge o esforço incessante. Quando se tornam apercebidas da causa — que é a busca da consecução — então, nesse apercebimento, há plenitude. plenitude que não requer esforço. Então, em

vossa ação, não há mais esforço, nem autoanálise, nem disciplina.

Da falta de plenitude surge a busca do conforto, da autoridade, e a tentativa para alcançar este objetivo priva a ação de seu significado intrínseco. Quando, porém, vos tornais integralmente apercebido, com a vossa mente e o vosso coração, da causa da falta de plenitude, então esta carência cessa. Dêste apercebimento advém a ação que é infinita por ter significado em si mesma.

Por outras palavras, enquanto a mente e o coração estiverem presos na querença, no desejo, tem que haver vacuidade. Quereis cousas, idéias, pessoas só quando estais conciente da vossa própria vacuidade, e êsse querer cria a escolha. Quando houver anelo tem que haver escolha e esta vos precipita no conflito das experiências. Tendes a capacidade de escolher e assim a vós mesmo limitais por vossa escolha. Somente quando a mente está livre da escolha há libertação.

Todo querer, todo anelo é obscurecente, e a vossa escolha provém do temor, do desejo de consôlo, conforto, recompensa, ou como resultado de astucioso cálculo. Devido à vossa vacuidade interna, há o querer. Desde que a vossa escolha é sempre baseada na idéia de lucro, não pode haver verdadeiro discernimento, nem verdadeira percepção; há apenas o querer. Quando escolheis, do modo por que o fazeis, a vossa es-

colha cria meramente outro conjunto de circunstâncias que resultam em novo conflito e escolha. A vossa escolha, que provém da limitação, estabelece uma nova série de limitações, e estas criam a consciência que é o “eu”, o ego. À multiplicação da escolha chamaís experiências. Recorreis a estas experiências para que vos livrem do cativeiro, porém elas jamais o poderão fazer, porque as julgais como um contínuo movimento de aquisição.

Permití que ilustre isto com um exemplo que talvez transmita meu pensamento. Suponde que perdeis, pela morte, um ente muito querido. Esta morte é um fato. Ora, experimentareis imediatamente um sentimento de perda, uma ansiedade para estar novamente junto dessa pessoa. Quereis a volta do vosso amigo, e, como não o podeis ter novamente, vossa mente cria ou aceita uma idéia para satisfazer êsse anelo emocional.

A pessoa a quem amais vos foi arrebatada. Então, porque sofreis, porque estais conciente de uma intensa vacuidade, de uma solidão, quereis ter novamente vosso amigo. Isto é, quereis pôr têrmo ao vosso sofrimento, alijá-lo, esquecê-lo; quereis amortecer a consciência dessa vacuidade, que se achava oculta quando estáveis na companhia do amigo querido. A vossa ansiedade nasce do desejo de consôlo; mas, como não podeis ter o confôrto da presença do amigo, pensais em alguma idéia que vos possa

satisfazer — reencarnação, vida após a morte, unidade de toda a vida. Em tais idéias — não digo que sejam certas ou erradas, discutí-las-emos em outra ocasião — em tais idéias, repito, achais consôlo. Por não poderdes ter a pessoa que amais, vós vos consolais mentalmente com essas idéias. Isto é, sem discernimento verdadeiro aceitais qualquer idéia, qualquer princípio que no momento vos pareça satisfazer, para alijar essa consciência de vacuidade que causa sofrimento.

Assim, a vossa ação é baseada na idéia de consôlo, na idéia de multiplicação de experiências; a vossa ação é determinada pela escolha que tem suas raízes no querer. Porém, no momento em que vos tornais apercebido com vossa mente e coração, com todo o vosso ser, da futilidade da querença, então cessa a vacuidade. Agora estais apenas parcialmente consciente desta vacuidade, por isso procurais obter satisfação na leitura de novelas, aturdindo-vos nas diversões criadas pelo homem em nome da civilização; e a essa busca de sensação chama-se experiência.

Tendes de perceber, com o vosso coração tão bem quanto com a vossa mente, que a causa da vacuidade é o desejo, que resulta em escolha e impede o verdadeiro discernimento. Quando estiverdes apercebido disto, então cessará a querença.

Como tenho dito, quando se sente uma va-

cuidade, uma carência, aceita-se sem discernimento verdadeiro. E a maioria das ações de que são constituídas as nossas vidas estão baseadas nesse sentimento de carência. Podemos pensar que as nossas escolhas se baseiam na razão, no discernimento; podemos pensar que pesamos as possibilidades e calculamos as oportunidades antes de fazer uma escolha. Entretanto, porque há em nós um desejo ardente, uma querença, uma ansiedade, não podemos conhecer a verdadeira percepção ou discernimento. Quando entendeis isto, quando o percebeis com todo o vosso ser, tanto emocional como mentalmente, quando compreendeis a futilidade do desejo, êle cessa. Então estais livre da sensação de vacuidade. Nessa chama de apercebimento não há disciplina, não há esforço.

Mas não percebemos isto plenamente; não nos tornamos apercebidos, porque experimentamos um prazer no desejo, porque esperamos continuamente que o prazer no desejo suplante a dor. Esforçamo-nos para conseguir o prazer embora saibamos que êle não está livre da dor. Se vos tornardes inteiramente apercebido de todo o significado disto, tereis forjado um milagre para vós mesmo; então experimentareis a libertação do desejo, e, em consequência, a libertação da escolha; então já não sereis essa consciência limitada, o "eu".

Onde há dependência ou busca de outrem para apôio, para encorajamento, onde há espe-

rança em outrem, há solidão. Em vossa busca de alguém para preenchimento, para felicidade, ou bem-estar, em vossa busca de alguém para consôlo, na vossa dependência de alguma pessoa ou idéia como uma autoridade em assuntos de religião — em tudo isto há absoluta solidão. Porque estais assim dependente e por isso isolado, procurais conforto, ou um meio de fuga; procurais a autoridade e o apôio de outrem para vos dar consôlo. Quando porém vos tornardes apercebido da falsidade de tudo isso, quando vos tornardes apercebido com o vosso coração quanto com a vossa mente, então haverá cessação do isolamento, por isso que já não confiareis em outrem para a vossa felicidade.

Assim, onde há escolha não pode haver discernimento, pois o discernimento é sem escolha. Onde há escolha e capacidade de escolher há somente limitação. Somente quando cessa a escolha há libertação, plenitude, pujança de ação, que é a vida mesma. A criação é sem escolha, como a vida é sem escolha, como o entendimento é sem escolha. Assim é a verdade; é uma ação contínua, um eterno vir-a-ser, em que não há escolha. É discernimento puro.

P e r g u n t a : Como podemos desembaraçar-nos da falta de plenitude sem formar um ideal da plenitude? Após a realização da plenitude pode não haver necessidade de um ideal, mas antes disso algum ideal parece inevitável, em-

bora tenha de ser provisório e de mudar segundo o crescimento da compreensão.

K r i s h n a m u r t i : As vossas próprias palavras de que precisais de um ideal para vencer a falta de plenitude mostram que somente tentais superpor êste ideal à falta de plenitude. É isto o que a maioria de vós tentais fazer. É somente quando descobrís a causa da falta de plenitude e dela ficais apercebido que vos tornais completo. Mas não descobrís essa causa. Não compreendeis o que estou dizendo, ou, melhor, compreendeis apenas com as vossas mentes, apenas intelectualmente. Qualquer um pode fazer isso, mas entender realmente exige ação.

Atualmente sentís falta de plenitude, e por isso procurais um ideal, o ideal da plenitude. Isto é, estais procurando um oposto da falta de plenitude, e ansiando por êsse oposto, apenas criais outro. Isto poderá parecer enigmático, mas não o é. Procurais continuamente o que vos parece o essencial. Um dia imaginais certa coisa essencial; vós a escolheis, por ela lutais e a possuís; mas, nesse interim, ela já se tornou não-essencial. Ora, se a vossa mente estiver livre de todo o sentimento de dualidade, livre da idéia do essencial e do não-essencial, então não vos defrontareis com o problema da escolha; então agireis na plenitude do discernimento e já não procurareis a imagem da plenitude.

Por que vos apegais ao ideal de liberdade

quando vos achais numa prisão? Criais ou inventais êsse ideal de liberdade porque não podeis fugir da vossa prisão. O mesmo acontece com os vossos ideais, os vossos deuses, as vossas religiões: são a criação do desejo de escapar para o conforto. Vós próprio tendes transformado o mundo em uma prisão, uma prisão de sofrimento e conflito; e por ser o mundo assim, criais um deus ideal, uma liberdade ideal, uma verdade ideal. E estes ideais, estes opostos, são apenas tentativas de evasão emocional e mental. Os vossos ideais são meios de fuga da prisão em que estais encerrado. Mas, se vos tornardes conciente dessa prisão, apercebido do fato de que estais procurando fugir, então esse apercebimento destruirá a prisão; então, ao invés de perseguir a liberdade, conhecê-la-eis.

A liberdade não vem a quem a procura. A verdade não é encontrada por quem a procura. Só quando percebeis com tôda a vossa mente e coração o estado da prisão em que viveis, só quando compreendeis o significado dessa prisão, só então sois livre, naturalmente e sem esforço. Essa realização só se pode dar quando estais em grande crise, mas vós, em maioria, tentais evitar as crises. Ou, quando vos defrontais com uma crise, imediatamente buscais conforto na idéia de religião, na idéia de Deus, na idéia de evolução; vós vos voltais para os sacerdotes, para os guias espirituais, afim de confortar-vos; buscais distração nos divertimentos.

Tudo isto não é senão fuga do conflito. Mas, se realmente enfrentais a crise que está ante vós, se percebeis a futilidade, a falsidade da fuga como simples meio de adiamento da ação, então, neste apercebimento, desabrocha a flor do discernimento.

Portanto, precisais tornar-vos apercebido na ação, o que revelará as ocultas instâncias da ansiedade. Mas êste apercebimento não resulta da análise. A análise meramente limita a ação. Respondí à pergunta?

P e r g u n t a : Tendes enumerado as etapas sucessivas do processo de criar autoridades. Podeis enumerar as etapas do processo inverso, do processo de se libertar de tôda autoridade?

K r i s h n a m u r t i : Receio que a pergunta tenha sido mal proposta. Não perguntais o que cria a autoridade, mas como vos libertar da autoridade. Por favor, permití que o diga novamente: uma vez que sois conciente da causa da autoridade, estais livre dessa autoridade. A causa da criação da autoridade é o importante — não as etapas que a ela conduzem ou as que levam à sua destruição.

Por que criais a autoridade? Qual a causa por que a criais? É, como tenho dito, a busca de segurança, e terei de dizer isto tantas vezes que quase se vos torne uma fórmula. Agora estais procurando uma segurança em que supon-

des não necessitareis fazer esforço, onde não necessitareis lutar com o vosso vizinho. Mas não atingireis êste estado de segurança buscando-o. Há um estado que é preenchimento, que é a certeza da beatitude, um estado em que agís partindo da própria vida; porém, só o atingís quando já não buscais a segurança. Somente quando entenderdes com todo o vosso ser que nada há na vida que se chame segurança, somente quando estiverdes livre desta busca constante, pode haver plenitude.

Assim, criais autoridade sob a forma de ideais, sob a forma de sistemas religiosos, sociais, econômicos, todos baseados na busca de segurança individual. E vós próprio sois, por consequência, responsável pela criação da autoridade, de que vos tornastes um escravo. A autoridade não existe por si mesma. Ela não tem existência independente de quem a cria. Vós a criastes, e até que tenhais percebido, com todo o vosso ser, a causa de sua criação, dela sereis um escravo. E podeis tornar-vos conciente desta causa somente quando estais agindo, não por meio da autoanálise ou da discussão intelectual.

P e r g u n t a : Não desejo um conjunto de regras para ficar "apercebido", mas, gostaria muito de compreender o que é o apercebimento. Não é necessário fazer um grande esforço para ficar apercebido de cada pensamento, à medida

que surge, antes de se chegar ao estado de isenção de esforço?

K r i s h n a m u r t i : Por que desejais ficar apercebido? Qual a necessidade de ficar apercebido? Se estais perfeitamente satisfeito como vos achais, continuai assim. Quando dizeis, “devo ficar apercebido”, estais apenas fazendo do apercebimento outro fim a ser atingido, e dêsse modo jamais vos tornareis apercebido. Haveis-vos desembaraçado de uma coleção de regras, e, agora, estais criando outra, ao invés de tentar ficar apercebido quando estais em grande crise, quando estais sofrendo.

Enquanto procurais conforto e segurança, enquanto vos sentís à vontade, apenas considerais o assunto intelectualmente, e dizeis: “Devo ficar apercebido”. Quando, porém, no âmago do sofrimento tentais descobrir o seu significado, quando dêle não procurais fugir, quando em uma crise chegais a uma decisão — não originada da escolha, mas da ação mesma — então, realmente vos tornais apercebido. Mas quando tentais escapar, vossa tentativa para vos tornardes apercebido é vã. Não desejais de fato estar apercebido, não quereis descobrir a causa do sofrimento; todo o vosso cuidado é com a fuga.

Vindes aquí e me ouvís dizer que fugir ao conflito é fútil. Não obstante, dêle desejais fugir. Assim, realmente quereis dizer: “Como poderemos fazer ambas as cousas?” Sub-repticia-

mente, astuciosamente, no fundo de vossas mentes desejais as religiões, os deuses, os meios de fuga que habilmente tendes inventado e construído através dos séculos. No entanto vindes ouvir-me quando digo que jamais encontrareis a verdade por meio da orientação de outrem, por meio da fuga, por meio da busca de segurança, que resulta apenas em eterna solidão. Então, perguntais: “Como poderemos atingir ambos? Como poderemos conciliar a fuga com o apercebimento? Haveis confundido as duas cousas e procurais uma conciliação; em consequência, perguntais: “Como me posso tornar apercebido? Mas, se ao invés disto, lealmente vos disserdes: “Desejo fugir, desejo conforto”, então encontrareis exploradores que vos darão o que desejais. Vós próprio tendes criado exploradores em virtude do vosso desejo de fugir. Descobrí o que quereis, percebei por que ansiais; então a questão do apercebimento não surgirá. Por estardes isolado quereis consolação. Mas se procurais consolação, sêde leal, franco, sêde apercebido do que quereis e consciente do que estais buscando. Então poderemos compreender o assunto.

Posso dizer-vos que da dependência de outrem, da busca do conforto resulta solidão eterna. Posso tornar isto bem claro para vós, e, por vosso turno, podeis concordar ou discordar. Posso mostrar-vos que no querer há eterno vazio e inanidade. Mas colheis satisfação da sen-

sação, do prazer, das alegrias passageiras que preenchem as vossas querências, os vossos desejos. Depois, quando vos mostro a falsidade do querer, não sabeis como agir. Assim, transigindo, começais a vos disciplinar, e esta tentativa de disciplina destrói o vosso viver criador. Quando realmente percebeis o absurdo, a vacuidade do querer, então, esse querer cai de vós sem o vosso esforço. Mas, enquanto permaneceis escravizado à idéia de escolha, tendes que fazer um esforço, e disto surge, como um oposto, o desejo de apercebimento, o problema do viver sem esforço.

P e r g u n t a : Falaís ao homem, mas o homem primeiro foi uma criança. Como podemos educar uma criança sem disciplina?

K r i s h n a m u r t i : Concordais que a disciplina é fútil? Sentís a futilidade da disciplina?

C o m e n t á r i o d o a u d i t ó r i o : Mas partís do ponto em que o homem já é homem. Desejo começar com a criança como criança.

K r i s h n a m u r t i : Todos somos crianças; todos nós temos que começar não com os outros, mas conosco mesmos. Quando fizermos isto, então descobriremos o verdadeiro modo de agir com as crianças.

Não podeis começar com as crianças *porque* sois os pais; tendes que começar convosco mesmos. Suponhamos que tendes um filho. Acreditais na autoridade e o educais de conformidade com essa crença; se, porém, compreendêsseis a futilidade da autoridade, vós o libertaríeis dela. Portanto, antes de tudo, tendes de verificar o significado da autoridade em vossa vida.

O que digo é muito simples. Digo que a autoridade é criada quando a mente procura conforto na segurança. Portanto, principiai convosco mesmos. Começai com o vosso próprio jardim, não com o de algum outro. Quereis criar um novo sistema de pensamento, um novo sistema de idéias, um novo sistema de conduta; porém, não podeis criar algo novo reformando algo velho. Tendes que romper com o velho, afim de iniciar o novo; mas só podereis romper com o velho quando compreenderdes a sua causa.

SEGUNDA PALESTRA EM STRESA

8 de julho de 1933

P e r g u n t a : Já foi dito que realmente aprisionais o indivíduo em vez de libertá-lo. É isto verdade?

K r i s h n a m u r t i : Depois que eu houver respondido a esta pergunta podereis vós mesmo saber se estou libertando ou aprisionando o indivíduo.

Tomemos o indivíduo como ele é. Que entendemos por indivíduo? Uma pessoa que é controlada e dominada pelos seus temores, suas decepções, suas ansiedades, os quais criam uma certa série de circunstâncias que a escravizam e a forçam a se ajustar a uma estrutura social. É isto o que entendemos por indivíduo. Por meio de nossos temores, nossas superstições, nossas vaidades e nossas ansiedades, criámos

certo conjunto de circunstâncias das quais nos tornámos escravos. Quase perdemos nossa individualidade, nossa unicidade. Quando examinardes a vossa ação na vida diária, verificareis que ela é apenas uma reação a um conjunto de padrões, a uma série de idéias.

Por favor, acompanhai o que estou dizendo e não digais que incito o homem a libertar-se de modo a poder fazer o que bem entender — de modo a produzir ruína e desastre.

Antes de tudo desejo esclarecer que somos apenas reações a uma série de padrões e idéias que criámos por meio de nosso sofrimento e temor, por meio de nossa ignorância, por meio de nosso desejo de posse. A essa reação chamamos ação individual, mas para mim isto não é absolutamente ação. É uma constante reação em que não há ação positiva.

Dí-lo-ei de outro modo. No presente o homem é apenas vacuidade de reação, nada mais. Ele não age baseado na integridade de sua natureza, na sua plenitude, na sua sabedoria; ele age meramente baseado numa reação. Afirmo que o caos, a completa destruição está tendo lugar no mundo por não agirmos baseados em nossa plenitude, mas em nosso temor, em nossa falta de entendimento. Uma vez que nos torne-mos concientes do fato de que o que chamamos individualidade é apenas uma série de reações nas quais não há plenitude de ação; uma vez que compreendamos que essa individualidade é

apenas uma série de reações nas quais há contínuo vazio, um vácuo, então agiremos harmoniosamente.

Como podereis descobrir o valor de um dado padrão que mantendes? Não o fareis agindo em oposição a êsse padrão, mas pesando, comparando o que realmente pensais e sentís com o que êle exige. Verificareis que o padrão exige certas ações, enquanto a vossa ação instintiva tende para outra direção. Que fareis então? Se fizerdes o que pede o vosso instinto, a vossa ação vos conduzirá ao caos, porque nossos instintos foram pervertidos através de séculos pelo que chamamos educação — educação essa que é inteiramente falsa. O vosso próprio instinto requer um tipo de ação, mas a sociedade, que nós individualmente criámos no decorrer dos séculos, sociedade de que nos tornámos escravos, exige outro tipo de ação. E quando agís de conformidade com a série de padrões exigidos pela sociedade não estais agindo com plenitude de compreensão.

Refletindo realmente sôbre as exigências de vossos instintos e as da sociedade, descobrireis como podereis agir com sabedoria. Essa ação liberta o indivíduo; não o aprisiona. Mas a libertação do indivíduo exige grande ardor, grande busca na profundidade da ação; não é o resultado da ação oriunda de um impulso momentâneo.

Assim, tendes de reconhecer o que sois ago-

ra. Por melhor que tenhais sido educado, sois apenas parcialmente um verdadeiro indivíduo; a maior parte de vosso ser é determinada pela reação para com a sociedade que criastes. Sois apenas uma engrenagem numa tremenda máquina a que chamais sociedade, religião, política, e, enquanto fôrdes uma tal engrenagem, a vossa ação será oriunda da limitação; ela vos conduzirá somente à desharmonia e ao conflito. O caos atual resultou de vossa ação. Mas se agísseis partindo de vossa plenitude descobriríeis o verdadeiro valor da sociedade e o instinto que origina a vossa ação; então esta seria harmoniosa, não um compromisso.

Antes que tudo, portanto, precisais tornar-vos conciente dos falsos valores estabelecidos através dos séculos e aos quais vos escravizastes; precisais tornar-vos conciente dos valores para descobrir se são falsos ou verdadeiros, e isto precisais fazê-lo por vós mesmo. Ninguém o poderá fazer por vós — e aí reside a grandeza e a glória do homem. Dêsse modo, pela descoberta do verdadeiro valor dos padrões, libertais a mente dos falsos padrões transmitidos através do tempo. Mas tal libertação não significa ação impetuosa, instintiva, conduzindo ao caos; significa ação nascida da plena harmonia da mente e coração.

P e r g u n t a : Nunca vivestes a vida de um homem pobre; tendes tido sempre a segurança

invisível dos vossos amigos ricos. Falais do abandono absoluto de toda espécie de segurança na vida, mas milhões de pessoas vivem sem essa segurança. Dizeis que se não pode realizar o que se não experimentou; por conseguinte, não podeis saber o que a pobreza e a insegurança física realmente são.

K r i s h n a m u r t i : Esta é uma pergunta que frequentemente me tem sido feita; já a tenho respondido muitas vezes, porém, respondê-la-ei de novo.

Primeiramente, quando falo de segurança, refiro-me à que a mente estabelece para o seu próprio conforto. A segurança física, um certo grau de conforto físico é necessário ao homem para que possa existir. Assim, não façais confusão entre as duas. Atualmente cada um de vós está procurando não somente a segurança física, mas também a mental, e nesta busca estabeleceis autoridade. Quando entendeis a falsidade da segurança que procurais, então ela cessa de ter algum valor; então compreendeis que embora seja preciso um mínimo de segurança física, mesmo esta pode ter apenas pequeno valor. Daí em diante já não continuareis a concentrar toda a vossa mente e coração na constante aquisição de segurança física.

Direi isto de outro modo, que espero seja claro; mas o que quer que se diga pode facilmente ser mal compreendido. Precisa-se atra-

vessar a ilusão das palavras para se descobrir o pensamento que alguém nos deseja transmitir. Espero que tenteis assim proceder durante esta palestra.

Afirmo que vossa busca de virtude, que é meramente o oposto do que chamais vício, é apenas busca de segurança. Porque tendes uma série de padrões em vossa mente, buscais a virtude pela satisfação que disso vos advém; pois a virtude é para vós apenas um meio de segurança aquisitiva. Não tentais adquirir virtude pelo seu próprio valor intrínseco, mas pelo que ela vos pode dar em troca. Portanto, as vossas ações teem por objetivo a mera busca de virtude; em si mesmas são sem valor. A vossa mente procura constantemente virtude afim de obter por meio dela outra cousa, e assim a vossa ação é sempre um degrau para qualquer nova aquisição.

Talvez a maioria de vós aquí esteja procurando mais segurança espiritual do que física. Procurais segurança espiritual ou porque já possuíis segurança física — um grande depósito no banco, uma posição estável, uma posição de destaque na sociedade — ou porque não podeis conseguir segurança física, e por isso vos voltais para a segurança espiritual como substituição. Mas, para mim, não existe segurança, um abrigo onde a vossa mente e emoção possam achar conforto. Quando entenderdes isto, quando vossa mente estiver livre da idéia

de conforto, então já não continuareis a vos apegar à segurança como agora fazeis.

Perguntais-me como posso entender a pobreza se a não experimentei. A resposta é simples. Desde que não estou procurando segurança física ou mental, não tem importância para mim se o alimento me é dado por amigos ou se trabalho para obtê-lo. É de mui pouca importância para mim viajar ou não. Se sou chamado, venho; se não o sou, pequena diferença me faz. Porque sou rico em mim mesmo (e não o digo por vaidade), porque não procuro segurança, tenho poucas necessidades materiais. Mas, se eu estivesse procurando conforto físico, exageraria as necessidades materiais, exageraria a pobreza.

Encaremos isto diferentemente. A maior parte de nossas querelas em todo o mundo se relaciona com o possuir e o não-possuir; está relacionada com a aquisição disto e a proteção daquilo. Ora, por que damos tanto realce à posse? Assim fazemos porque ela nos proporciona poder, prazer, satisfação; proporciona-nos certa segurança de individualidade e fornece-nos campo para a nossa ação, nossa ambição. Realçamos a posse pelo que dela nos advém.

Mas se nos tornarmos ricos em nós mesmos, então a vida fluirá em nós harmoniosamente; então os bens ou a pobreza já não terão grande importância para nós. Porque damos exagerada importância às posses perdemos a riqueza da

vida; ao passo que, se fôssemos completos em nós mesmos, descobriríamos o valor intrínseco de tôdas as cousas e viveríamos na harmonia da mente e do coração.

P e r g u n t a : Foi dito que sois a manifestação do Cristo em nossos dias. Que tendes a dizer sôbre isto? Se é verdade, por que não falais de amor e compaixão?

K r i s h n a m u r t i : Meus amigos, por que fazeis semelhante pergunta? Por que perguntais se sou a manifestação de Cristo? Perguntais porque quereis vos assegure se sou ou não o Cristo afim de que possais julgar o que digo de conformidade com o padrão que possuís. Há duas razões por que me fazeis esta pergunta: julgais saber o que o Cristo é, e por isto dizeis: "Agirei de conformidade"; ou, se digo ser o Cristo, imaginais então que o que digo deve ser verdadeiro. Não estou fugindo da pergunta, mas não vos vou dizer quem sou. Isto é de mui pequena importância, e, além disso, como poderíeis saber o que sou ou quem sou mesmo que eu vo-lo dissesse? Esta especulação é de mui pequena importância. Portanto, não nos preocupemos sôbre quem sou, mas verifiquemos a razão por que fazeis essa pergunta.

Desejais saber quem sou em virtude de estardes incertos quanto a vós mesmos. Não estou afirmando ser ou não o Cristo. Não vos estou

dando uma resposta categórica, porque para mim a pergunta carece de importância. O que é importante é saberdes se o que digo é verdadeiro, e isto não depende do que sou. É alguma cousa que só podeis verificar libertando-vos dos vossos preconceitos e padrões. Não podeis obter a verdadeira libertação dos preconceitos voltando-vos para uma autoridade, trabalhando para um objetivo; todavia, é o que estais fazendo; sub-repticiamente, persistentemente, procurais uma autoridade, e nesta busca apenas vos estais transformando em máquinas de imitar.

Perguntais por que não falo de amor, de compaixão. Fala a flor de seu perfume? Ela simplesmente é. Tenho falado sôbre o amor; mas para mim o importante não é discutir o que é o amor ou a compaixão, porém libertar a mente de tôdas as limitações que impedem o fluxo natural do que chamamos amor e compaixão. O que o amor é, o que é a compaixão, vós o sabereis quando a vossa mente e coração estiverem livres da limitação que chamamos egoísmo, autoconsciência; então sabereis sem interrogar, sem discutir. Interrogais-me agora por supordes que depois podereis agir de acôrdo com o que descobrires por meu intermédio, que, então, tereis uma autoridade para basear a vossa ação.

Portanto, repito, a verdadeira questão não é porque não falo a respeito de amor e compaixão, mas, antes, o que impede o viver natural

e harmonioso do homem, a plenitude de ação que é amor. Tenho falado das numerosas barreiras que impedem o nosso viver natural, e explicado que tal viver não significa ação instintiva, caótica, mas viver rica, plenamente. Vida rica, natural, que tem sido evitada através de séculos de conformismo, através de séculos do que chamamos educação, que tem sido apenas um processo de produzir tantas criaturas mecanizadas. Mas, ao compreenderdes a causa dêsses obstáculos e barreiras que tendes criado para vós mesmo, pelo temor em vossa busca de segurança, então dêles vos libertareis; então haverá amor. Mas esta é uma realização que não pode ser discutida. Não discutimos a luz do sol. Ela aí está; sentimos seu calor e percebemos sua beleza penetrante. Só quando o sol está oculto é que discutimos sôbre a sua luz. E assim é com o amor e a compaixão.

P e r g u n t a : Nunca nos destes uma concepção clara do mistério da morte e da vida depois da morte, não obstante falais constantemente de imortalidade. Acreditais com certeza na vida após a morte?

K r i s h n a m u r t i : Desejais saber categoricamente se há ou não aniquilamento após a morte; êste é um modo errôneo de tratar do problema. Espero que acompanheis o que digo, pois, de outra forma, minha resposta não será

clara para vós, e pensareis não ter eu respondido à vossa pergunta. Por favor, interrompei-me se não compreenderdes.

A que vos referís quando falais da morte? À vossa tristeza pela morte de outrem e ao temor de vossa própria morte. A tristeza é despertada pela morte de outrem. Quando o vosso amigo morre, vós vos tornais conciente da solidão porque vos amparastes nele, porque vos completastes mutuamente, porque vos compreendestes, vos apoiastes e vos encorajastes um ao outro. Assim, quando o vosso amigo parte, tendes consciência de vacuidade; quereis essa pessoa de volta para preencher a parte de vossa vida que ela antes havia preenchido.

Quereis o vosso amigo de novo, mas desde que não podeis rehavê-lo, vos voltaís para as várias idéias intelectuais, para os vários conceitos emocionais, que, julgais, vos darão satisfação. Procurais tais idéias para consôlo, conforto, em vez de verificar a causa do vosso sofrimento e de vos libertar eternamente da idéia da morte. Entregais-vos a uma série de consolos e satisfações que gradualmente diminuem o vosso intenso sofrimento; no entanto, quando a morte volta, experimentais outra vez o mesmo sofrimento.

A morte vem e vos causa intensa tristeza. Uma pessoa a quem muito amais se foi e sua ausência acentua a vossa solidão. Mas, em vez de procurar a causa dessa solidão, tentais fugir-

lhe, por meio de satisfações mentais e emocionais. Qual a causa dessa solidão? A dependência de outrem, a insuficiência de vossa própria vida, a contínua tentativa de evitar a vida. Não desejais descobrir o verdadeiro valor dos fatos; ao invés, atribuíis um valor ao que é apenas um conceito intelectual. Dessa forma, a perda de um amigo causa-vos sofrimento porque vos torna plenamente conciente de vossa solidão.

Há ainda o temor da própria morte. Quero saber se viverei após a minha morte, se reencarnarei, se haverá uma continuação de mim sob alguma forma. Estou preocupado com estas esperanças e temores porque nunca tive um momento de plenitude em minha vida; jamais conheci um único dia sem conflito, um só dia em que me sentisse completo como uma flor. Portanto, tenho êsse intenso desejo de preenchimento, um desejo que envolve a idéia de tempo.

Que queremos dizer quando nos referimos ao “eu”? Estais conciente do “eu” somente quando sois vítima do conflito da escolha, da dualidade. Nesse conflito vos tornais conciente de vós mesmo, identificai-vos com uma ou com outra coisa, e desta contínua identificação resulta a idéia do “eu”. Por favor, considerai isto com o vosso coração e mente, pois não é uma idéia filosófica que se possa simplesmente aceitar ou regeitar.

Digo que pelo conflito da escolha a mente estabeleceu a memória, muitas camadas de me-

mórias; identificou-se com essas camadas e chamou-se “eu”, ego. Daí surge a questão: “Que acontecerá comigo quando eu morrer? Terei oportunidade de viver outra vez? Haverá um preenchimento futuro?” Para mim estas perguntas nascem da ansiedade e da confusão. O que importa é libertar a mente dêste conflito da escolha, pois, somente quando assim vos libertardes poderá haver imortalidade.

Para a maioria das pessoas a idéia da imortalidade é a continuação do “eu”, sem fim, através do tempo. Mas declaro que tal conceito é falso. “Então”, respondeis, “deve haver aniquilamento total”. Digo que isto tampouco é verdadeiro. Vossa crença de que o aniquilamento total deve suceder à cessação da consciência limitada, que chamamos “eu”, é falsa. Não podeis compreender a imortalidade dêsse modo, pois a vossa mente se acha presa nos opostos. A imortalidade é livre de todos os opostos; é ação harmoniosa em que a mente está inteiramente livre do conflito do “eu”.

Digo que há imortalidade, imortalidade que transcende tôdas as nossas concepções, teorias e crenças. Somente quando tiverdes completa compreensão individual dos opostos é que deles estareis livre. Enquanto a mente criar conflito através da escolha terá que haver consciência como memória, que é o “eu”, e é o “eu” que teme a morte e anseia pela própria continuidade. Por isso não há a capacidade de compreen-

der a plenitude da ação no presente, que é imortalidade.

Um certo brâmane, de acôrdo com uma velha lenda indiana, decidiu distribuir alguns de seus bens na execução de um sacrifício religioso. Ora, êste brâmane tinha um filho pequeno que o observava e o crivava de perguntas até aborrecê-lo. Finalmente o filho perguntou: "A quem me ireis dar?" E o pai respondeu zangado: "Dar-te-ei à morte". Como se considerava nos tempos antigos que o que se dissesse deveria ser cumprido, o brâmane teve de mandar seu filho à Morte, de acôrdo com estas palavras pronunciadas imprudentemente. No caminho para a casa da Morte, o rapazinho ouviu o que muitos instrutores tinham a dizer sôbre a morte e a vida depois da morte. Quando êle chegou à casa da Morte, viu que ela estava ausente; esperou, assim, três dias sem alimento, segundo o antigo costume que proibia comer-se na ausência do dono da casa. Quando por fim a Morte chegou, desculpou-se humildemente por ter feito um brâmane esperar, e, como testemunho de arrependimento, permitiu ao menino a realização de três desejos que êle mesmo escolhesse.

O primeiro desejo do pequeno foi ser devolvido a seu pai; o segundo foi ser instruído em certos ritos cerimoniais. Porém o terceiro não foi um desejo, mas uma pergunta: "Dizei-me, Morte", êle perguntou, "a verdade sôbre o ani-

quilamento. Dos instrutores que ouvi em meu trajeto para aquí, alguns diziam que há aniquilamento; outros, que há continuidade. Dizei-me, ó Morte, o que é verdadeiro". "Não me faças tal pergunta", replicou-lhe a Morte. Mas o menino insistiu. Então, em resposta, a Morte ensinou-lhe o significado da imortalidade. A Morte não lhe disse se há continuidade, se há vida depois da morte, ou se há aniquilamento; a Morte preferiu ensinar-lhe o significado da imortalidade.

Desejais saber se há continuidade. Alguns cientistas estão agora provando que há. As religiões afirmam-no, muitas pessoas o creem, e vós podeis crê-lo se assim o desejardes. Mas, para mim, isto é de mui pequena importância. Haverá sempre conflito entre vida e morte. Somente quando conhecerdes a imortalidade não haverá começo nem fim; somente então a ação implicará em preenchimento, somente então será infinita. Assim, repito, a idéia de reencarnação é de pequena importância. No "eu" nada há de duradouro; o "eu" é composto de uma série de memórias envolvendo conflito. Não podeis tornar êsse "eu" imortal. Tôda a base do vosso pensar é uma série de consecuições e por isso um contínuo esforço, uma contínua limitação de consciência. Mesmo assim, esperais realizar, dessa maneira, a imortalidade, sentir o êxtase do infinito.

Digo que imortalidade é realidade. Não a

podeis discutir; podeis conhecê-la em vossa ação, ação oriunda da plenitude, da riqueza, da sabedoria; mas esta plenitude, esta riqueza, não a podeis obter ouvindo um guia espiritual ou lendo um livro de instrução. A sabedoria vem só quando há plenitude de ação, quando há completo apercebimento de todo o vosso ser na ação; então verificareis que todos os livros e instrutores que pretendiam guiar-vos para a sabedoria nada vos poderiam ensinar. Podereis conhecer o que é imortal, duradouro, unicamente quando a vossa mente estiver livre de toda a noção de individualidade, criada pela consciência limitada que é o “eu”.

P e r g u n t a : Qual a causa da incompreensão que nos faz interrogar-vos em vez de agir e viver?

K r i s h n a m u r t i : É bom perguntar, mas como recebeis as respostas? Fazeis uma pergunta e recebeis uma resposta. Mas, que fazeis com esta resposta? Perguntastes-me o que há depois da morte e vos dei a minha resposta. Agora, que fareis com ela? Guardá-la-eis em algum canto de vosso cérebro e aí a deixareis? Tendes armazens intelectuais onde acumulais idéias que não compreendeis, mas esperais vos servirão em caso de inquietação e tristeza. Porém, se compreenderdes, se vos entregardes de men-

te e coração ao que digo, então agireis; então a ação brotará de vossa própria plenitude.

Ora, há dois modos de se fazer uma pergunta: podeis fazê-la quando vos achais em intenso sofrimento, ou fazê-la intelectualmente, quando estais enfadado e tranquilo. Num dia desejais saber intelectualmente; noutra perguntais porque sofreis e quereis saber a razão do sofrimento. Só podeis realmente conhecer quando indagais em intenso sofrimento, quando lhe não desejais fugir, quando o defrontais face a face; só então conhecereis o valor de minha resposta, seu valor humano para o homem.

P e r g u n t a : Que quereis significar exatamente por ação sem objetivo? Se é a imediata resposta de todo o nosso ser, em que objetivo e ação são uma mesma cousa, como pode tôda ação de nossa vida diária ser sem objetivo?

K r i s h n a m u r t i : Vós mesmo respondestes à pergunta, mas o fizestes sem compreender. Que fareis em vossa vida diária sem um objetivo? Podeis ter um plano em vossa vida diária. Mas quando sentís intenso sofrimento, quando sois colhido por uma grande crise que exige uma imediata decisão, então agís sem objetivo; então não há motivo em vossa ação, porque estais procurando descobrir a causa do sofrimento com todo o vosso ser. Porém a maioria de vós não está inclinada a agir plenamente. Tentais

constantemente fugir ao sofrimento, tentais evitá-lo; não quereis fazer-lhe face.

Explicarei de outro modo o que quero dizer. Se sois um cristão, encarais a vida sob um particular ponto de vista; se sois um indú, sob outro ângulo. Em outras palavras, a vossa base mental colora vossa visão da vida, e tudo que percebeis é visto unicamente através desta visão colorida. Assim, jamais vereis a vida como realmente ela é; vós a observais apenas através das malhas do preconceito, e por isso a vossa ação tem de ser sempre incompleta, tem de ter sempre um motivo. Mas se a vossa mente estiver livre de todos os preconceitos, então encontrareis a vida tal qual ela é; então a encontrareis plenamente, sem a procura duma recompensa ou tentativa de escapar duma punição.

P e r g u n t a : Qual a relação entre a técnica e a vida, e por que geralmente confundimos uma com outra?

K r i s h n a m u r t i : A vida, a verdade, é para ser vivida; mas a expressão exige uma técnica. Para pintar, necessitais aprender uma técnica; mas um grande artista, se sentir a flama do impulso criador, não será um escravo da técnica. Se sois rico em vós mesmo a vossa vida é simples. Mas desejais chegar a esta completa riqueza por meios externos, como a simplicida-

de no vestir, simplicidade na habitação, pelo ascetismo e autodisciplina. Em outras palavras, a simplicidade que resulta da riqueza interior quereis obtê-la por meio da técnica. Não há técnica que vos leve à simplicidade; não há senda que vos conduza à terra da verdade. Quando entenderdes isto com todo o vosso ser, então a técnica assumirá o seu lugar apropriado em vossa vida.

QUARTA PALESTRA EM ALPINO

9 de julho de 1933

Amigos,

Antes de responder a algumas das perguntas que me foram propostas, farei uma breve palestra sôbre a memória e o tempo.

Quando defrontais uma experiência plenamente, completamente, sem tendências ou preconceitos, ela não deixa cicatriz de memória. Todos vós passais por experiências, e se as enfrentais inteiramente, com todo o vosso ser, então a mente não fica presa na onda da memória. Quando a vossa ação é incompleta, quando não fazeis face a uma experiência plenamente, mas através das barreiras da tradição, do preconceito ou do temor, então esta ação é seguida pelo ranger da memória.

Enquanto existe essa cicatriz de memória, deve haver a divisão do tempo em passado, pre-

sente e futuro. Enquanto a mente está encadeada à idéia de que a ação deve ser dividida em passada, presente e futura, há identificação por meio do tempo e dêsse modo uma continuidade que dá lugar ao medo da morte, ao medo da perda do amor. Para compreender a realidade isenta do tempo, a vida fora do tempo, a ação deve ser completa. Mas não podeis tornar-vos conciente desta realidade fora do tempo procurando-a; não a podeis adquirir perguntando: "Como posso obter essa consciência?"

Ora, que é que causa a memória? Que é que vos impede de agir completa, harmoniosa, ricamente em cada experiência da vida? A ação incompleta surge quando a mente e o coração estão limitados por obstáculos, por barreiras. Se a mente e o coração estiverem livres, então defrontareis cada experiência plenamente. Mas em maioria estais cercado por barreiras — as barreiras da segurança, da autoridade, do temor, do adiamento. E, uma vez que tendes estas barreiras, naturalmente agís dentro delas, e por conseguinte sois incapaz de agir completamente. Mas, logo que percebeis essas barreiras, quando as percebeis com a vossa mente e coração, durante uma crise, êste percebimento liberta a vossa mente, sem esforço, das barreiras que estavam impedindo a vossa ação completa.

Assim, enquanto há conflito, há memória. Isto é, quando a vossa ação nasce da falta de plenitude, então a memória desta ação condi-

ciona o presente. Tal memória produz conflito no presente e cria a idéia de coerência. Admirais o homem que é coerente, o homem que estabeleceu um princípio e age de acôrdo com êle. Ligais a idéia de nobreza e virtude à pessoa que é coerente. Ora, esta coerência resulta da memória. Isto é, por não terdes agido integralmente, por não terdes compreendido todo o significado da experiência no presente, estabeleceis artificialmente um princípio segundo o qual resolveis viver amanhã. Assim, a vossa mente está sendo guiada, adestrada, controlada pela falta de compreensão a que chamais coerência.

Agora, atentai, não vades ao outro extremo, ao oposto, e pensar devais ser inteiramente incoerente. Não vos estou impelindo a ser incoerente, estou falando de vossa libertação por vós mesmo do ídolo da coerência que instituístes, libertação por vós mesmo da idéia de que precisais adaptar-vos a um padrão. Estabelecestes o princípio da coerência por não terdes compreendido; da vossa falta de entendimento desenvolveis a idéia de que precisais ser coerente, e medís tôda experiência que se vos defronte de acôrdo com a idéia que estabelecestes, com a idéia ou princípio que nasceu unicamente pela falta de entendimento.

Assim, a coerência, o viver segundo um modelo, perdura enquanto a vossa vida carece de riqueza, enquanto a vossa ação não é completa. Se observardes a vossa própria mente em ação,

verificareis que estais continuamente procurando ser coerente. Dizeis, “devo”, ou “não devo”.

Espero tenhais compreendido o que disse em minhas palestras anteriores; do contrário, o que eu disser hoje terá pouco significado para vós.

Repito que esta idéia de coerência nasce quando não defrontais a vida integral, completamente, quando a defrontais através de uma memória, e quando seguis constantemente um modelo, apenas aumentais a coerência desta memória. Criastes a idéia da coerência pela vossa recusa de defrontar cada experiência da vida livre, abertamente e sem preconceito. Isto é, estais sempre defrontando as experiências parcialmente e daí surge o conflito.

Para vencer êsse conflito dizeis necessitar de um princípio; estabeleceis um princípio, um ideal e vos esforçais para a êle condicionar a vossa ação. Isto é, estais constantemente procurando imitar; procurando controlar a vossa experiência diária, as ações de vossa vida diária, através da idéia de coerência. Mas quando realmente entenderdes isto, quando o entenderdes com o vosso coração e mente, com todo o vosso ser, então perceberéis a falsidade da imitação e do ser coerente. Quando estais conciente disto, começais a libertar a vossa mente, sem esforço, dêsse inveterado hábito da coerência, embora não queira isto dizer que devais ser incoerente.

Para mim, portanto, a coerência é o sinal da memória, memória que resulta da falta da verdadeira compreensão da experiência. E esta memória cria a idéia do tempo; cria a idéia do presente, passado e futuro, em que tôdas as nossas ações estão baseadas. Consideramos o que fomos ontem e o que seremos amanhã. Tal noção de tempo existirá enquanto a mente e o coração estiverem divididos. Enquanto a ação não nasce da plenitude tem que haver a divisão do tempo. O tempo é apenas uma ilusão, é apenas a falta de plenitude de ação.

A mente que tenta amoldar-se a um ideal, ser coerente com um princípio, naturalmente cria o conflito, pois se limita constantemente na ação. Nisto não há liberdade, não há compreensão da experiência. Defrontando a vida dêsse modo apenas a defrontais parcialmente; estais escolhendo e nesta escolha perdeis o significado pleno da experiência. Viveis incompleto e por isso procurais conforto na idéia da reencarnação; e disto surge a vossa pergunta: "Que me acontecerá quando eu morrer?" Desde que não vivais completamente em vossa vida diária, dizeis: "Preciso de um futuro, de mais tempo, afim de viver integralmente."

Não tenteis remediar esta falta de plenitude, mas percebei a causa que vos impede de viver plenamente. Verificareis que essa causa é a imitação, a conformidade, a coerência, a busca de segurança de que se origina a autoridade.

Tudo isto vos afasta da plenitude de ação, porque, sob essas limitações, a ação se transforma apenas em uma série de consecuições conduzindo a um fim e, por êsse motivo, a um conflito e sofrimento continuados.

Somente quando fizerdes face às experiências sem barreiras encontrareis a alegria contínua; então já não estareis sobrecarregado pelo peso da memória que impede a ação. Então vivereis na plenitude do tempo. Isto para mim é imortalidade.

P e r g u n t a : A meditação e a disciplina da mente muito me tem auxiliado na vida. Agora, ao ouvir o vosso ensinamento, estou muito confuso, porque êle exclue toda autodisciplina. Não tem tampouco a meditação significado para vós? Ou tendes um novo modo de meditação para nos oferecer?

K r i s h n a m u r t i : Como já expliquei, onde há escolha há conflito, porque a escolha é baseada no querer. Onde há querer não há discernimento, e em consequência a vossa escolha simplesmente cria novo obstáculo. Quando sofreis, quereis felicidade, conforto, quereis escapar do sofrimento; mas, desde que o querer impede o discernimento, aceitais cegamente qualquer idéia, qualquer crença que supondes vos aliviará do conflito. Podeis pensar que ra-

ciocinais ao fazer a vossa escolha, mas tal não se dá.

Dêste modo, estabelecestes idéias que chamais nobres, dignas, admiráveis, e forçais a vossa mente a se conformar a elas; ou vos concentraís em uma figura ou imagem particular e, por isso, criais uma divisão em vossa ação. Tentais controlá-la pela meditação, pela escolha. Se me não compreenderdes, interrompei-me, por favor, de modo que possamos discutir.

Como já expús, quando experimentais a tristeza, imediatamente começais a procurar o oposto. Quereis ser consolado e em vossa busca aceitais qualquer consôlo, qualquer paliativo que vos dê satisfação momentaneamente. Supondes raciocinar antes de aceitar tal consôlo, tal alívio, mas na realidade o aceitais cegamente, sem raciocínio, pois onde há querer não pode haver o verdadeiro discernimento.

Ora, a meditação é geralmente baseada na idéia da escolha. Na Índia, essa idéia é levada ao seu extremo. Lá, o homem que pode ficar imóvel durante um longo espaço de tempo, permanecendo continuamente absorvido numa idéia, é considerado espiritual. Mas, que faz êle realmente? Afasta tôdas as idéias exceto a que escolheu deliberadamente, e sua escolha dá-lhe satisfação. Adestra sua mente a concentrar-se nessa idéia, nessa imagem; êle controla e assim limita a sua mente e espera dominar o conflito.

Para mim essa idéia de meditação — naturalmente não a descreví de modo minucioso — é inteiramente absurda. Isto realmente não é meditação. Constitue uma habilidosa fuga do conflito, uma façanha intelectual que nada tem de comum com o verdadeiro viver. Tendes exercitado a vossa mente a se conformar com certa regra segundo a qual esperais encontrar a vida. Porém jamais a encontrareis enquanto estiverdes retido num molde. A vida vos ignorará por terdes de antemão limitado a vossa mente pela vossa própria escolha.

Por que sentís deveis meditar? Quereis significar por meditação, concentração? Se estais realmente interessado, então não lutais, não vos forçais para concentrar. Só quando não estais interessado tendes que vos forçar brutal e violentamente. Mas, em vos forçando, destruíis a vossa mente e então ela já não está mais livre, nem tampouco a vossa emoção. Ambas estão mutiladas. Digo que há uma alegria, uma paz, na meditação sem esforço, e isto só pode acontecer quando a vossa mente estiver livre de toda escolha, quando a vossa mente já não criar uma divisão na ação.

Temos tentado adestrar a mente e o coração para seguirem uma tradição, um modo de vida, mas por êsse adestramento, nós não compreendemos, meramente criamos opostos. Ora, não estou dizendo que a ação deva ser impetuosa, caótica. O que digo é que, estando a men-

te presa na divisão, essa divisão continuará a existir muito embora luteis para a suprimir, por meio da coerência com um princípio, muito embora a tenteis dominar e vencer pela adoção de um ideal. O que chamais vida espiritual é um esforço contínuo, uma luta incessante, pela qual a mente tenta apegar-se a uma idéia, a uma imagem; é uma vida, portanto, que não é plena, completa.

Depois de ouvir esta palestra podeis observar: “Disseram-me que eu deveria viver plenamente, completamente; que não devo limitar-me por um ideal, um princípio; que não devo ser coerente — por isso, farei o que me agradar”. Ora, não é essa a idéia que desejo deixar convosco nesta última palestra. Não falo da ação que é meramente impetuosa, impulsiva, irrefletida: refiro-me à ação que é completa, que é êxtase. E digo que não podeis agir com plenitude forçando a vossa mente, moldando-a zelosamente, vivendo em conformidade com uma idéia, um princípio, ou um objetivo.

Já examinastes a pessoa que medita? É uma pessoa que escolhe. Escolhe o que lhe apraz, aquilo que lhe dê o que chama auxílio. Dêste modo, o que ela busca realmente é algo que lhe dê conforto, satisfação — uma espécie de paz estática, uma estagnação; e, entretanto, ao homem capaz de meditar chamamos um grande homem, um homem espiritual.

Todo o nosso esforço se relaciona com esta

superposição do que chamamos idéias verdadeiras sobre o que consideramos idéias falsas, e por esta tentativa continuamente criamos uma divisão na ação. Não libertamos a mente da divisão; não compreendemos que esta contínua escolha nascida do querer, da vacuidade, da ansiedade, é a causa dessa divisão. Quando experimentamos uma sensação de vacuidade, queremos preencher essa vacuidade, esse vazio; quando experimentamos a falta de plenitude queremos fugir dessa falta de plenitude que causa sofrimento. Com êste desígnio inventamos uma satisfação intelectual a que chamamos meditação.

Direis agora que não vos dei nenhuma instrução construtiva ou positiva. Desconfiai do homem que vos oferece métodos positivos, pois, êle vos dará apenas o seu padrão, o seu molde. Se realmente viverdes, se tentardes libertar a mente e o coração de toda limitação — não pela autoanálise e introspecção, mas pelo apercebimento no agir — então os obstáculos que presentemente vos impedem a plenitude da vida ruirão. Êste apercebimento é a alegria da meditação — meditação que não é o esforço de uma hora, mas que é ação, que é a vida mesma.

Vós me perguntais: "Tendes um novo modo de meditação a oferecer-nos?" Atualmente meditais afim de conseguir um resultado. Meditais com a idéia de lucro, tal como viveis, com a idéia de atingir uma elevação espiritual, uma

altitude espiritual. Podeis esforçar-vos pela elevação espiritual; porém, asseguro-vos que, embora vos possa parecer tê-la atingido, ainda experimentais a sensação de vacuidade. Vossa meditação não tem valor intrínseco, como também a ação, porque estais constantemente esperando um apogeu, uma recompensa. Só quando a mente e o coração estão livres dessa idéia de conseguimento, idéia essa nascida do esforço, da escolha, e do lucro — somente quando estais livre dessa idéia, digo, é que há uma vida eterna que não é uma finalidade, mas um constante vir-a-ser, uma renovação constante.

P e r g u n t a : Reconheço um conflito dentro de mim, não obstante, êsse conflito não origina uma crise, uma chama interna consumidora forçando-me a resolvê-lo e a realizar a verdade. Como agiríeis em meu lugar?

K r i s h n a m u r t i : O interrogante diz reconhecer nele o conflito, mas que êsse conflito não causa uma crise e por isso não causa a ação. Sinto ser isto o que se dá com a maioria das pessoas. Perguntais o que deveríeis fazer. Seja o que for que tenteis fazer, o fazeis intelectualmente, e portanto falsamente. Só quando estiverdes realmente disposto a encarar o vosso conflito e a entendê-lo completamente é que experimentareis uma crise. Mas, devido essa

crise exigir ação, a maioria de vós não deseja enfrentá-la.

Não vos posso impelir à crise. O conflito existe em vós, mas desejais fugir-lhe; desejais achar um modo de evitá-lo, de adiá-lo. Assim, quando dizeis: "Não posso transformar o meu conflito numa crise", as vossas palavras apenas mostram que a vossa mente está procurando evitar o conflito — e a liberdade que advém de encará-lo completamente. Enquanto a vossa mente estiver cuidadosamente, astutamente, evitando o conflito, enquanto ela procurar conforto por meio da fuga, ninguém vos poderá ajudar a agir plenamente, ninguém vos poderá impelir a uma crise que resolva o vosso conflito. Quando uma vez entenderdes isto — que o não vejais apenas intelectualmente, mas também sintais a sua veracidade — então o vosso conflito criará a chama que o consumirá.

P e r g u n t a : Eis o que inferi do que de vós tenho ouvido: Tornamo-nos apercebidos unicamente numa crise; uma crise envolve sofrimento. Assim, se devemos estar apercebidos a todo o tempo, devemos viver continuamente num estado de crise, isto é, num estado de sofrimento e agonia mentais. Esta é uma doutrina de pessimismo, não da felicidade e êxtase de que falais.

K r i s h n a m u r t i : Receio que não tenhais

acompanhado o que tenho dito. Como sabeis, há dois modos de ouvir: há o mero ouvir as palavras, como fazeis quando não estais realmente interessado, quando não tentais sondar a profundidade de um problema, e há o ouvir em que aprendeis o significado real do que é dito, o ouvir que requer mente penetrante, alerta. Parece-me não terdes realmente ouvido o que tenho exposto.

Primeiramente, se não há conflito, se em vossa vida não há crises e sois perfeitamente feliz, então, por que vos incomodais com os conflitos e crises? Se não sofreis, então fico muito contente! Todo o nosso sistema de vida é disposto de forma que possais escapar do sofrimento. Porém ao homem que enfrenta a causa do sofrimento, e por isso dêle se liberta, chamais um pessimista.

Esclarecerei em resumo o que tenho dito afim de que o compreendais. Cada um de vós sois conciente de um grande vazio, uma vacuidade interna, e sendo conciente dessa vacuidade, tentais preenchê-la ou escapar-lhe; ambas as ações significam a mesma cousa. Escolheis com o que preencher essa vacuidade, e a essa escolha chamais progresso ou experiência. Mas a vossa escolha se baseia na sensação, na ansiedade, daí não implicar em discernimento, em inteligência, em sabedoria. Escolheis hoje o que vos dá maior satisfação, maior sensação do que a derivada da escolha de ontem. Portan-

to, o que chamais escolha é meramente o vosso modo de fugir da vacuidade interna, e, assim, estais meramente adiando a compreensão da causa do sofrimento.

Logo, ao movimento de uma tristeza para outra, de uma sensação para outra, chamais evolução, crescimento. Um dia escolheis um chapéu que vos dá satisfação; no dia seguinte vos cansais dessa satisfação e quereis outra — um automóvel, uma casa, ou quereis aquilo a que chamais amor. Mais tarde, como vos tornais cansado dessas cousas, quereis a idéia ou a imagem de um deus. Assim, progredís da querença de um chapéu à querença de um deus e julgais nisto ter feito um admirável adiantamento espiritual. Entretanto tôdas estas escolhas estão baseadas unicamente na sensação, e tudo que fizestes foi mudar os vossos objetos de escolha.

Onde há escolha tem que haver conflito, porque a escolha tem por base a ansiedade, o desejo de completar o vosso vazio interno ou dêle escapar. Ao invés de procurardes compreender a causa do sofrimento, estais constantemente tentando vencê-lo ou fugir-lhe, o que vem a ser o mesmo. Mas, digo, descobrí qual a causa do vosso sofrimento. Esta causa é, como verificareis, o constante querer, o contínuo ansiar que obscurece o discernimento. Se compreenderdes isto — se compreenderdes não só intelectualmente, mas com todo o ser — então a vossa ação estará livre da limitação da escolha; então esta-

reis realmente vivendo, vivendo naturalmente, harmoniosamente, não de modo individualista, em absoluto caos, como agora. Se viverdes plenamente, a vossa vida não produzirá discórdia porque a vossa ação surgirá da plenitude e não da carência.

P e r g u n t a : Como posso conhecer a ação e a ilusão que dela provém se não a sondar e examinar? Como podemos esperar perceber e reconhecer as nossas barreiras se não as examinamos? Então, por que não analisar a ação?

K r i s h n a m u r t i : Por favor, como meu tempo é limitado, esta é a última pergunta a que poderei responder.

Tentastes analisar a vossa ação? Então, quando a estáveis analisando esta ação já estava morta. Se tentais analisar o vosso movimento enquanto dançais, pondes um fim a êsse movimento; mas se o vosso movimento nasce da completa percepção, da plena consciência, então sabeis o que é êsse movimento no próprio instante de o executar; sabeis sem tentativa de análise. Tornei isto claro?

Digo que se analisardes a ação jamais agireis; a vossa ação restringir-se-á lentamente e finalmente morrerá. O mesmo se aplica à vossa mente, ao vosso pensamento, à vossa emoção. Quando começais a analisar fazeis cessar o movimento; quando tentais dissecar um intenso

sentimento este sentimento morre. Mas se perceberdes com a mente e o coração, se tiverdes plena consciência da vossa ação, então conheceis a fonte donde ela provém. Quando agimos, fazemo-lo parcialmente, não agimos com todo o nosso ser. Assim, em nossa tentativa de equilibrar a mente com o coração, em nossa tentativa de dominar um por meio do outro, supomos que precisamos analisar a nossa ação.

Ora, o que estou tentando explicar requer um entendimento que não vos pode ser dado por palavras. Só no momento do verdadeiro apercebimento podeis tornar-vos conciente dessa luta pelo predomínio; então, se estiverdes interessado em agir harmoniosamente, plenamente, aperceber-vos-eis de que a vossa ação tem sido influenciada pelo medo da opinião pública, pelos padrões de um sistema social, pelos conceitos de civilização. Então vos tornais apercebido dos vossos temores e preconceitos sem analisá-los; e no instante em que vos tornais apercebido na ação esses temores e preconceitos desaparecem.

Quando estiverdes apercebido com a mente e o coração da necessidade da ação completa, agireis harmoniosamente. Então todos os vossos temores, vossas barreiras, vosso desejo de poder, de atingir — tudo isto se revelará, e as sombras da desharmonia dissipar-se-ão.

PALESTRAS NA NORUEGA

PALESTRA NA UNIVERSIDADE DE OSLO

5 de setembro de 1933

Amigos,

Fizeram-me algumas perguntas a que responderei depois da minha palestra.

Onde fôrdes, através do mundo, encontrareis sofrimento. Parece não haver limite para êle, não haver fim para os inumeráveis problemas concernentes ao homem, nenhum fim ao seu contínuo conflito consigo mesmo e com o seu próximo. Sofrer parece ser sempre a sorte comum do homem, o qual procura vencer êste sofrimento pela busca do conforto; êle pensa que procurando consôlo, procurando conforto, se libertará desta batalha contínua, dos seus problemas de conflito e sofrimento. E êle parte

para descobrir o que lhe possa dar maior satisfação, o que lhe possa dar maior consôlo nesta batalha contínua de sofrimento, e vai de um lenitivo para outro, de uma sensação para outra, de uma satisfação para outra. Assim, pelo processo do tempo, êle gradualmente constrói inumeráveis seguranças, abrigos, para os quais se dirige quando sente intenso sofrimento.

Ora, existem muitas espécies de seguranças, muitas espécies de abrigos. Há aqueles que dão temporária satisfação emocional, como as drogas ou a bebida; há as distrações e tudo que pertence ao prazer transitório. E há igualmente as numerosas crenças em que o homem se abriga do seu sofrimento; êle se agarra a crenças e ideais na esperança de que estes ajustem a sua vida e de que, por esta conformidade, gradativamente, vença o sofrimento. Ou se refugia em sistemas de pensamento a que chama filosofias, mas que não passam de simples teorias transmitidas através dos séculos, ou em teorias que podem ter sido verdadeiras para aqueles que as elaboraram, mas que não o são necessariamente para os outros. Ou, ainda, o homem se volta para a religião, isto é, para um sistema de pensamento que procura modelá-lo, moldá-lo a um padrão particular, conduzi-lo a uma finalidade; porque a religião, em vez de lhe dar entendimento, dá-lhe meramente consôlo. Nada há na vida a que se possa chamar conforto, segurança. Mas, na sua busca de conforto, o ho-

mem construiu, no decorrer de séculos, as seguranças da religião, ideais, crenças, e a idéia de Deus.

Para mim há Deus, uma vivente, eterna realidade. Mas esta realidade não pode ser descrita; cada um precisa realizá-la por si. Quem quer que procure imaginar o que é Deus, o que é a verdade, apenas está procurando uma fuga, um abrigo da rotina diária do conflito.

Quando o homem estabeleceu uma segurança — a segurança da opinião pública ou da felicidade que deriva dos bens ou da prática da virtude, que somente é uma fuga — êle recebe cada incidente, cada uma das infindáveis experiências da vida com o apôio dessa segurança; isto é, nunca recebe a vida como realmente ela é. Vem a ela com um preconceito, com uma base já desenvolvida pelo medo; com sua mente completamente revestida, sobrecarregada de idéias, aproxima-se da vida.

Dizendo-o diferentemente, o homem em geral vê a vida apenas pela tradição do tempo, que traz em sua mente e coração; enquanto para mim a vida é fresca, renovadora, movente, nunca estática. A mente e o coração do homem estão sobrecarregados com o inquestionado desejo de conforto, que, necessariamente, deve originar autoridade. Pela autoridade êle enfrenta a vida e assim é incapaz de compreender o pleno significado da experiência, o único que pode libertá-lo do sofrimento. Êle se consola

com os falsos valores da vida e se torna simplesmente máquina, uma engrenagem na estrutura social ou no sistema religioso.

Não se pode descobrir o que é valor verdadeiro enquanto a mente está à procura de consolo; e desde que a maioria das mentes estão procurando consolo, conforto, segurança, não podem descobrir o que a verdade é. Assim, a maioria das pessoas não são indivíduos; são meras engrenagens de um sistema. Para mim, indivíduo é uma pessoa que, por meio do interrogar, descobre valores verdadeiros; e só se pode realmente interrogar quando se está em sofrimento. Quando sofreis, percebeis que a vossa mente se torna aguda, sensível; nesse momento não sois teórico; e apenas neste estado da mente podeis interrogar qual o verdadeiro valor dos padrões que a sociedade, a religião e a política erigiram em torno de nós. Apenas neste estado podemos interrogar, e quando interrogamos, quando descobrimos verdadeiros valores, então somos indivíduos verdadeiros. Nunca antes. Isto é, não somos indivíduos enquanto estamos inconscientes dos valores a que nos acostumámos pelas seguranças, pelas religiões, pela busca de crenças e ideais. Somos simplesmente máquinas, escravos da opinião pública, escravos dos inúmeros ideais que as religiões colocaram ao nosso redor, escravos dos sistemas económicos e políticos que aceitámos. E desde que todos são dentes de engrenagem

nesta máquina, jamais podemos descobrir verdadeiros valores, valores duradouros, os únicos em que reside a eterna felicidade, a eterna realização da verdade.

A primeira cousa a distinguir então, é que temos estas barreiras, estes valores que nos foram dados. Para verificar a sua significação vivente, precisamos interrogar, e só interrogamos quando nossas mentes e corações se queimam em intenso sofrimento. E todo o mundo sofre; o sofrimento não é dom de uns poucos. Mas, quando sofremos, procuramos consôlo, conforto imediatos, e, por conseguinte, não há mais interrogar; não há mais dúvida, porém simples aceitação. Logo, onde há êste desejo de consôlo, não pode haver entendimento dos valores verdadeiros, os únicos que libertam o homem, os únicos que lhe dão a capacidade de existir como um ser humano completo. E, como eu dizia, desde que enfrentamos a vida parcialmente, com todos estes apôios tradicionais de valores não discutidos e mortos, naturalmente há conflito com a vida, e êste conflito cria em cada um de nós a idéia de egoconsciência. Isto é, quando as nossas mentes estão prejudicadas por uma idéia, por uma crença, ou por valores não postos em dúvida, há limitação, e esta cria a autoconsciência, que, por sua vez, origina o sofrimento.

Por outras palavras, enquanto a mente e o coração estão presos às virtudes falsas que as religiões e filosofias teem construído em volta de

nós, enquanto a mente não descobrir por si mesma os valores verdadeiros, viventes, haverá limitação de consciência, limitação de entendimento, que cria a idéia do “eu”. E desta idéia do “eu”, do fato de esta consciência conhecer a limitação do tempo como começo e fim, surge a tristeza. Tal consciência, tal mente e coração estão cativos do temor da morte; daí as investigações sôbre o além.

Quando compreenderdes que a verdade, a vida, somente pode ser realizada pela vossa própria descoberta, sem nenhuma autoridade ou imitação, do verdadeiro significado do sofrimento, do valor vivente de cada ação, então a vossa mente se libertará da egoconsciência.

Desde que a maioria de nós estamos, inconscientemente, procurando abrigo, um lugar seguro onde não sejamos feridos, desde que a maioria de nós estamos procurando nos falsos valores uma evasão do contínuo conflito, eu vos digo, tornai-vos conciente de que todo o processo de pensamento, presentemente, é uma contínua busca de abrigo, de autoridade, de padrões para nos conformar, de sistemas para seguir, de métodos para imitar. Quando perceberdes que não há o que se possa chamar conforto, segurança, quer na posse de cousas ou de idéias, então enfrentareis a vida como ela é, não com o lastro do intenso desejo de conforto. Daí por diante vos tornais apercebido, mas sem a constante luta para o serdes — luta que se prolonga

por todo o tempo em que a vossa mente e coração estiverem procurando uma contínua fuga da vida, por meio de ideais, conformismo, imitação, autoridade. Quando perceberdes isto, renunciareis à fuga; então sereis capaz de fazer face à vida completamente, simplesmente, totalmente, e nisto há entendimento, o único que vos pode dar êsse êxtase da vida.

Noutros termos, uma vez que as nossas mentes e corações tenham sido mutilados através das idades pelos falsos valores, somos incapazes de encarar a vida totalmente. Se sois cristão, a encarais de um certo modo, ditado pelos vossos preconceitos de cristianismo e pelo vosso adestramento religioso. Se sois conservador ou comunista, a encarais diferentemente. Se tendes uma crença particular, defrontais a vida desta maneira particular, e esperais compreender o seu pleno significado com a mente já preconcebida. Somente quando compreenderdes que a vida, aquele movimento livre e eterno, não pode ser encarada parcialmente e com preconceitos, somente então estareis livre, sem esforço. Daí em diante não estareis mais embaraçado por tudo aquilo que possuís — pela tradição herdada ou pelo conhecimento adquirido. Digo conhecimento, não sabedoria, porque a sabedoria aquí não entra. A sabedoria é natural, espontânea; ela aparece só quando se defronta a vida abertamente e sem barreira alguma. Para se defrontar a vida abertamente o

homem precisa estar livre de todo o conhecimento; precisa não procurar uma explicação para o sofrimento, porque, quando a procura, fica prisioneiro do temor.

Assim, repito, há um meio de viver sem esforço, sem a tensão constante do conseguir e do lutar pelo sucesso, sem o constante temor do lucro ou perda; digo que há um modo harmonioso de viver a vida, que vem quando defrontais cada experiência, cada ação, completamente, quando a vossa mente não está dividida contra ela mesma, quando o vosso coração não está em conflito com a vossa mente, quando fazeis todas as cousas plenamente, em completa unidade de mente e coração. Pois nesta riqueza, nesta plenitude, há o êxtase da vida, que para mim é perdurável, que para mim é eterno.

P e r g u n t a : Dizeis que os vossos ensinamentos são para todos e não para uns poucos escolhidos. Se é assim, por que encontramos dificuldade em vos compreender?

K r i s h n a m u r t i : Não se trata de me compreender. Por que querieis compreender-me? A verdade não é *minha* para que precisásseis compreender-me. Achais as minhas palavras difíceis de compreender porque as vossas mentes estão sufocadas com idéias. O que digo é muito simples. Não é para alguns escolhidos; é para todo aquele que o queira pôr à prova.

Digo que se vos libertásseis de idéias, de crenças, de tôdas as seguranças que se construíram através dos séculos, então compreenderíeis a vida. Podeis libertar-vos unicamente pelo interrogar, e só podeis interrogar quando estais em revolta — não quando estais estagnados com idéias que vos satisfazem. Quando as vossas mentes estão sufocadas com crenças, quando estão pesadas de conhecimentos adquiridos nos livros, é impossível compreender a vida. Logo, não se trata de compreender a mim.

Por favor — e não o estou dizendo com vaidade alguma — encontrei um caminho; não um método em que possais exercitar-vos, um sistema que se tornaria uma gaiola, uma prisão. Realizei a verdade, Deus, ou seja qual for o nome que lhe deis. Digo que há uma eterna realidade vivente, mas que não pode ser realizada enquanto a mente e o coração estiverem sobrecarregados, mutilados pela idéia do “eu”. Desde que esta autoconsciência, esta limitação, exista, não pode haver realização do todo, da totalidade da vida. Este “eu” existe enquanto existirem falsos valores — falsos valores que herdámos ou que laboriosamente criámos em nossa busca de segurança, ou que estabelecemos como autoridade em nossa busca de conforto. Mas valores verdadeiros, valores viventes — estes só os podeis descobrir quando realmente sofreis, quando estais profundamente descontente. Se quereis libertar-vos da busca do lucro, então os

encontrareis. Mas em maioria não queremos ser livres; queremos conservar o que ganhamos, seja em virtude, em conhecimento ou em bens; queremos conservar tudo isto. Sobrecarregados dêsse modo tentamos encontrar a vida, e daí a absoluta impossibilidade de compreendê-la completamente.

Portanto, a dificuldade não está em me compreender, mas em compreender a própria vida; e esta dificuldade existirá enquanto as vossas mentes estiverem sobrecarregadas com esta consciência que chamamos "eu". Não vos posso dar valores verdadeiros. Se eu vo-los desse, faríeis dêles um sistema e os imitaríeis, erigindo simplesmente outra série de falsos valores. Mas podeis descobrir os valores verdadeiros por vós mesmo quando vos tornardes verdadeiramente um indivíduo, quando cessardes de ser máquina. E podeis libertar-vos desta máquina mortal de falsos valores somente quando estiverdes em grande revolta.

P e r g u n t a : Algumas pessoas afirmaram que sois o Cristo vindo de novo. Gostaríamos de saber definitivamente o que tendes a dizer a respeito. Aceitais ou rejeitais esta afirmativa?

K r i s h n a m u r t i : Nem uma coisa nem outra. Isto não me interessa. Que valor, meus amigos, tem para vós perguntar-me isto? Pro-

põem-me esta pergunta em todo o lugar a que vou. Querem saber se sou ou não sou. Se digo que sou, tomam as minhas palavras como autoridade ou se riem delas; se digo que não sou, ficam deliciados. Não afirmo nem nego. Para mim o título é de pequena importância, porque sinto que o que tenho a dizer é inerentemente verdadeiro, em si mesmo. Não depende de títulos ou graus, de revelação ou autoridade. O que tem importância é o vosso entendimento disso, a vossa inteligência e o vosso desejo desperto de descobrir o vosso próprio amor à vida — não a asserção de que eu seja ou deixe de ser o Cristo.

P e r g u n t a : É a vossa realização da verdade permanente e presente todo o tempo, ou há períodos obscuros em que ainda enfrenta o cativo do medo e do desejo?

K r i s h n a m u r t i : O cativo do medo existe enquanto permanece a limitação de consciência que chamais o “eu”. Quando vos tornardes rico em vós mesmo, já não sentireis desejo. É nesta contínua batalha de desejo, nesta busca de vantagens provindas das circunstâncias que o temor e a obscuridade existem. Penso que estou livre disto. Como podeis sabê-lo? Não o podeis. Eu vos podia estar iludindo. Entretanto não vos incomodeis com isso. Mas tenho algo que dizer: Pode-se viver sem esforço, de um

modo que não é possível atingir pelo esforço; pode-se viver sem esta incessante luta pela consecução espiritual; pode-se viver harmoniosamente, completamente na ação — não em teoria, mas na vida diária, no contacto diário com os seres humanos. Digo que há um modo de libertar a mente de todo o sofrimento, um modo de viver completa, integral, eternamente. Mas, para isto, precisa-se estar completamente aberto à vida; precisa-se não deixar subsistir nenhum abrigo ou refúgio em que a mente possa permanecer, para o qual o coração possa retirar-se em ocasiões de conflito.

P e r g u n t a : Dizeis que a verdade é simples. Para nós o que dizeis parece muito abstrato. Qual a relação prática, segundo vossa opinião, entre a verdade e a vida atual?

K r i s h n a m u r t i : Que é que chamamos vida atual? Ganhar dinheiro, explorar os outros e ser explorado, casar, ter filhos, procurar amigos, sentir ciúmes, querelar, ter medo da morte, inquirir sobre o além, juntar dinheiro para a velhice — a tudo isso chamamos vida diária. Ora, para mim, a verdade ou o eterno vir-a-ser da vida não pode ser encontrado independentemente dessas cousas. No transitório reside o eterno — não separado dêle. Por favor, por que exploramos, sejam as cousas físicas sejam as espirituais? Por que somos explorados pelas reli-

giões que estabelecemos? Por que somos explorados pelos sacerdotes a quem nos dirigimos na busca do conforto? Porque imaginamos a vida como uma série de consecuições, não como uma ação completa. Quando olhamos para a vida como meio de aquisição, seja de cousas ou idéias, quando encaramos a vida como uma escola em que aprendemos, em que crescemos, então estamos dependentes desta autoconsciência, desta limitação; criamos o explorador e tornamo-nos o explorado. Mas se formos inteiramente individuais, completamente autosuficientes, sós em nosso entendimento, não faremos mais diferença entre a vida atual e a verdade, ou Deus. Porque achamos a vida difícil, porque não compreendemos as complicações da vida diária, porque queremos fugir a esta confusão, voltamos para a idéia de um princípio objetivo; e, assim, diferenciamos, distinguimos a verdade como sendo impraticável, como nada tendo com a vida diária. Então a verdade ou Deus se torna uma fuga à qual nos dirigimos nos dias de conflito e perturbação. Mas se em nossa vida diária descobríssemos *porque* agimos, se defrontássemos os incidentes, as experiências, os sofrimentos da vida completamente, então já não diferenciaríamos vida prática de verdade não prática. Porque não defrontamos as experiências com todo o nosso ser, mental e emocionalmente, porque não somos capazes de proceder

assim, separamos a vida diária e ação prática da idéia da verdade.

P e r g u n t a : Não pensais que o apóio das religiões e dos instrutores religiosos seja um grande auxílio para o homem no seu esforço para se libertar de tudo que o prende?

K r i s h n a m u r t i : Nenhum instrutor nos pode dar valores verdadeiros. Podeis ler todos os livros do mundo, mas não podeis aprender dêles a sabedoria. Podeis seguir todos os sistemas religiosos do mundo e a-pesar-disso dêles permanecer escravo. Unicamente quando ficais só podeis achar a sabedoria e ser inteiramente livre, liberto. Por solidão não quero dizer viver separado da humanidade. Refiro-me à solidão que advém do entendimento, não do afastamento. Isto existe, em outras palavras, quando se é inteiramente individual, não individualista. Pensamos que pelo praticar ao piano continuamente sob a direção de um instrutor nos tornaremos grandes pianistas, musicistas criadores; e, similarmemente, dirigimo-nos aos instrutores religiosos para fazê-los nossos guias. Dizemo-nos: "Se pratico diariamente o que êles me prescrevem, terei a chama do entendimento criador". Digo, podeis praticar isto infindavelmente e não conseguireis esta chama criadora. Conheço muitos que diariamente praticam certos ideais, mas tornam-se apenas cada vez mais fenecidos

em seu entendimento, porque estão meramente imitando, meramente vivendo na conformidade de um padrão. Libertaram-se de um instrutor e foram para outro; apenas se transferiram de uma para outra prisão. Mas se não procurardes conforto, se interrogardes continuamente — e só o fazeis quando estais em revolta — então vos libertareis de todos os instrutores e de todas as religiões; então sereis supremamente humano, não pertencendo a um partido, a uma religião ou a uma prisão.

P e r g u n t a : Quereis dizer que não há auxílio para os homens quando crescem as dificuldades da vida? São eles inteiramente abandonados afim de que se ajudem a si próprios?

K r i s h n a m u r t i : Penso, se não estou enganado — se o estiver, por favor, corrigi-me — penso que o interrogante deseja saber se não há uma fonte, uma pessoa ou uma idéia para a qual se possa apelar em período de perturbação, de aflição, de sofrimento.

Digo que não há nenhuma fonte permanente que possa dar entendimento a alguém. Para mim, a glória do homem é que ninguém o possa salvar, exceto ele mesmo. Por favor, se observardes o homem, por todo o mundo, vereis que ele sempre recorreu a outrem para ser ajudado. Na Índia, procuramos teorias, instrutores para nosso auxílio. Também aquí fazeis o mesmo. Em

todo o mundo o homem volve-se para alguém que o eleve da sua ignorância. Digo que ninguém vos pode elevar da vossa ignorância. Vós a criastes pelo medo, pela imitação, pela busca de segurança, e por isso estabelecestes autoridades. Vós mesmos a criastes, esta ignorância que prende cada um de vós, e ninguém pode libertar-vos exceto vós mesmos por meio do próprio entendimento. Os outros podem libertar-vos momentaneamente, mas enquanto a causa raiz da ignorância permanece, meramente criais outra série de ilusões.

Para mim, a causa raiz da ignorância é a consciência do “eu”, de que surgem o conflito e a tristeza. Enquanto existir esta consciência do “eu” tem que haver sofrimento do qual ninguém vos pode libertar. Em vossa devoção a uma pessoa ou a uma idéia, podeis momentaneamente separar-vos desta consciência, mas enquanto esta consciência permaneça, é como uma ferida sempre ulcerada. A mente só pode libertar-se desta ignorância quando defrontar a vida totalmente, quando experimentar completamente, sem preconceito, sem idéias preconcebidas, quando já não estiver mutilada por uma crença ou uma idéia. É uma das ilusões que acalentamos, que alguém nos pode salvar, que não podemos por nós mesmos ascender dêste lôdo de sofrimento. Durante séculos esperamos auxílio do exterior, e estamos ainda agarrados a esta crença.

P e r g u n t a : Qual a verdadeira causa do presente caos do mundo e como pode ser remediado este penoso estado de cousas?

K r i s h n a m u r t i : Preliminarmente, sinto, por não considerar um sistema como um remédio. Sabeis, através dos séculos construimos um sistema, o sistema aquisitivo baseado na segurança. Nós o construimos; cada um de nós é responsável por este sistema em que aquisição, lucro, poder, autoridade e imitação representam a parte mais importante. Instituímos leis para preservá-lo, leis baseadas no nosso egoísmo, e delas nos tornamos escravos. Presentemente, queremos introduzir uma nova série de leis das quais outra vez nos tornaremos escravos, leis em que a posse constitue um crime.

Mas, se compreendêssemos a verdadeira função da individualidade, então atacariamos a causa raiz de todo este caos no mundo, este caos que existe porque não somos verdadeiramente individuais. Por favor, compreendei o que quero dizer por ser individual; não quero dizer individualista. Temos sido individualistas durante séculos, procurando segurança para nós mesmos, conforto para nós mesmos. Temos atentado nas cousas físicas da vida, para que nos deem abrigo interior, felicidade, tranquilidade espiritual. Temos estado mortos e não temos tido conhecimento disto. Porque temos imitado e seguido, temos cegamente explorado crenças. E

estando espiritualmente mortos, naturalmente procuramos realizar os nossos poderes criadores no mundo da aquisição — daí o presente caos em que cada homem procura unicamente a própria vantagem. Mas se cada um, individualmente, começar a libertar-se de toda imitação, e dessa forma começar a realizar esta vida criadora, esta energia criadora que é livre e espiritual, então, eu sinto, não procurará ou dará tanta preeminência seja ao possuir ou ao não-possuir. Não é assim?

Tôdas as nossas vidas são um processo de imitação. A opinião pública diz isto, logo devemos fazê-lo. Não estou dizendo, atentai, que deveis ir contra tôdas as convenções, que deveis fazer impetuosamente o que quizerdes: isto seria igualmente insensato. O que digo é isto: desde que somos meras máquinas, desde que somos cruelmente individualistas no mundo da aquisição, digo, libertai-vos de toda imitação, tornai-vos indivíduos; perscrutai cada padrão, cada coisa que vos rodeia, não só intelectualmente, não quando vos sentís satisfeito com a vida, mas no momento do sofrimento, quando a vossa mente e coração estão penetrantes e despertos. Então, nesta realização que provém da descoberta dos valores viventes, não dividi-reis a vida em secções — econômica, doméstica e espiritual; vós a defrontareis como uma unidade completa; vós a defrontareis como um ser humano completo.

Para pôr termo ao caos do mundo, à inexorável agressão e exploração, não podeis ter em vista nenhum sistema. Somente vós mesmos podeis fazer isto quando vos tornardes responsáveis, e só vos tornais responsáveis quando estiverdes realmente criando, quando já não imitardes. Nesta liberdade haverá a verdadeira cooperação, não o individualismo que agora existe.

PRIMEIRA PALESTRA EM FROGNERSETEREN

6 de setembro de 1933

Amigos,

A nossa própria procura do entendimento da vida, do significado da vida, a nossa luta para compreender toda a substância da vida ou descobrir o que é a verdade, destrói o nosso entendimento. Nesta palestra tentarei explicar que onde há procura do entendimento da vida, ou de descobrir a sua significação, essa mesma procura perverte o nosso julgamento.

Se sofrermos, queremos uma explicação desse sofrimento; sentimos que se não procuramos, se não tentamos descobrir o significado da existência, não estamos progredindo ou obtendo sabedoria. De modo que estamos constantemente nos esforçando por compreender e nesta

busca de entendimento conciente ou inconcientemente estabelecemos um objetivo para o qual somos impelidos. Estabelecemos um objetivo, o ideal da vida perfeita, e tentamos ser fiéis a esse objetivo, a essa finalidade.

Como tenho dito, conciente ou inconcientemente, estabelecemos um objetivo, um propósito, um princípio ou crença, e, tendo-o estabelecido, tentamos ser-lhe fiéis; tentamos ser fiéis a uma experiência que apenas parcialmente compreendemos. Por este processo instituímos uma dualidade. Porque não entendemos o imediato com seus problemas, com suas convenções, porque não compreendemos o presente, estabelecemos uma idéia, um objetivo, um fim para o qual tentamos avançar. Porque não estamos preparados para estar alerta ao defrontar o sofrimento totalmente como ele se nos apresenta, porque não temos a capacidade de encarar a experiência, tentamos estabelecer um objetivo e com ele ser coerentes. Por essa forma desenvolvemos uma dualidade na ação, no pensamento e no sentimento, e dessa dualidade surge um problema. No desenvolvimento dessa dualidade reside a causa do problema.

Todos os ideais devem estar sempre no futuro. A mente que está dividida, que está lutando pelo futuro, não pode compreender o presente, e desenvolve assim uma dualidade na ação.

Ora, tendo criado um problema, tendo ori-

ginado um conflito, por não podermos encarar o presente inteiramente, tentamos encontrar uma solução para o problema. É isto o que fazemos constantemente, não é assim? Todos nós temos problemas. Quase todos vós estais aqui supondo que vou ajudar-vos a resolver os vossos vários problemas, e ficareis desapontados quando eu vos disser que não os posso resolver. O que vou fazer é tentar mostrar a causa do problema, e, então, vós, pelo entendimento, podeis solucioná-lo por vós mesmo. O problema existe enquanto a mente e o coração estiverem divididos na ação. Isto é, quando estabelecemos uma idéia no futuro e tentamos viver de acordo com ela, somos incapazes de defrontar o presente em sua totalidade; assim, tendo criado um problema, tentamos achar uma solução, o que constitui apenas uma fuga.

Supomos encontrar soluções para os vários problemas, mas, em as encontrando, não temos realmente resolvido, não temos compreendido a causa do problema. No momento em que resolvemos um problema, outro surge, e, assim, prosseguimos até ao fim da nossa vida, procurando soluções a uma série interminável de problemas. Desejo explicar, nesta palestra, a causa do problema e o modo de a dissolver.

Como tenho dito, o problema existe enquanto houver reação — seja uma reação aos padrões externos ou aos internos, como quando dizeis: “Devo ser fiel a esta idéia”, ou: “Devo ser fiel

a esta crença". A maioria das pessoas instruídas, que pensam, repeliram os padrões externos, mas desenvolveram os internos. Afastamos um padrão externo porque criámos outro interno, a que tentamos ser fiéis, um padrão que nos está continuamente guiando e modelando, um padrão que cria dualidade em nossa ação. Enquanto houver padrões a que tentemos ser fiéis, haverá problemas, e daí a contínua busca para a sua solução.

Estes padrões internos existem enquanto não defrontamos totalmente as experiências e incidentes da vida. Enquanto há um princípio guia em nossas vidas a que tentemos ser leais, tem de haver dualidade na ação, e, por consequência, um problema. Esta dualidade persistirá enquanto houver conflito, e êste existe onde existe a limitação da autoconsciência, o "eu". Embora tenhamos repellido os padrões externos e encontrado para nós mesmos um princípio, uma lei interna, a que tentemos ser fiéis, há ainda distinção na ação e daí uma insuficiência no entendimento. Só quando entendemos, quando já não buscamos o entendimento, é que há uma existência sem esforço.

Assim, quando digo, não busqueis uma solução, não procureis uma finalidade, não quero dizer com isso que vos devais voltar para o oposto e tornar-vos estagnado. O meu ponto é: *Por que* procurais uma solução? Por que sois incapaz de defrontar a vida aberta, des-

nuda, simples, plenamente? Porque estais continuamente tentando ser coerente. Por isso há o esforço da vontade para conquistar o obstáculo imediato; há o conflito, e não tentais descobrir a sua causa. Para mim essa contínua busca da verdade, do entendimento, da solução de vários problemas, não é progresso; este ir de um problema para outro não é evolução. Só quando a mente e o coração defrontam completamente cada idéia, cada incidente, cada experiência, cada expressão da vida — só então pode haver um contínuo vir-a-ser que não é estagnação. Mas a busca de uma solução, que erroneamente chamamos progresso, é meramente estagnação.

P e r g u n t a : Quereis dizer que mais cedo ou mais tarde todos os seres humanos, inevitavelmente, no curso da existência, atingirão a perfeição, a completa libertação de tudo que os entrava? Se é assim, por que fazer qualquer esforço agora?

K r i s h n a m u r t i : Sabeis, não falo da massa. Para mim não há essa divisão entre o indivíduo e a massa. Eu vos falo como indivíduos. Afinal de contas, a massa sois vós mesmo multiplicado. Se entenderdes, dareis entendimento. O entendimento é como a luz que dissipa as trevas. Mas, se não entenderdes, se aplicardes o que estou dizendo só a outrem, ao

homem vosso próximo, então estareis apenas aumentando as trevas.

Assim, quereis saber se vós — não êste homem imaginário da massa — se vós, inevitavelmente, atingireis a perfeição. Se isto é assim, pensais, por que fazer qualquer esforço no presente? Perfeitamente de acôrdo. Se pensais que inevitavelmente realizareis o êxtase do viver, por que preocupar-vos? Mas, mesmo assim, por estardes preso no conflito, fazeis esforço.

Direi de outro modo: é como se dissesse a um homem faminto que êle encontrará, inevitavelmente, algum meio de saciar a sua fome. De que lhe serve hoje se lhe disserdes que será alimentado daqui a dez dias? Decorrido êste tempo êle poderá estar morto. Portanto, a pergunta não é: “Há inevitavelmente perfeição para mim, como indivíduo?” Mas, antes: “Por que faço êste esforço incessante?”

Para mim, um homem que está buscando a virtude já não é virtuoso. Entretanto é isto o que fazemos todo o tempo. Estamos tentando ser perfeitos; estamos empenhados no esforço incessante para ser alguma cousa. Mas, se fazemos um esforço por estarmos realmente sofrendo e por querermos livrar-nos dêste sofrimento, então, o nosso principal empenho não é a perfeição — não sabemos o que é a perfeição. Podemos apenas imaginá-la ou lê-la nos livros. Por conseguinte, ela deve ser illusória. O nosso principal empenho não se relaciona com a per-

feição, mas com a pergunta: "Que cria esse conflito que exige esforço?"

Comentário do auditório: Não é o homem espiritual sempre perfeito?

Krishnamurti: Um homem espiritual pode ser, mas nós não o somos. Isto é, temos um senso de dualidade; pensamos que um homem superior é perfeito e que um inferior não o é, e pensamos que o superior tenta dominar o inferior. Por favor, acompanhai isto por um momento, embora concordeis ou não.

Podeis unicamente conhecer o conflito presente; não podeis conhecer a perfeição enquanto permanecéis em conflito. Assim, não precisais preocupar-vos com o que seja a perfeição, com a questão de ser ou não o homem perfeito, de ser ou não perfeito o espírito, de ser ou não perfeita a alma; não estais interessado nisto. Mas certamente vos preocupais com o que causa o sofrimento.

Sabeis, o homem confinado numa prisão está interessado na destruição dessa prisão afim de ser livre; êle se não interessa pela liberdade como uma idéia abstrata. Presentemente não vos preocupais com o que causa o sofrimento, mas com o modo de fugir dêsse sofrimento para a perfeição. Assim, desejais saber se vós como um indivíduo realizareis enfim a perfeição.

Digo que esta não é a questão. A questão é: estardes conciente no presente, ficardes plenamente conhecedor, no presente, das limitações que originam o sofrimento. Se conhecerdes a causa do sofrimento, daí sabereis o que é a perfeição. Mas não a podeis conhecer antes de estardes livre do sofrimento. É esta a causa da limitação. Portanto, não indagueis se um dia atingireis a perfeição, se a alma é perfeita, ou se Deus em vós é perfeito, mas tornai-vos plenamente conciente das limitações de vossa mente e coração na ação. E estas limitações só as podeis descobrir quando agís, quando não estais tentando imitar uma idéia ou um princípio orientador.

Como sabeis, nossas mentes estão atravancadas com princípios nacionais e internacionais, com princípios recebidos de nossos ascendentes e com princípios desenvolvidos por nós mesmos. Guiados por estes princípios, defrontamos a vida. Por isso somos incapazes de compreender. Só podemos compreender quando nossas mentes estão realmente frescas, simples, alerta — não quando sobrecarregadas de idéias.

Ora, cada um de nós tem muitas limitações, limitações de que estamos totalmente inconcientes. A própria pergunta: “Existe a perfeição?” demonstra a consciência da limitação. Mas não podeis descobrir estas limitações pela análise do passado. A tentativa de se analisar a si mesmo é destruidora, não obstante é o que estais

tentando fazer. Dizeis: “Sei que tenho muitas limitações; portanto, examinarei, procurarei e descobrirei quais as minhas barreiras e limitações, e então ficarei livre”. Quando assim procedeis apenas criais uma nova série de barreiras, de obstáculos. Afim de realmente descobrires os falsos princípios e barreiras do passado, tendes de agir com pleno apercebimento no presente, e nessa atividade vos tornais conhecedor de todos os obstáculos ocultos. Experimentai e vereis. Começai a movimentar-vos com pleno conhecimento, com a consciência inteiramente desperta na ação, e vereis que tendes inumeráveis barreiras, crenças, limitações, que vos impedem de agir livremente.

Portanto, digo, a autoanálise, a análise para descobrir a causa no passado, é falsa. Nunca a podeis descobrir pelo exame do que está morto, mas só do que está vivo; e o que está vivo sempre se acha no presente e não no passado. O que precisais fazer é defrontar o presente com pleno conhecimento.

P e r g u n t a : Quem é o salvador das almas?

K r i s h n a m u r t i : Se se pensar um momento, vê-se que esta frase, “o salvador das almas”, não tem significado. Que é que temos em vista quando dizemos uma alma? Uma entidade individual? Corrigí-me, por favor, se eu estiver

em erro. Que temos em vista quando falamos a respeito de uma alma? Referimo-nos a uma consciência limitada. Para mim há somente a vida eterna — em contraste com essa consciência limitada que chamamos o “eu”. Quando este “eu” existe, há dualidade — a alma e o salvador de almas, o inferior e o superior. Podeis compreender a completa unidade da vida só com a cessação da autoconsciência ou da noção do “eu” que cria a dualidade. Para mim, a imortalidade, este eterno vir-a-ser, nada tem de comum com a individualidade. Se o homem se pode libertar de suas numerosas limitações, então esta libertação é a vida eterna; então a mente e o coração conhecem a eternidade. Mas o homem não pode descobrir a eternidade enquanto há limitação.

Daí a pergunta, “Quem é o salvador das almas?” deixa de ter qualquer significação. Ela surge porque estamos encarando a vida do ponto de vista da consciência autolimitada que chamamos “eu”. Por isso dizemos: “Quem me salvará?” “Quem salvará minha alma?” Ninguém vos pode salvar. Tendes mantido essa crença durante séculos, e entretanto estais sofrendo; há ainda um completo caos no mundo. Vós mesmo tendes que compreender; nada vos pode dar sabedoria exceto a vossa ação no presente, que deve criar harmonia do próprio conflito. Somente disto pode surgir a sabedoria.

P e r g u n t a : Alguns dizem que os vossos ensinamentos são apenas para os instruídos e intelectuais, e não para as massas, que estão condenadas à constante luta e sofrimento na vida. Concordais?

K r i s h n a m u r t i : Que dizeis vós? Por que deveria eu concordar ou discordar? Tenho algo a dizer e digo-o. Temo que não sejam os instruídos que compreendam. Talvez esta pequena história torne claro o que quero dizer: Certa vez um mercador, que dispunha de algum tempo, dirigiu-se a um sábio indiano e disse: “Tenho uma hora de folga; por favor, dizei-me o que é a verdade?” O sábio respondeu: “Tendes lido e estudado muitos livros. A primeira cousa que precisais fazer é suprimir tudo o que tendes aprendido”.

O que estou dizendo não só se aplica à classe que dispõe de lazeres, às supostas pessoas inteligentes, bem educadas — e propositadamente utilizo a palavra “supostas” — mas também às chamadas massas. Quem conserva as massas na labuta diária? Os inteligentes, os supostamente instruídos; não é assim? Mas se elles fossem realmente inteligentes encontrariam um modo de libertar as massas da labuta diária. O que estou dizendo é applicável não só aos instruídos mas a todos os seres humanos.

Vós tendes vagar para me ouvir. Podeis então dizer: “Bem, compreendí um pouco, e, por-

tanto, vou utilizar êsse pouco de compreensão para modificar o mundo". Mas, jamais modificareis ou alterareis o mundo dêsse modo. Podeis ouvir por algum tempo e podeis supor que compreendestes alguma cousa, e dizer para vós mesmo: "Vou utilizar êste conhecimento para reformar o mundo". Tal reforma seria meramente um remendo. Mas se realmente entendêsseis o que tenho dito, criaríeis perturbação no mundo — o desassossêgo emocional e mental de que surge o melhoramento das condições. Isto é, se compreenderdes tentareis criar em tôrno de vós um estado de descontentamento, e só o podereis fazer modificando-vos a vós mesmo; não o podeis fazer se julgais que o que digo só é aplicável aos instruídos antes que a vós mesmo. O homem da rua sois vós. Assim a pergunta é: "Compreendeis vós o que estou dizendo?"

Se estais intensamente preso no conflito, quereis descobrir a sua causa. Ora, se estiverdes plenamente apercebido dêsse conflito, verificareis que a vossa mente está tentando fugir, tentando esquivar-se de encarar êsse conflito completamente. Não se trata de me compreender ou não, mas se vós, como indivíduo, estais completamente conciente, pronto a defrontar a vida totalmente. Que vos impede de defrontar a vida totalmente? É êste o ponto. O que vos impede de defrontar a vida totalmente é a ação contínua da memória, de um padrão, de que surge o mêdo.

P e r g u n t a : Segundo o que dizeis, parece não haver conexão entre o intelecto e a inteligência. Mas falais da inteligência desperta como se poderia falar do intelecto adestrado. Que é a inteligência e como pode ser despertada?

K r i s h n a m u r t i : O adestramento do intelecto não produz inteligência. Antes, a inteligência surge quando se age em perfeita harmonia, intelectual e emocionalmente. Há uma enorme diferença entre intelecto e inteligência. O intelecto é o mero pensamento funcionando independentemente da emoção. Quando o intelecto, divorciado da emoção, é adestrado numa direção particular, pode-se ter grande intelecto, mas não se tem inteligência, porque na inteligência há a capacidade inerente de sentir tanto como a de raciocinar; na inteligência ambas as capacidades se acham igualmente presentes, intensa e harmoniosamente.

Presentemente a educação moderna está desenvolvendo o intelecto, oferecendo cada vez mais explicações da vida, teorias e mais teorias sem a qualidade harmoniosa da afeição. Por isso desenvolvemos mentes astuciosas afim de fugir do conflito; eis porque ficamos satisfeitos com as explicações que os cientistas e filósofos não dão. A mente — o intelecto — fica satisfeita com essas inúmeras explicações, mas a inteligência não, pois para entender tem de

haver a completa unidade da mente e do coração na ação.

Isto é, tendes agora mente comercial, mente religiosa, mente sentimental. Vossas paixões nada tem que ver com os negócios; a vossa mente que obtém a subsistência diária nada tem com as vossas emoções. E dizeis que esta condição não pode ser alterada. Dizeis que os vossos negócios não podem ser bem administrados ou honestos se para o seu campo trouxerdes as vossas emoções. Portanto, dividís a vossa mente em compartimentos: num conservais o vosso interesse religioso, noutro as vossas emoções, num terceiro o vosso interesse comercial que nada tem que ver com a vossa vida intelectual ou emocional. A vossa mente comercial trata a vida meramente como um meio de obter dinheiro para a subsistência. Assim, esta existência caótica, esta divisão de vossa vida, continua.

Se realmente utilizásseis a vossa inteligência nos negócios, isto é, se as vossas emoções e o vosso pensamento estivessem agindo harmoniosamente, o vosso negócio poderia falir. Provavelmente faliria. E provavelmente o deixáreis falir quando sentísseis realmente o absurdo, a crueldade e a exploração implícitos neste modo de viver. Enquanto não vos aproximardes da vida toda com a vossa inteligência, ao invés de meramente com o vosso intelecto, nenhum

sistema no mundo salvará o homem da labuta incessante pelo pão.

P e r g u n t a : Falaís frequentemente da necessidade de compreendermos as nossas experiências. Poderíeis explicar o que quereis dizer por compreensão de uma experiência, de modo correto?

K r i s h n a m u r t i : Para compreenderdes uma experiência completamente, precisais aproximar-vos dela com a mente límpida, cada vez que ela se vos defronte. Para compreenderdes a experiência, precisais ter uma clareza ampla, simples, de mente e coração. Mas não nos aproximamos das experiências da vida com esta atitude. A memória impede-nos de nos aproximarmos das experiências abertamente, claramente. Não é assim? A memória impede-nos de defrontar inteiramente a experiência, e, por esta razão, de a compreender completamente.

Ora, que é que causa a memória? Para mim, a memória não é senão o sinal de entendimento incompleto. Quando passais por uma experiência completamente, quando viveis plenamente, esta experiência ou incidente não deixa a cicatriz da memória. Só quando viveis parcialmente, quando não defrontais plenamente a experiência é que há memória; só na falta de plenitude há memória. Não é assim? Tomai, por exemplo, a coerência com um princípio. Por que

sois coerente? Sois coerente por que não podeis encarar a vida aberta, livremente; e então dizeis: "Preciso de um princípio que me guie". Daí a constante luta para ser coerente, e com esta memória por base encarais cada incidente da vida. Assim, há a falta de plenitude em vosso entendimento porque tentais aproximar-vos da experiência com mente que já se acha sobrecarregada. Só quando fizerdes face a tôdas as cousas, sejam quais forem, com mente aliviada, só então tereis o verdadeiro entendimento.

"Porém", dizeis, "que devo fazer com tôdas as memórias que tenho?" Não as podeis repelir. Mas o que podeis fazer é defrontar a vossa próxima experiência completamente; então vereis como as memórias passadas entram em ação, e é esta a ocasião de defrontá-las e de dissolvê-las.

Portanto, o que dá o verdadeiro entendimento não é o resíduo de muitas experiências. Não podeis defrontar novas experiências em sua totalidade quando o remanescente das passadas experiências está sobrecarregando a vossa mente. Todavia, é como as estais continuamente defrontando. Isto é, a vossa mente aprendeu a ser cuidadosa, a ser astuta, a agir como um aviso, a dar uma advertência; por êsse motivo não defrontais plenamente cada incidente. Para libertar a vossa mente da memória, para libertá-la dêsse fardo da experiência, tendes que defrontar a vida plenamente; nesta ação as vossas memórias passadas entram em atividade, e

na chama do apercebimento são dissolvidas. Experimentai e vereis.

Quando sairdes daqui encontrareis amigos; vereis o pôr do sol, as sombras alongando-se. Ficai plenamente apercebido nestas experiências, e vereis que tôdas as espécies de memórias surgem em vossa frente; em vosso agudo apercebimento compreendereis a falsidade e a força dessas memórias, e sereis capaz de as dissolver; defrontareis então cada experiência da vida com pleno apercebimento.

SEGUNDA PALESTRA EM FROGNERSETEREN

8 de setembro de 1933

Amigos,

Desejo explicar hoje que há um modo de viver naturalmente, espontaneamente, sem a constante fricção da autodisciplina, a constante batalha do ajustamento. Mas, afim de comprehendes o que vou dizer, considerai-o não só intellectualmente mas também emocionalmente. Precisais senti-lo; pois podeis realizar o preenchimento da vida somente quando as vossas emoções bem como os vossos pensamentos agirem em harmonia. Quando viveis completamente na harmonia de vossa mente e coração, então o vosso agir é natural, espontâneo, sem esforço.

A maioria das mentes procura segurança. Queremos estar certos. Erigimos em autoridade os que nos oferecem esta segurança, e os ado-

ramos como nossa autoridade porque nós mesmos estamos procurando uma certeza a que a mente possa apegar-se, em que a mente possa sentir-se protegida, segura.

Se considerardes o assunto, verificareis que a maioria de vós vindes ouvir-me porque estais buscando certeza — certeza de conhecimento, certeza de uma finalidade, certeza da verdade, certeza de uma idéia — para que possais agir com essa certeza, escolher por meio dessa certeza. Vossas mentes e corações desejam agir baseados nessa certeza. A vossa escolha e as vossas ações não despertam o verdadeiro discernimento ou a verdadeira percepção, porque estais constantemente ocupado na obtenção de conhecimento, no acúmulo de experiência, na busca de várias espécies de lucro, na procura de autoridades que vos proporcionem segurança e conforto, no esforço pelo desenvolvimento do caráter. Por meio de tôdas estas tentativas de acúmulo esperais ter a segurança da certeza; certeza que afaste tôda dúvida e ansiedade; certeza que vos dê — pelo menos *esperais* que vos dê — garantia de escolha. Com a idéia da certeza, escolheis na esperança de conseguir maior entendimento. Assim, na procura da certeza surge o temor do lucro e o temor da perda.

Portanto, transformais a vida em uma escola onde aprendeis a estar certo. Não é isso que a vossa vida é? Uma escola onde aprendeis, não a viver, mas como estar certo. Para vós a vida é

um processo de acúmulo e não uma questão de viver.

Ora, eu faço uma distinção entre o viver e o acumular. O homem que realmente vive não tem o senso de acúmulo. Mas aquele que procura certeza e segurança, que procura um abrigo donde possa agir — o abrigo do caráter, da virtude — este homem considera a vida como um acúmulo, e por isso a vida para ele se torna um processo de aprendizado, de lucro, de luta.

Onde houver a idéia de acúmulo e de lucro, deve haver uma noção de tempo e por conseguinte falta de plenitude na ação. Se estivermos constantemente na expectativa de um lucro futuro, de um futuro do qual obtenhamos vantagens, desenvolvimento, maior poder de aquisição, então a nossa ação no presente tem de ser incompleta. Se nossas mentes e nossos corações procuram continuamente lucro, consequimento, sucesso, então a nossa ação, seja ela qual for, não tem verdadeiro significado; os nossos olhos estão fixos no futuro, a nossa mente preocupa-se somente com o futuro. Assim, toda ação no presente cria a falta de plenitude.

Desta falta de plenitude surge o conflito, que esperamos vencer por meio da autodisciplina. Fazemos uma distinção em nossas mentes entre as cousas que desejamos obter, que chamamos o essencial, e as que não desejamos adquirir, que chamamos o não-essencial. Por conseguinte, há uma constante batalha, uma luta

constante; o conflito e o sofrimento resultam desta distinção.

Explicarei este ponto de outro modo, porque, se o não observardes e realmente compreenderdes, não compreendereis inteiramente o que tenho a dizer depois.

Transformámos a vida em uma escola de contínuo aprendizado. Mas, para mim, a vida não é uma escola; não é um processo de colheita. A vida é para ser vivida naturalmente, plenamente, sem essa constante batalha de conflitos, essa distinção entre o essencial e o não-essencial. Desta idéia de ser a vida uma escola, surge o constante desejo de conseguimento, de sucesso, e, em consequência, a procura de um fim, o desejo de encontrar a verdade última, Deus, a perfeição final que nos dará — pelo menos esperamos que nos dê — certeza, e daí as nossas tentativas para um contínuo ajustamento a certas condições sociais, a exigências éticas e morais, ao desenvolvimento do caráter e ao cultivo de virtudes. Estes padrões e exigências, se neles realmente pensais, são apenas abrigos donde agimos, abrigos desenvolvidos pela nossa resistência.

Esta é a vida que a maioria das pessoas vive — uma vida de constante procura de lucro, de acúmulo, e, portanto, uma vida de falta de plenitude na ação. A idéia de lucro, que divide a ação em passada, presente e futura, está sempre em nossas mentes; assim, nunca há completo

entendimento na ação em si própria. A mente pensa continuamente no lucro, e por êsse motivo não encontra significado na ação em que está empenhada.

É êsse o estado em que viveis. Ora, para mim êste estado é inteiramente falso. A vida não é um processo de amontoar, uma escola em que preciseis aprender, em que preciseis disciplinar-vos, em que exista constante resistência e luta. Onde existir êste constante amontoar, êste desejo de acumulação, tem de haver carência, que cria o querer; se não quereis, não acumulais. E onde há querer não há discernimento, embora possais atravessar o processo da escola.

Dir-me-eis, então: “Como posso desembaraçar-me dêste querer? Como posso libertar a minha mente dêste processo de acumulação? Como posso vencer estes obstáculos? Dizeis que a vida não é uma escola em que aprendemos, mas como posso viver naturalmente? Dizei-me o caminho que devo seguir, o método que devo praticar todos os dias para viver plenamente.”

A meu ver, não é êste o modo de encarar o problema. A questão não é *como* podeis viver plenamente, mas, antes, *o que* vos impele para essa constante acumulação; a questão não é como desembaraçar-vos da idéia de ajuntar, de acumular, mas, antes, o que cria em vós o desejo de acumular. Espero vejais a distinção.

Presentemente encaraís o problema do ponto

de vista de desembaraçar-vos de algo, de adquirir a não-aquisição, que é essencialmente o mesmo que desejar adquirir alguma coisa, uma vez que todos os opostos são iguais. Assim, que é que vos impede de viver natural, harmoniosamente? Digo que é êste processo de acumular, esta busca de certeza.

Quereis saber então como libertar-vos da busca de certeza. Não investigueis o problema por esta forma. A futilidade do lucro terá significação para vós apenas quando realmente estiverdes em conflito, apenas quando estiverdes plenamente conciente da desharmonia de vossas ações. Se não estais enredado no conflito, continuai então em vosso método atual; se estais absolutamente inconciente da luta e do sofrimento, se não percebeis a vossa própria desharmonia, então continuai a viver como estais. Então não tenteis ser espiritual, pois não sabeis em absoluto o que isto significa. O êxtase do entendimento vem somente quando há grande descontentamento, quando em torno de vós todos os falsos valores forem destruídos. Se não estais descontente, se não estais cômico da intensa desharmonia dentro e ao redor de vós, então, o que digo sôbre a futilidade do acúmulo, não pode ter nenhum significado para vós.

Mas se houver em vós essa revolta divina, então compreendereis quando digo que a vida não é uma escola para se aprender; a vida não é um processo de acúmulo constante, um pro-

cesso em que há o contínuo querer que cega. Então a própria revolta em que estais enredado, êsse mesmo sofrimento, vos dá compreensão, porque desperta em vós a chama do apercebimento. E quando estiverdes plenamente apercebido que o querer é ofuscante, vereis então todo o seu significado, que o dissipa. Então estareis livre do querer, do acumular. Mas, se estais inconciente de tal luta, de tal revolta, podeis apenas continuar a vossa vida como a estais vivendo, em um estado de semiconciência. Quando alguém sofre, quando se encontra colhido pelo conflito, êsse mesmo sofrimento e conflito deveriam conservá-lo intensamente conciente; mas a maioria só indaga como desembaraçar-se do querer. Quando entenderdes o pleno significado de não desejar ganhar, acumular, então não perdurará a luta para desembaraçar-vos de algo.

Dizendo-o diferentemente, por que passais pelo processo da autodisciplina? Por medo é que o fazeis. Por que tendes medo? Porque quereis segurança, a segurança que um padrão social, uma crença religiosa, ou a idéia de adquirir virtudes vos dá. Assim, começais a disciplinar-vos. Isto é, quando a mente se acha escravizada pela idéia do lucro ou do conformismo, há autodisciplina. O fato de estardes desperto para o sofrimento é apenas indício de que a mente está tentando libertar-se de todos os padrões; mas quando sofreis, tentais imediatamente acalmar

êste sofrimento, entorpecendo a mente com o que denominais conforto, segurança, certeza. De modo que continuais êste processo de buscar certeza, que constitue apenas um narcótico. Mas se compreendeis a ilusão da certeza — e só a podeis compreender na intensidade do conflito, a única em que todo o perquirir pode verdadeiramente iniciar-se — então o querer, que cria a certeza, desaparece.

A questão, portanto, não é como desembaraçar-se do querer; é antes: Estais plenamente conciente quando há sofrimento? Tendes plena consciência do conflito, da vida desharmoniosa em torno e dentro de vós? Se estais, então na chama dessa consciência há verdadeira percepção, sem esta constante luta de ajustamento, de autodisciplina. Todavia, o fato de verificar a falsidade da autodisciplina não significa que se deva comprazer na ação irrefletida, impetuosa. Pelo contrário, então a ação nasce da plenitude.

P e r g u n t a : P o d e h a v e r f e l i c i d a d e q u a n d o n ã o h á m a i s a c o n c i ê n c i a d o “ e u ” ? P o d e - s e s e n t i r o q u e q u e r q u e s e j a s e a c o n c i ê n c i a d o “ e u ” f o r e x t i n t a ?

K r i s h n a m u r t i : Primeiramente, que se entende por consciência do “eu”? Quando tendes consciência dêsse “eu”? Quando estais conciente de vós mesmo? Estais conciente de vós mesmo como um “eu”, como uma entidade,

quando estais em aflição, quando experimentais derrota, conflito, luta.

Dizeis: “Se êste “eu” não existe, que é que existe?” Digo que descobrireis só quando a vossa mente estiver livre dêste “eu”; portanto não pergunteis agora. Quando a vossa mente e o vosso coração estiverem em harmonia, quando não estiverem mais colhidos no conflito, sabeis. Então não perguntareis o que é que sente, que pensa. Enquanto persistir a consciência do “eu” tem de haver o conflito da escolha, de que nasce a sensação de felicidade e infelicidade. Isto é, êste conflito vos dá o sentimento de consciência limitada, o “eu”, com o qual a mente se identifica. Digo que descobrireis a vida não identificada como o “vós” ou o “eu”, a vida que é eterna, infinita, somente quando essa consciência limitada se dissolver. Não a dissolveis; ela se dissolve a si mesma.

P e r g u n t a : Falastes outro dia da memória como um obstáculo ao verdadeiro entendimento. Tive recentemente o infortúnio de perder o meu irmão. Deveria eu tentar esquecer esta perda?

K r i s h n a m u r t i : Expliquei outro dia o que entendo por memória. Tentarei explicar outra vez.

Depois de terdes observado um lindo pôr-de-sol, voltais ao vosso lar ou ao vosso escritó-

rio e recomeçais a viver naquele pôr-de-sol, porque o vosso lar ou o vosso escritório não é como desejaríeis que fosse; não é belo; assim, para escapardes desta fealdade, retrocedeis em memória àquele pôr-de-sol. Dêste modo criais em vossa mente uma distinção entre o lar, que não vos dá alegria, e aquilo que vos proporciona grande encanto, o pôr-do-sol. Assim, quando defrontais as circunstâncias desagradáveis, evocais a memória daquilo que vos proporciona prazer. Mas, se ao invés de tornardes a uma memória morta, tentásseis alterar as circunstâncias desagradáveis, então viveríeis intensamente no presente e não no passado morto.

Do mesmo modo, quando se perde um ente muito querido, por que há êste constante retrospecto, êste constante apêgo ao que nos dá prazer, êste profundo desejo de ter de volta esta pessoa? É isto por que todos passam quando experimentam semelhante perda. Fogem da tristeza desta perda evocando a lembrança da pessoa que partiu, vivendo num futuro, ou crendo no além — que é igualmente uma espécie de memória. É porque as nossas mentes estão pervertidas pela fuga, porque são incapazes de defrontar o sofrimento aberta, limpidamente, que temos de retroceder à memória, e em consequência o passado invade o presente.

Portanto, a questão não é se deveríeis ou não recordar o vosso irmão, ou marido, a vossa esposa ou filhos; antes, trata-se de viver com-

pleta, plenamente no presente, embora isto não implique em serdes indiferente aos que vos cercam. Quando viveis completa, plenamente, há nisso intensidade, a chama do viver, que não é o mero registo de um incidente.

Como podemos viver completamente no presente, de modo que a mente não fique pervertida pelas memórias do passado e aspirações futuras — que são também memória? Ainda uma vez, a questão não é como deveríeis viver completamente, mas saber o que impede vivais dessa forma. Pois, quando perguntais *como*, estais procurando um método, um meio, e, para mim, um método destrói o entendimento. Se souberdes o que vos impede de viver completamente, então, por vós próprio, por vosso próprio apercebimento e compreensão vos libertareis dêsse obstáculo. O que vos impede de vos libertardes é a vossa busca de certeza, a vossa constante aspiração de lucro, de acúmulo, de conquista. Mas não pergunteis: “Como posso vencer estes obstáculos?” pois tãda conquista é apenas um processo de lucro ulterior, ulterior acúmulo. Se esta perda realmente vos está criando sofrimento, se ela realmente vos está causando intensa — não superficial — tristeza, então não perguntareis *como*; vereis imediatamente a futilidade do olhar para o passado ou para o futuro afim de achar consôlo.

Quando a maioria das pessoas dizem sofrer, êsse sofrimento é apenas superficial. Elas so-

frem, mas querem ao mesmo tempo outras cousas: querem conforto, teem medo, procuram modos e meios de fuga. A tristeza superficial é sempre acompanhada do desejo de conforto. O sofrimento superficial é como o arar a terra a pouca profundidade; de nada vale. Só quando o solo é lavrado profundamente, com tôda a penetração que permite o arado, é que há fertilidade. No estado de completo sofrimento há a completa compreensão, em que os obstáculos como memórias, tanto do presente como do futuro, cessam de existir. Então viveis no eterno presente.

Sabeis, entender um pensamento ou uma idéia não significa apenas concordar com êles intelectualmente.

Há várias espécies de memórias: há a memória que se vos impõe no presente, a memória que evocais ativamente e a memória do olhar em frente, no futuro. Tôdas elas vos impedem de viver completamente. Mas, não principieis a analisar as vossas memórias. Não pergunteis: "Que memória impede meu viver completo?" Quando perguntais desta maneira, não agís; apenas examinais a memória intelectualmente e tal exame não tem valor porque é feito em cousa morta. Uma cousa morta não traz compreensão. Mas se estiverdes plenamente conciente no presente, no momento da ação, então tôdas estas memórias entram em atividade. Então não necessitais passar pelo processo de analisá-las.

P e r g u n t a : Julgais correto educar as crianças com instrução religiosa?

K r i s h n a m u r t i : Responderei esta pergunta indiretamente, pois, quando compreenderdes o que vou dizer, podereis respondê-la particularmente a vós mesmos.

Sabeis, somos influenciados não somente pelas condições externas mas também pelas internas que desenvolvemos. Ao educar uma criança, os pais submetem-na a várias influências e circunstâncias limitadoras, uma das quais é a instrução religiosa. Ora, se permitissem à criança crescer sem êsse obstáculo, sem essas influências limitadoras, sejam internas ou externas, ela começará a interrogar à proporção que cresce, e, inteligentemente, descobrirá por si mesma. Então, se ela quiser religião, tê-la-á, quer proibais ou animeis a atitude religiosa. Por outras palavras, se a sua mente e coração não estiverem influenciados, interditos, seja pelos padrões externos ou internos, então ela descobrirá realmente o que é verdadeiro. Isto requer grande percepção, grande compreensão.

Atualmente os pais querem influenciar a criança de um ou outro modo. Se sois muito religioso quereis influenciar a criança inclinando-a à religião; se não sois, dela a procurais afastar. Auxiliai a criança a ser inteligente, então ela descobrirá por ela mesma o verdadeiro significado da vida.

P e r g u n t a : Fizestes referência à harmonia da mente e do coração na ação. Que é ação? Implica esta ação em movimento físico, ou pode ela ter lugar quando se está inteiramente tranquilo e só?

K r i s h n a m u r t i : Não implica a ação em pensamento? Não é a ação o próprio pensamento? Não podeis agir sem pensar. Sei que muitas pessoas assim agem, mas a sua ação não é inteligente, não é harmoniosa. Pensamento é ação, que também é movimento. Ainda, pensamos separadamente do nosso sentimento, criando assim outra entidade separada da nossa ação. De modo que dividimos as nossas vidas em três partes distintas: pensamento, sentimento, ação. Por conseguinte, perguntais: “É a ação puramente física? É a ação puramente mental ou emocional?”

Para mim as três são uma só cousa: não há distinção entre pensar, sentir e agir. Portanto podeis estar só e tranquilo por algum tempo, ou podeis estar trabalhando, movendo-vos, agindo; ambos os estados podem ser ação. Quando entenderdes isto, não fareis separação entre pensar, sentir e agir.

Para a maioria das pessoas o pensar é apenas uma reação. Se é meramente uma reação, já não é pensar, porque então deixa de ser criador. Muitas pessoas que dizem pensar apenas obedecem cegamente às suas reações; possuem

certos padrões, certas idéias, segundo os quais agem. Gravaram na memória essas idéias e quando dizem pensar, apenas seguem estas memórias. Tal imitação não é pensar; é somente uma reação, um reflexo. O verdadeiro pensar só existe quando descobrís o verdadeiro significado dêsses padrões, dêsses preconceitos, dessas seguranças.

Expressando por outra forma: Que é a mente? A mente é a palavra, o pensamento, a consideração, a compreensão; é tudo isto e é também o sentimento. Não podeis separar o sentir do pensar; a mente e o coração são completos em si. Mas, por termos criado incontáveis fugas através do conflito, surgiu a idéia do pensamento separado do sentimento, da ação, e por isso a nossa vida é fragmentada, incompleta.

P e r g u n t a : Entre os vossos ouvintes há pessoas idosas e débeis de corpo e mente. Pode haver também pessoas afeiçoadas a drogas, bebida ou fumo. Que podem fazer elas para se modificarem quando verificam que o não conseguem ainda que o desejem?

K r i s h n a m u r t i : Permanecei como estais. Se realmente desejardes modificar-vos, modificar-vos-eis. Como vêdes, é exatamente isto: intelectualmente desejais modificar-vos, mas, emocionalmente, continuais ainda atraídos pelo prazer de fumar ou pelo conforto de um entorpecente. Por isso perguntais: "Que devo fa-

zer? Quero abandonar isto, mas, ao mesmo tempo, não quero. Dizei-me, por favor, como posso fazer as duas cousas”. Isto parece divertido, mas é realmente o que estais perguntando.

Ora, se examinardes o problema inteiramente, não com a idéia de querer ou não querer, abandonar ou não abandonar, descobrireis se realmente quereis ou não fumar. Se verificardes que quereis, então fuma. Por êsse modo descobrireis o valor do hábito sem chamá-lo constantemente de fútil e ainda continuando nele. Se examinardes o ato completa, inteiramente, não direis: “Deverei abandonar o fumo ou não?” Mas agora quereis fumar porque isto vos dá uma sensação agradável, e ao mesmo tempo não quereis porque mentalmente verificaes o seu absurdo. Em consequência, começais a disciplinar-vos, dizendo: “Devo sacrificar-me; devo abandonar isto”.

P e r g u n t a : Não concordais que o homem alcançará o reino do céu por meio de uma vida igual à de Jesus, inteiramente dedicada ao serviço?

K r i s h n a m u r t i : Espero não fiqueis escandalizados quando eu vos disser que o homem não alcançará o reino do céu dêsse modo.

Ora, vejamos o que dizeis: “Por meio do serviço obterei algo que quero”. A vossa declaração significa que não servís completamente;

esperais uma recompensa pelo serviço. Dizeis: “Por meio de uma conduta justa poderei conhecer Deus”. Isto é, estais realmente interessado, não na conduta justa, mas em conhecer Deus, divorciando assim de Deus a justiça. Mas nem por meio do serviço, nem do amor, nem da adoração, nem da prece, mas unicamente na própria ação destes, há a verdade, Deus. Compreendeis? Quando perguntais: “Alcançarei o reino do céu por meio do serviço?” o vosso serviço não tem significado porque estais interessado principalmente no reino do céu, estais interessado em obter algo em retôrno; é uma espécie de permuta, tal como a vossa vida é.

De modo que ao dizerdes: “Por meio da retidão, do amor, atingirei, realizarei” — estais interessado na realização, que é apenas uma fuga, uma forma de imitação. Portanto, o vosso amor ou a vossa conduta reta não tem significado. Se sois bondoso para comigo porque eu vos posso dar algo em troca, que valor tem a vossa bondade?

É êste todo o processo de nossa vida. Temos medo de viver. Somente quando alguém agita diante de nossos olhos uma recompensa é que agimos, e então não agimos por amor à ação mesma, mas afim de obter a recompensa. Por outras palavras, agimos pelo que podemos obter da ação. O mesmo sucede em vossas preces. Isto é, porque para nós a ação não tem significado em si mesma, porque julgamos necessitar estí-

mulo para agir retamente, colocamos diante de nós uma recompensa, algo que desejamos, e esperamos que êste incitamento, êste brinquedo, nos dê satisfação. Mas quando agimos com esta esperança de recompensa, então a ação em si mesma não tem significado.

Por isto é que digo estardes preso nesse processo de recompensa e lucro, êsse obstáculo oriundo do mêdo, que resulta em conflito. Quando virdes isto, quando vos tornardes conciente disto, então compreenderéis que a vida, a conduta, o serviço, tudo tem significado em si mesmo; então não atravessareis a vida com o propósito de obter outra cousa, porque sabereis que a ação em si tem valor intrínseco. Então não sereis meramente um reformador; sereis um ser humano; conhecereis essa vida que é plástica e, por conseguinte, eterna.

TERCEIRA PALESTRA EM FROGNERSETEREN

9 de setembro de 1933

Esta manhã vou somente responder a perguntas.

P e r g u n t a : Acreditais na eficácia da prece e no seu valor quando dirigida com a mais profunda simpatia pelo infortúnio e sofrimento alheios? Não pode a prece, em seu verdadeiro sentido, produzir a libertação de que falais?

K r i s h n a m u r t i : Quando empregamos a palavra “prece” creio que o fazemos com um significado bem definido. Como geralmente se compreende, ela quer dizer orar a alguém fora de nós mesmos para nos dar força, entendimento, etc. Isto é, procuramos auxílio de uma fonte

externa. Quando estais sofrendo e vos dirigís a alguém para vos aliviar dêsse sofrimento, apenas criais em vossa mente, e portanto em vossa ação, falta de plenitude, dualidade. Assim, do meu ponto de vista, a prece, tal como é geralmente compreendida, não tem valor. Podeis esquecer o sofrimento em vossa prece, mas não compreendestes a causa dêle. Ter-vos-eis meramente perdido na prece; ter-vos-eis sugestionado certos modos de vida. Por conseguinte, a prece, na acepção comum da palavra, isto é, pedir a outrem alívio do sofrimento, para mim, não tem valor.

Mas, se me é permitido usar a palavra com sentido diferente, penso que há uma prece que não é pedir auxílio a outrem; é uma contínua vigilância da mente, um estado desperto em que compreendeis por vós mesmo. Neste estado de prece, conheceis a causa do sofrimento, a causa da confusão, a causa de um problema. A maioria de nós, quando temos um problema, imediatamente procuramos uma solução. Quando encontramos uma solução julgamos tê-lo resolvido, mas não o resolvemos. Apenas fugimos dêle. A prece no sentido convencional da palavra é, portanto, uma fuga. Mas a verdadeira prece, eu sinto, é ação com interêsse desperto pela vida.

Comentário do auditório: Julgais que a prece de uma mãe por seus filhos possa ser um bem para êles?

K r i s h n a m u r t i : Que pensais?

C o m e n t á r i o : Espero lhes seja um bem.

K r i s h n a m u r t i : Que quereis significar dizendo que a prece é um bem para êles? Não há outra cousa que se possa fazer para auxiliar? Que se pode fazer por alguém quando esta pessoa sofre? Pode-se-lhe dar simpatia e afeição. Suponde que eu sofra porque ame alguém que não me corresponda e que aconteça ser eu vosso filho. Vossa prece não aliviará meu sofrimento. Que acontece? Discutís o assunto comigo, mas a dor permanece ainda porque desejo êste amor. Que quereis fazer quando vêdes sofrer alguém a quem amais? Desejais auxiliar; desejais afastar o sofrimento dessa pessoa. Mas não o podeis, porque êsse sofrimento é a sua prisão. É a prisão que êle próprio criou, uma prisão que não podeis afastar — mas isto não quer dizer que vossa atitude deva ser de indiferença.

Ora, quando alguém a quem amais sofre e nada podeis fazer por êle, recorreis à prece, esperando aconteça algum milagre que alivie a sua tristeza; mas se compreendêsseis que o sofrimento é causado pela ignorância criada pela própria pessoa, então compreenderíeis que podeis dar-lhe simpatia e afeto, mas não podeis afastar o seu sofrimento.

C o m e n t á r i o : Mas queremos aliviar o nosso próprio sofrimento.

Krishnamurti: Isso é diferente.

Pergunta: Dizeis: "Defrontai tôdas as experiências como se vos apresentem." Que dizeis de tão terríveis infortúnios como ser condenado à prisão perpétua, ou ser queimado vivo por professar certas opiniões políticas ou religiosas — infortúnios que atualmente teem sido o destino de seres humanos? Diríeis a tais pessoas que se submetessem aos seus infortúnios e não tentassem vencê-los?

Krishnamurti: Suponde que eu pratique um assassinio; então a sociedade põe-me na prisão porque fiz alguma cousa que é inerentemente errada. Ou suponde que uma força externa me impele a fazer algo que desaproveis e que por isso me façais mal. Que devo fazer? Suponde que daqui a alguns anos vós, neste país, decidais não me querer aqui em virtude do que digo. Que posso fazer? Não posso vir aqui. Agora, não é enfim a mente que dá valor aos termos "fortuna" e "desfortuna"?

Se tenho certa crença e sou preso por professá-la, não considero esta prisão como sofrimento, porque a crença é realmente minha. Suponde que eu creia em algo — algo não externo, algo que é real para mim; se eu for punido por professar tal crença, não considerarei esta punição como sofrimento, pois a crença pela qual estou sendo punido é para mim não meramente uma crença, mas uma realidade.

P e r g u n t a : Tendes falado contra o espírito de aquisição, tanto espiritual como material. Não nos auxilia a contemplação a compreender e defrontar a vida completamente?

K r i s h n a m u r t i : Não é a contemplação a própria essência da ação? Na Índia há pessoas que se afastam da vida, do contacto diário com os outros e se retiram para as florestas afim de contemplar, de encontrar Deus. Chamais a isto contemplação? Eu não o chamaria assim — isto é apenas uma fuga da vida. Do defrontar a vida plenamente surge a contemplação. Contemplação é ação.

O pensamento, quando completo, é ação. O homem que, afim de pensar, se afasta do contacto diário com a vida, torna a sua vida não natural; para êle a vida é confusão. A nossa própria busca de Deus ou da verdade é uma fuga. Procuramos porque achamos a vida que vivemos feia, monstruosa. Dizeis: “Se eu puder compreender quem criou essa cousa, compreenderei a criação; afastar-me-ei *disto* e dirigir-me-ei *àquilo*”. Mas se, ao invés de vos afastardes, procurásseis compreender a causa da confusão na própria confusão, então a vossa verificação, a vossa descoberta, destruiria o que é falso.

A não ser que tenhais experimentado a verdade, não podeis saber o que ela é. Nem páginas de descrição nem a hábil sagacidade de al-

guém pode dizer-vos o que ela é. Somente podeis conhecer a verdade por vós mesmo, e só podeis conhecê-la quando tiverdes libertado a vossa mente da ilusão. Se a mente não está livre, apenas criais opostos, e estes se tornam vossos ideais, como Deus ou a verdade.

Se eu estou colhido no sofrimento, na dor, crio a idéia de paz, de tranquilidade. Crio a idéia da verdade de acordo com o meu agrado ou desagrado, e, por conseguinte, esta idéia não pode ser verdadeira; entretanto é isto que fazemos constantemente. Quando contemplamos, como geralmente o fazemos, apenas tentamos fugir à confusão. “Mas”, dizeis, “quando estou preso na confusão não posso compreender; preciso fugir-lhe afim de compreender”. Isto é, tentais aprender do sofrimento.

Mas, segundo o meu ver, nada podeis aprender do sofrimento, muito embora não deveis afastar-vos dêle. A função do sofrimento é dar-vos um choque tremendo; o despertar causado por êste choque ocasiona-vos a dor, e então dizeis: “Deixai-me descobrir o que posso aprender disto”. Ora, se ao invés de dizerdes assim, vos mantivésseis desperto durante o choque do sofrimento, então esta experiência produziria entendimento. O entendimento reside no próprio sofrimento, não fora dêle; o sofrimento mesmo produz a libertação do sofrimento.

Comentário : Dissestes outro dia que a autoanálise é destrutiva, mas penso que analisar a causa do sofrimento dá-nos sabedoria.

Krishnamurti : A sabedoria não está na análise. Sofreis, e pela análise tentais achar a causa; isto é, estais analisando um acontecimento morto, a causa que já se encontra no passado. O que precisais fazer é achar a causa do sofrimento no momento mesmo de sofrer. Analisando o sofrimento não lhe encontrareis a causa; analisais apenas a causa de um ato particular. Então dizeis: "Compreendí a causa deste sofrimento". Mas, na realidade, aprendestes unicamente a evitar o sofrimento; dêle não libertastes a vossa mente. Este processo de acúmulo, de aprender pela análise de um determinado ato, não nos dá sabedoria. A sabedoria surge somente quando a consciência do "eu", que é a criadora, a causa do sofrimento, é dissolvida. Estou fazendo isto difícil?

Que acontece quando sofremos? Queremos alívio imediato, e por isso aceitamos qualquer coisa que nos é oferecida. Examinamo-la superficialmente no momento e dizemos ter aprendido. Quando este remédio mostra a sua insuficiência em fornecer alívio, tomamos outro, mas o sofrimento continua. Não é assim? Mas quando sofreis completa, totalmente, não de modo superficial, então alguma coisa acontece; quando todos os caminhos de fuga que a mente in-

ventou tiverem sido entendidos e bloqueados, permanece apenas o sofrimento e então o compreenderéis. Não há cessação por meio de um remédio intelectual. Como expressei outro dia, a vida, para mim, não é um processo de aprendizado; não obstante, consideramo-la como se fosse meramente uma escola onde se aprendam cousas, meramente um sofrimento afim de aprender; como se tudo servisse unicamente de recurso para alcançar outra coisa. Dizeis que se aprenderdes a contemplar defrontareis a vida plenamente, enquanto eu digo que se a vossa ação for completa, isto é, se vossa mente e vosso coração estiverem em completa harmonia, então essa ação mesma é contemplação, ausência de esforço.

P e r g u n t a : P o d e u m p a s t o r q u e s e l i b e r t o u d a s d o u t r i n a s p e r m a n e c e r e m s e u m i s t e r n a I g r e j a L u t e r a n a ?

K r i s h n a m u r t i : Penso que não permanecerá. Que entendeis por um pastor? Alguém que vos dá o que desejais espiritualmente, isto é, conforto? Certamente a pergunta já foi respondida. Procurais mediadores para vos auxiliarem. Estais fazendo de mim também um pastor — um pastor sem doutrinas, mas julgais-me ainda um pastor. Mas sinto que não o seja. Nada vos posso dar. Uma das doutrinas convencionalmente aceitas é que outrem vos pode conduzir

à verdade, que, pelo sofrimento de outrem, podeis compreendê-la; digo, porém, que ninguém vos pode conduzir à verdade.

P e r g u n t a : Suponde que o pastor seja casado e dependa de sua posição para viver?

K r i s h n a m u r t i : Dizeis que se o pastor abandonasse o trabalho sua esposa e filhos sofreriam, o que seria um sofrimento real para êle, tanto quanto para sua esposa e filhos. Deveria êle abandonar? Suponde seja eu um pastor; que eu já não acredite em igrejas e sinta a necessidade de libertar-me delas. Considerarei a minha esposa e os meus filhos? Não. Esta decisão exige grande entendimento.

P e r g u n t a : Dissestes que a memória representa uma experiência que não foi compreendida. Quer isto dizer que as nossas experiências não tem nenhum valor para nós? E por que a experiência plenamente compreendida não deixa memória?

K r i s h n a m u r t i : Receio que a maior parte das experiências que se tem não possuam nenhum valor. Repetís a mesma coisa muitas vezes, enquanto que para mim uma experiência realmente compreendida liberta a mente de toda procura de experiências. Defrontais um incidente do qual esperais aprender, do qual esperais

tirar proveito e multiplicaís as experiências, uma após outra. Com essa idéia de sensação, de aprendizado, de lucro, defrontaís várias experiências; vós as defrontaís com mente preconcebida. Utilizaís assim as experiências por que passais meramente como um meio de obter outra coisa — afim de vos enriquecerdes emocional ou mentalmente, terdes prazer. Julgaís que essas experiências não teem valor intrínseco; vós as consideraís unicamente para obter, por meio delas, outra coisa.

Onde há querer tem de haver memória, que cria o tempo. E, em maioria, as mentes, estando presas no tempo, defrontam a vida com esta limitação. Isto é, confinadas nesta limitação tentam compreender algo que não tem limite. Por isso há conflito. Em outras palavras, as experiências pelas quais tentamos aprender nascem da reação. Não existe tal coisa como o aprender da experiência ou por meio dela.

O interrogante quer saber por que uma experiência plenamente compreendida não deixa memória. Nós estamos solitários, vazios; ficando concientes dessa vacuidade, dessa solidão, voltamo-nos para a experiência afim de preenche-la. Dizemos: “Aprenderei da experiência; deixai-me preencher a mente com a experiência que destrói a solidão”. A experiência destrói a solidão, mas torna-nos muito superficiais. É isto o que estamos sempre fazendo; mas se com-

preendermos que êste próprio querer cria a solidão, então esta desaparecerá.

P e r g u n t a : Sinto o embaraço e a confusão do apêgo no pensar e sentir, que constituem a riqueza e variedade de minha vida. Como posso aprender a ser desprendido da experiência de que se me afigura ser eu incapaz de fugir?

K r i s h n a m u r t i : Por que desejais ser desprendido? Porque o apêgo vos causa a dor. A posse é um conflito em que há ciúme, contínua vigilância, interminável luta. O apêgo proporciona-vos dor; e, assim, dizeis: “Deixai-me ser desprendido”. Isto é, o vosso desprendimento é simplesmente uma fuga da dor. Dizeis-me, “Deixai-me encontrar um modo, uma maneira pela qual eu não sofra.” No apêgo há conflito que vos desperta, vos agita, e para não serdes despertado ansiais pelo desapêgo. Atravessais a vida querendo o oposto exato daquilo que vos causa a dor, e êste mesmo querer é apenas uma fuga do que vos prende.

Não se trata de aprender o desprendimento, mas de se manter desperto. O apêgo causa-vos dor. Mas se, ao invés de tentardes fugir, tentásseis permanecer desperto, defrontaríeis abertamente e compreenderíeis tôda experiência. Se estais apegado e satisfeito com o vosso estado, não experimentais perturbação. Somente nas

ocasiões de dor e sofrimento quereis o oposto, que julgais vos dará alívio. Se estais apegado a alguém e há paz e tranquilidade, tudo corre suavemente por algum tempo; depois, alguma coisa acontece que vos proporciona dor. Tomai, por exemplo, um marido e mulher; em sua posse, em seu amor, há completa cegueira, felicidade. A vida lhes corre docemente até que algo aconteça — êle pode deixá-la, ou ela pode enamorar-se de outro. Então há dor. Em tal situação dizeis a vós mesmo: “Preciso aprender a desapegar-me”. Mas se amardes novamente, repetireis a mesma coisa. Ainda, quando sentís dor no apêgo, desejais o seu oposto. É esta a natureza humana; é isto o que todo ser humano quer.

Portanto, a questão não é adquirir o desprendimento. É compreender a loucura do apêgo quando nele sofreis; então não vos dirigís ao oposto. Ora, que sucede? Quereis ser apegado e ao mesmo tempo desapegado, e nesse conflito há dor. Se na dor mesma compreenderdes a sua finalidade, se não tentardes fugir para o oposto, então essa mesma dor vos libertará tanto do apêgo como do desapêgo.

PALESTRA NO COLISEU, OSLO

10 de setembro de 1933

Amigos,

Sabeis, vamos de crença em crença, de experiência em experiência, na expectativa e busca de alguma compreensão permanente que nos dê iluminação, sabedoria; e, por êsse modo, esperamos também descobrir por nós mesmos o que é a verdade. Assim, começamos a procurar a verdade, Deus, ou a vida. Ora, para mim, essa mesma procura da verdade é uma negação dela, pois esta vida eterna, esta verdade somente pode ser compreendida quando a mente e o coração estiverem livres de tôdas as idéias, de tôdas as doutrinas, de tôdas as crenças e quando compreendermos a verdadeira função da individualidade.

Digo que há uma vida eterna que conheço e de que falo, mas não se pode compreendê-la

procurando-a. Que é a nossa busca atualmente? É apenas uma fuga de nossos sofrimentos, confusões e conflitos diários; uma fuga de nossa confusão do amor, em que há constante peleja de posse, de ciúme; uma fuga da luta contínua pela existência. Por isso dizemos a nós mesmos: "Se eu puder compreender o que a verdade é, se eu puder descobrir o que é Deus, então compreenderei e vencerei a confusão, a luta, a dor, as inúmeras batalhas da escolha. Deixai-me, assim, descobrir o que é, e, compreendendo isto, compreenderei a vida quotidiana em que há tanto sofrimento". Para mim, a compreensão da verdade não está em sua busca; ela reside no entendimento do verdadeiro significado de tôdas as cousas; o inteiro significado da verdade está no transitório, e não fora dêle.

Dêsse modo, a nossa busca da verdade é apenas uma fuga. A nossa busca e investigação, o nosso estudo de filosofias, a nossa imitação de sistemas éticos e nosso contínuo tatear buscando esta realidade que digo existir, são apenas meios de fuga. Compreender esta realidade é compreender a causa de nossos vários conflitos, lutas, sofrimentos; mas, pelo desejo de fugir dêsses conflitos, construímos muitos modos sutís de evitá-los e neles nos abrigamos. Assim, a verdade torna-se simplesmente outro refúgio em que a mente e o coração podem encontrar conforto.

Ora, a própria idéia de conforto é um obstáculo; esta mesma concepção da qual extraímos consôlo é apenas fuga do conflito da vida de todos os dias. Durante séculos vimos construindo vias de evasão, tal como a autoridade; pode ser a autoridade de padrões sociais, ou da opinião pública, ou de doutrinas religiosas; pode ser um padrão externo como o que as pessoas mais educadas estão hoje repelindo, ou um padrão interno, como o que se cria depois de repelir o externo. Mas a mente que considera a autoridade, isto é, a mente que aceita sem interrogar, a mente que imita, não pode compreender a liberdade da vida. Por conseguinte, embora tenhamos construído, através dos séculos passados, essa autoridade que nos dá uma paz momentânea, um consôlo momentâneo, um conforto passageiro, esta autoridade tornou-se apenas a nossa fuga. A imitação, igualmente — a imitação dos padrões, a imitação de um sistema ou de um método de viver; para mim, isto também é um obstáculo. E nossa procura de certeza é apenas uma maneira de fugir; queremos estar certos, nossas mentes desejam apegar-se a certezas, de modo que desta base possamos observar a vida, possamos adotar o nosso ponto de partida dêste abrigo.

Para mim, tudo isto são limitações que impedem a ação natural, espontânea, a única que liberta a mente e o coração de modo que o ho-

mem possa viver harmoniosamente, possa compreender a exata função da individualidade.

Quando sofremos procuramos certeza, queremos dirigir-nos para valores que nos deem conforto — e este conforto é simplesmente memória. Então, entramos outra vez em contacto com a vida, e outra vez sentimos sofrimento. Dessa forma, julgamos aprender do sofrimento, dêle colher compreensão. Quando sofremos, uma crença ou uma idéia, ou uma teoria, dá-nos satisfação momentânea, e desta satisfação julgamos ter compreendido ou colhido entendimento, através dessa experiência. Assim, vamos, de sofrimento em sofrimento, aprendendo como ajustar-nos às condições exteriores. Isto é, não entendemos o movimento verdadeiro do sofrimento; apenas nos tornamos cada vez mais astuciosos e sutis em nosso proceder com o sofrimento. É esta a superficialidade da civilização e cultura modernas; muitas teorias, muitas explicações do nosso sofrimento são avançadas e nelas nos abrigamos, indo de experiência em experiência, sofrendo, aprendendo e esperando, por meio de tudo isto, encontrar a sabedoria.

Digo que a sabedoria não pode ser comprada. A sabedoria não se encontra no processo de acumulação; não é o resultado de inumeráveis experiências; nem é adquirida pelo estudo. A sabedoria, a vida mesma, só pode ser entendida quando a mente estiver livre dêsse senso

de busca, dessa procura de conforto, dessa imitação, pois estes são apenas meios de fuga que vimos cultivando há séculos.

Se examinardes a nossa estrutura de pensamento, de emoção, tôda a nossa civilização, verificareis que é apenas um processo de fuga, um processo de conformidade. Quando sofremos, a nossa reação imediata é um desejo de alívio, de consolação, e aceitamos as teorias oferecidas sem averiguar a causa do nosso sofrimento; isto é, ficamos momentaneamente satisfeitos, vivemos superficialmente, e por isso não descobrimos profundamente, por nós mesmos, qual a causa do nosso sofrimento.

Dí-lo-ei de outro modo: se bem que tenhamos experiências, elas não nos conservam despertos, mas, ao contrário, nos adormecem, porque as nossas mentes e corações teem sido durante gerações adestrados meramente a imitar, conformar-se. Finalmente, quando há qualquer espécie de sofrimento, não nos deveríamos dirigir a êle para que nos ensine, mas, antes, conservar-nos completamente despertos de maneira que encaremos a vida com plena lucidez — não neste estado de semiconsciência em que quase tôda criatura humana defronta a vida.

Explicarei novamente, afim de que me torne mais claro; pois, se compreenderdes isto, naturalmente compreendereis o que vou dizer.

Digo que a vida não é um processo de estudo, de acumulação. A vida não é uma escola em

que vos submetais a exames sôbre o que aprendestes, sôbre o que aprendestes das experiências, das ações, do sofrimento. A vida é para ser vivida, não para que dela aprendamos. Se considerais a vida como algo que deveis aprender, agís apenas superficialmente. Isto é, se a ação, na vida diária, é apenas um meio para uma recompensa, para um fim, então a ação mesma não tem valor. Ora, quando tendes experiências dizeis que precisais aprender por meio delas, compreendê-las. Por conseguinte, a experiência em si mesma não tem valor para vós porque estais esperando um lucro por meio do sofrimento, da ação, da experiência. Mas para compreenderdes inteiramente a ação, que para mim é o êxtase da vida, o êxtase que é imortalidade, a mente deve estar liberta da idéia da aquisição, da idéia de aprender por meio da experiência, por meio da ação. Presentemente, ambos, mente e coração, estão presos nesta idéia de aquisição, nesta idéia de que a vida é um meio de se alcançar outra cousa. Mas quando perceberdes a falsidade desta concepção, não continuareis mais a considerar o sofrimento como um meio para alcançar um fim. Então não continuareis mais a encontrar conforto em idéias, em crenças; não continuareis mais a vos abrigar em padrões de pensamento ou sentimento; começareis a ficar plenamente consciente, não com o propósito de saber o que lucrareis com isso, mas afim de, inteligentemen-

te, livrar a ação da imitação e da busca de uma recompensa. Isto é, vereis o significado da ação, e não meramente a vantagem que ela vos trará.

Ora, em maioria, as mentes estão presas na idéia da aquisição, na busca de recompensa. O sofrimento vem para despertá-las desta ilusão, dêste estado de semiconsciência, mas não para ensinar-lhes uma lição. Quando a mente e o coração agem com um senso de dualidade, criando assim opostos, tem de haver conflito e sofrimento. Que acontece quando sofreis? Buscais um alívio imediato, seja na bebida ou no divertimento, ou na idéia de Deus. Para mim, tudo isto é a mesma cousa, pois são meramente meios de fuga inventados pela mente sutil, fazendo do sofrimento uma cousa superficial. Portanto, digo: Tornai-vos plenamente consciente de vossas ações, quaisquer que sejam; então perceberéis como a vossa mente está de contínuo encontrando evasões; verificareis que não estais defrontando a experiência completamente, com todo o vosso ser, mas só parcial, semiconcientemente.

Construímos muitos obstáculos que se tornaram abrigos onde nos refugiamos no momento de dor. Estes abrigos são apenas escapulas e, por essa razão, de nenhum valor inerente. Mas, para descobrirmos estes abrigos, estes falsos valores que criámos em torno de nós, que nos reteem e nos aprisionam, não devemos tentar analisar as ações que surgem dêsses abrigos. Para

mim, a análise é a própria negação da ação completa. Não se pode entender um obstáculo pelo seu exame. Não há entendimento na análise de uma experiência passada, pois ela está morta; há entendimento só na ação viva do presente. Por isso a autoanálise é destrutiva. Mas, descobrir as inumeráveis barreiras que vos cercam é tornar-vos plenamente conciente, tornar-vos plenamente lúcido em qualquer ação que ocorra ao vosso redor, ou em o que quer estejais fazendo. Então todos os obstáculos passados, como tradição, imitação, temor, reações defensivas, desejo de segurança, de certeza — tudo isto entra em atividade; é só no que é ativo que há compreensão. Nesta chama de apercebimento, a mente e o coração libertam-se de todos os obstáculos, de todos os falsos valores; então há libertação na ação, e esta libertação é a liberdade da vida, que é imortalidade.

P e r g u n t a : É só por meio da tristeza e do sofrimento que se desperta para a realidade da vida?

K r i s h n a m u r t i : O sofrimento é a coisa que nos é mais familiar, com que vivemos constantemente. Conhecemos o amor e a sua alegria, mas em seu rastro seguem muitos conflitos. Seja o que for que nos dê o maior choque, a que chamamos sofrimento, conservar-nos-á despertos para defrontar a vida plenamente, ajudar-nos-á

a abandonar as múltiplas ilusões que criámos em torno de nós. Não é só o sofrimento ou o conflito que nos mantem despertos, mas qualquer cousa que nos dê um choque, que nos faça interrogar todos os falsos padrões e valores que criámos em nosso redor pela nossa busca de segurança. Quando sofreis profundamente, tornais-vos inteiramente apercebido e nesta intensidade de apercebimento descobris os verdadeiros valores. Isto liberta a mente de criar ilusões novas.

P e r g u n t a : Por que tenho medo da morte? E que há além da morte?

K r i s h n a m u r t í : Penso que se teme a morte porque se tem o sentimento de não se ter vivido, Se sois um artista, podeis ter medo que a morte vos leve antes de haver terminado o vosso trabalho; tendes medo porque nada haveis realizado. Ou, se sois um homem na vida comum, sem capacidades especiais, tendes medo porque tampouco realizastes cousa alguma. Dizeis: "Se me tiram do meu preenchimento, que permanece? Como não entendo esta confusão, esta labuta, esta incessante escolha e conflito, há ainda oportunidade para mim?" Tendes medo da morte quando não vos preenchestes na ação; isto é, tendes medo da morte quando não defrontais a vida total, completamente, com plenitude de vossa mente e coração. Por conse-

guinte, a questão não é saber porque temeis a morte, mas, antes, conhecer o que vos impede de defrontar a vida plenamente. Tudo deve morrer, tudo passa. Mas, se tendes a compreensão que vos capacita a defrontar a vida plenamente, então há vida eterna, imortalidade, sem começo nem fim, e não há temor da morte. Ainda, a questão não é como libertar a mente do temor da morte, mas como defrontar a vida plenamente, como defrontar a vida de modo que haja preenchimento.

Para defrontar a vida plenamente precisa-se estar livre de todos os valores defensivos. Mas a nossa mente e o nosso coração estão sufocados com tais valores, que tornam a nossa ação incompleta, e daí o medo da morte. Para achardes o verdadeiro valor, para estardes livre dêsse constante temor da morte e do problema do além, tendes que conhecer a verdadeira função do indivíduo, tanto a criadora como a coletiva.

Agora a segunda parte da pergunta: Que há além da morte? Há um além? Sabeis por que uma pessoa faz usualmente tais perguntas, por que deseja saber o que há do outro lado? Ela pergunta porque não sabe como viver no presente; está mais morta do que viva. Diz: "Deixai-me descobrir o que sucede após a morte", porque não tem a capacidade de entender êste eterno presente. Para mim o presente é a eternidade; a eternidade reside no presente, não no futuro. Mas, para êsse interrogante, a vida tem

sido toda uma série de experiências sem preenchimento, sem compreensão, sem sabedoria. Consequentemente, para êle, o além é mais sedutor do que o presente, e por isso as inumeráveis perguntas relacionadas com o que se acha no além. O homem que investiga o além já está morto. Se viveis no eterno presente, o além não existe; então a vida não é dividida em passado, presente e futuro. Então há somente plenitude, e nela o êxtase da vida.

P e r g u n t a : Pensais que a comunicação com os espíritos dos mortos seja um auxílio para a compreensão da vida em sua totalidade?

K r i s h n a m u r t i : Por que haveríeis de pensar que os mortos auxiliam mais que os vivos? Porque os mortos não vos podem contradizer, não vos podem fazer oposição, enquanto que os vivos podem. Nas comunicações com os mortos podeis ser fantasioso; e por isso vos dirigís de preferência aos mortos do que aos vivos, afim de vos darem auxílio. Para mim, a questão não é se existe uma vida após o que chamamos morte; não é se nos podemos comunicar com os espíritos dos mortos; para mim, tudo isto nenhuma relação tem com o caso. Alguns dizem que é possível a comunicação com os espíritos dos mortos; outros, que não. A discussão parece-me de muito pequeno valor; pois, para compreender a vida com suas

rápidas mudanças, com sua sabedoria, não podeis dirigir-vos a outrem para que vos liberte das ilusões que criastes. Nem os mortos nem os vivos vos podem libertar de vossas ilusões. Só no interesse desperto pela vida, na constante vigilância da mente e do coração há o viver harmonioso, há o preenchimento, a riqueza da vida.

P e r g u n t a : Qual a vossa opinião quanto ao problema do sexo e do ascetismo à luz da presente crise social?

K r i s h n a m u r t i : Não examinemos êste problema, se me é permitido sugerir, do ponto de vista das condições presentes, porque estas modificam-se constantemente. Consideremos de preferência o problema em si; pois, se o compreenderdes, a presente crise poderá também ser compreendida.

O problema do sexo, que parece preocupar tantas pessoas, surgiu por termos perdido a chama criadora, êste viver harmonioso. Tornamo-nos apenas máquinas imitadoras; cerramos as portas ao pensamento e emoção criadores; ajustamo-nos constantemente; estamos limitados pela autoridade, pela opinião pública, pelo temor, e, assim, defrontamo-nos com o problema do sexo. Mas se a mente e o coração se libertarem do senso de imitação, dos falsos valores, do exagêro do intelecto, e, dêsse modo, liberta-

rem a própria função criativa, então o problema não existe. Ele se tornou grande porque gostamos de nos sentir seguros, porque pensamos que a felicidade se encontra no sentimento de posse. Mas se entendermos o verdadeiro significado da posse, e sua natureza ilusória, então a mente e o coração estarão livres de ambas, da posse e da não-posse.

Assim também quanto à segunda parte da pergunta que se refere ao ascetismo. Julgamos que ao defrontar um problema — neste caso o problema da posse — podemos resolvê-lo e compreendê-lo indo para o seu oposto. Venho de um país onde o ascetismo está em nosso sangue. O clima anima esse costume. A Índia é quente, e lá é muito melhor ter poucas cousas, sentar-se à sombra de uma árvore e discutir filosofia, ou retirar-se inteiramente da vida pungente e cheia de conflitos, ir para os bosques meditar. A questão do ascetismo também surge quando se é um escravo da posse.

O ascetismo não tem valor intrínseco. Quando o praticais, estais meramente fugindo da posse para o seu oposto, que é o ascetismo. Isto é como um homem que procura o desapêgo porque sente dor no apêgo. “Deixai-me ser desapegado”, diz ele. Do mesmo modo, dizeis: “Tornar-me-ei um asceta, porque a posse cria sofrimento. O que realmente estais fazendo é apenas ir da posse à não-posse, que é outra modalidade de posse. Mas neste movimento também há con-

flito, porque não compreendeis o pleno significado da posse. Isto é, recorreis à posse para conforto; pensais que a felicidade, a segurança, a lisonja da opinião pública, consistem em ter muitas cousas, sejam idéias, virtudes, terras ou títulos. Por pensarmos que a segurança, a felicidade e o poder residem na posse, acumulamos, esforçamo-nos por possuir, lutamos e competimos uns com os outros, reprimimo-nos e exploramo-nos mutuamente. É o que está acontecendo por todo o mundo e qualquer mente astuta dirá: "Tornemo-nos ascetas; não possuamos; tornemo-nos escravos do ascetismo; façamos leis para que o homem não possua". Em outras palavras, apenas estais substituindo uma prisão por outra, meramente dando à nova um outro nome. Mas se entenderdes realmente o valor transitório da posse, não vos tornareis nem asceta nem uma pessoa sobrecarregada pelo desejo de posse; então sereis na verdade um ser humano.

P e r g u n t a : Tive a impressão de que manifestais certo desdém pela aquisição de conhecimentos. Quereis dizer que a educação ou o estudo de livros — por exemplo, o estudo da história ou da ciência — não teem valor? Quereis dizer que vós mesmo nada haveis aprendido de vossos professores?

K r i s h n a m u r t i : Estou falando do vi-

ver uma vida completa, uma vida humana, e nenhum amontoado de explicações, seja da ciência ou da história, libertará a mente e o coração do sofrimento. Podeis estudar, podeis aprender de cor a enciclopédia, mas sois um ser humano, ativo; as vossas ações são voluntárias, a vossa mente é flexível e não a podeis sufocar pelo conhecimento. O conhecimento é necessário, a ciência é necessária. Mas se a vossa mente estiver presa às explicações e a causa do sofrimento for intelectualmente explicada e afastada, então levais uma vida superficial, uma vida sem profundidade. E é isto o que nos está acontecendo. A nossa educação torna-nos cada vez mais frívolos; não nos ensina nem profundidade de sentimento nem liberdade de pensamento, e nossas vidas são desharmoniosas.

O interrogante quer saber se não aprendí de professores. Sinto que não, porque nada há para aprender. Alguém pode ensinar-vos a tocar piano, a resolver problemas de matemática; podeis ser instruído nos princípios de engenharia ou na técnica da pintura; mas ninguém vos pode ensinar o preenchimento criador, que é a vida mesma. E todavia estais constantemente pedindo para ser ensinado. Dizeis: "Ensinaime a técnica de viver e saberei o que é a vida". Sustento que êsse próprio desejo de um método, esta idéia em si mesma, destrói a vossa liberdade de ação, que é a liberdade da própria vida.

P e r g u n t a : Dizeis que ninguém nos pode auxiliar salvo nós mesmos. Não acreditais que a vida do Cristo tenha sido uma expiação de nossos pecados? Não acreditais na graça de Deus?

K r i s h n a m u r t i : Estas são palavras que receio não compreender. Se quereis dizer que outrem vos pode salvar, então digo que ninguém o poderá. Esta idéia de que outro vos pode salvar é uma ilusão confortadora. A grandeza do homem está em não poder ser auxiliado ou salvo a não ser por ele próprio. Tendes a idéia de que um Deus externo pode mostrar-nos o caminho através dêste labirinto de conflitos da vida; de que um mestre, um salvador de homens pode mostrar-nos o modo, pode retirar-nos, conduzir-nos para fora das prisões que criámos por nós mesmos. Se qualquer pessoa vos der a liberdade, desconfiai dessa pessoa, pois apenas criareis outras prisões pela vossa própria falta de entendimento. Mas se interrogardes, se estiverdes desperto, alerta, constantemente conciente de vossa ação, então a vossa vida será harmoniosa; então a vossa ação será completa, pois surgirá da harmonia criadora, e isto é verdadeiro preenchimento.

P e r g u n t a : Qualquer que seja a atividade que uma pessoa empreende, como pode ela fazer

outra coisa senão remendar, enquanto não tiver atingido a realização da verdade?

K r i s h n a m u r t i : Pensais que o trabalho e a assistência podem auxiliar aos que sofrem. Para mim tal tentativa de fazer o bem social para o bem-estar do homem é um remendo. Não digo que isto seja errôneo; é sem dúvida necessário, porque a sociedade se encontra num estado que exige hajam os que trabalhem para produzir a modificação social, os que trabalhem para melhorar as condições. Mas também é preciso haver trabalhadores de outro tipo, os que trabalhem para impedir que as novas estruturas da sociedade se baseiem em idéias falsas.

Por outras palavras, suponhamos que alguns de vós se interessem pela educação; tendes ouvido o que venho dizendo, e suponhamos que fundeis uma escola ou que ensineis numa delas. Antes que tudo, verificai se estais meramente interessados no melhoramento das condições de educação ou se interessados em lançar a semente do verdadeiro entendimento, despertando as pessoas para a vida criadora; verificai se estais meramente interessados em mostrar-lhes um modo de sair de suas dificuldades, em dar-lhes consôlo, uma panacéia, ou se estais realmente ansiosos por despertá-las para a compreensão de suas próprias limitações, de modo que possam destruir as barreiras que agora as reteem.

P e r g u n t a : Explicai por favor o que entendeis por imortalidade. É ela tão real para vós como o chão em que pisais, ou é apenas uma idéia sublime?

K r i s h n a m u r t i : O que vou dizer-vos sôbre a imortalidade será difícil de compreender, porque para mim a imortalidade não é uma crença: ela é. Isto é uma cousa bem diferente. Há imortalidade — e não que eu a conheça ou creia nela. Espero vejais a diferença. Logo que eu diga “Eu sei”, a imortalidade torna-se uma cousa objetiva, estática. Mas quando não existe o “eu”, há imortalidade. Desconfiai da pessoa que diz “conheço a imortalidade”, porque para ela a imortalidade é uma cousa estática, o que significa que existe a dualidade: há o “eu” e há o que é imortal, duas cousas diferentes. Eu digo que há imortalidade, e que ela existe porque não há euconsciência.

Agora, por favor, não digais que não creio na imortalidade. Para mim a crença nenhuma relação tem com isto. A imortalidade não é externa. Mas onde há crença em algo, tem de haver um objeto e um sujeito. Por exemplo, não acreditais na luz do sol: ela é. Só um cego que nunca a viu tem de acreditar nela.

Para mim há uma vida eterna, uma vida sempre surgindo; é um eterno vir-a-ser, não um eterno crescer, pois o que cresce é transitório. Agora, para entender a imortalidade que digo

existir, a mente deve estar livre da idéia de continuidade e de não-continuidade. Quando alguém pergunta: “Há imortalidade?” quer saber se, como indivíduo, continuará, ou se, como indivíduo, será destruído. Isto é, pensa somente em termos de opostos, em termos de dualidade: Ou existís ou não. Se tentardes compreender a minha resposta do ponto de vista da dualidade, então fracassareis inteiramente. Digo que a imortalidade é. Mas para realizar esta imortalidade, que é o êxtase da vida, a mente e o coração precisam estar livres da identificação com o conflito de que surge a consciência do “eu”; e livres também da idéia do aniquilamento do egoconsciência.

Deixai-me explicar de outro modo. Conheceis somente opostos — coragem e temor, posse e não-posse, desapêgo e apêgo. Tôda a vossa vida está dividida em opostos — virtude e não-virtude, certo e errado — porque nunca defrontais a vida completamente, mas sempre com esta reação, com êste fundamento de divisão. Criastes êste fundamento; mutilastes a vossa mente com estas idéias e depois perguntais: “Há imortalidade?” Digo que há, mas para compreendê-la a mente precisa estar livre dessa divisão. Isto é, se tendes mêdo, não busqueis coragem, mas permití à mente libertar-se do mêdo; vêde a futilidade do que chamais coragem; compreendei que ela é apenas uma fuga do mêdo, e que êste existirá enquanto houver a

idéia de lucro e perda. Em lugar de procurar-des sempre o oposto, em lugar de lutardes para desenvolver a qualidade oposta, permití que a mente e o coração se desvencilhem daquilo que os retém. Não tenteis desenvolver o seu oposto. Então conhecereis por vós próprio, sem que ninguém vos diga ou vos guie, o que é imortalidade; imortalidade que não é “eu”, nem “vós”, mas que é vida.

QUARTA PALESTRA EM FROGNERSETEREN

12 de setembro de 1933

Amigos,

Farei hoje um resumo do que tenho dito aqui.

Temos a idéia de que a sabedoria é um processo de aquisição pela constante multiplicação da experiência. Pensamos que pelo multiplicar das experiências aprenderemos, e que este aprendizado nos dará sabedoria, e por meio desta sabedoria na ação esperamos encontrar a riqueza, a autosuficiência, a felicidade, a verdade. Isto é, para nós a experiência é apenas a constante mudança de sensação, porque recorremos ao tempo para que nos dê sabedoria. Quando pensamos desta maneira, que por meio do tempo adquiriremos sabedoria, temos a idéia de

chegar a algum resultado. Isto é, dizemos que o tempo gradualmente nos revelará a sabedoria. Mas o tempo não revela a sabedoria, porque o utilizamos unicamente como meio de chegar a algum resultado. Quando temos a idéia de adquirir sabedoria pela constante mutação de experiência, estamos procurando a aquisição, e, por consequência, não há a percepção imediata, que é sabedoria.

Tomemos um exemplo; talvez êle esclareça o que quero dizer. A esta mudança de desejo, de sensação, a esta multiplicação de experiências que a mudança da sensação produz, chamamos progresso. Suponhamos que vemos um chapéu numa loja e desejamos possuí-lo; tendo-o obtido, queremos outra coisa — um automóvel, etc. Voltamo-nos em seguida para os desejos emocionais e pensamos que modificando assim o nosso desejo, de um chapéu para uma sensação emocional, crescemos. Da sensação emocional passamos às sensações intelectuais, às idéias, a Deus, à verdade. Ou seja, julgamos ter progredido pela constante mutação de experiências, do estado de querer um chapéu para o estado de querer e procurar Deus. Assim, acreditamos que, pelas experiências, pela escolha, fizemos progresso.

Ora, para mim isto não é progresso; é meramente mudança de sensação, sensação cada vez mais sutil, cada vez mais refinada, contudo, ainda sensação, e, por isso, superficial. Apenas

substituímos o objeto do nosso desejo; primeiro era um chapéu, agora tornou-se Deus, e julgamos com isso ter feito tremendo progresso. Isto é, pensamos que por êste progresso gradual de refinar a sensação descobriremos o que é a verdade, Deus, a eternidade. Digo que jamais achareis a verdade pela mudança gradual do objeto do desejo. Mas se compreenderdes que só na percepção imediata, no imediato discernimento, reside tôda a sabedoria, então esta idéia da modificação gradual do desejo desaparecerá.

Agora, que estamos fazendo? Pensamos: “Eu era diferente ontem, sou diferente hoje e serei diferente amanhã”; dêste modo interessamo-nos pela diferença, pela mutação — não pelo discernimento. Tomai, por exemplo, a idéia do desapêgo. Dizemo-nos: “Há dois anos eu era muito apegado, hoje sou menos, e daqui a alguns anos serei menos ainda, chegando finalmente a um estado em que serei completamente desapegado”. Julgamos, assim, ter crescido do apêgo ao desapêgo através do constante choque da experiência, que chamamos progresso, desenvolvimento do caráter.

Para mim, isto não é progresso. Se perceberdes com todo o vosso ser o significado total do apêgo, então não progredireis para o desapêgo. A mera procura do desapêgo não revela a superficialidade do apêgo, que só pode ser compreendido quando a mente e o coração não estiverem fugindo por meio da idéia do desapêgo.

Êste entendimento não é produzido pelo tempo, mas somente pela compreensão de que no apêgo em si há dor, como também alegria passageira. Então me perguntais: "Não me auxiliará o tempo a perceber isto?" O tempo não auxiliará. O que vos fará perceber é a transitoriedade da alegria ou a intensidade da dor no apêgo. Se estiverdes inteiramente conciente disto, então não ficareis mais preso pela idéia de serdes agora diferente do que ereis há poucos anos, e, mais tarde, novamente diferente. A idéia do tempo progressivo torna-se illusória.

Por outras palavras, pensamos que pela escolha avançaremos, aprenderemos, pela escolha, nos modificaremos. Nós, geralmente, escolhemos pela volição. Não há satisfação na escolha comparativa. Ao que não nos satisfaz chamamos não-essencial, e ao que nos satisfaz, essencial. Assim, enredamo-nos constantemente neste conflito de escolha pelo qual esperamos aprender. A escolha, pois, são meramente opostos em ação; cálculo entre os opostos e não discernimento durável. Por isso, crescemos do que chamamos o não-essencial para o que chamamos o essencial, e êste, por sua vez, se torna o não-essencial. Isto é, crescemos do desejo do chapéu, que pensávamos ser o essencial e que agora se tornou não-essencial, para o que julgamos ser o essencial, unicamente para descobrir ser êste também não-essencial. Assim, julgamos

que por meio da escolha chegaremos à plenitude da ação, à totalidade da vida.

Como tenho dito, para mim, a percepção ou o discernimento são independentes do tempo. O tempo não vos dá o discernimento das experiências; apenas vos torna mais sagaz, mais astucioso ao defrontá-las. Mas se perceberdes e viverdes completamente na própria coisa que estiverdes experimentando, então desaparecerá a idéia de mudança do não-essencial para o essencial, e a mente assim se libertará da idéia do tempo progressivo.

Recorreis ao tempo para que vos modifique. Dizeis a vós mesmo: "Pela multiplicação das experiências, como pela mudança do desejo do chapéu ao desejo de Deus, aprenderei sabedoria, aprenderei compreensão". Na ação oriunda da escolha não há discernimento, a escolha sendo cálculo, uma lembrança de ação incompleta. Isto é, agora defrontais uma experiência parcialmente, com uma tendência religiosa, com os preconceitos de distinções sociais ou de classe, e esta mente pervertida, ao defrontar a vida, cria a escolha; ela não vos dá a plenitude do entendimento. Mas se defrontardes a vida com liberdade, abertamente, com simplicidade, então desaparecerá a escolha, pois estareis vivendo completamente, sem criar o conflito dos opostos.

P e r g u n t a : Que quereis dizer por viver plena, aberta, livremente? Dai, por favor, um

exemplo prático. Por favor, explicai também, com um exemplo prático, como na tentativa para viver plena, aberta, livremente, alguém se torna conciente dos próprios obstáculos que impedem a libertação, e como, pelo tornar-se plenamente conciente dêles, pode deles libertar-se.

K r i s h n a m u r t i : Suponde que eu seja um *snob* e inconciente de que o sou; isto é, tenho um preconceito de classe e, inconciente dêle, defronte a vida. Naturalmente, tendo minha mente deformada por esta idéia de distinção de classe, não posso compreender, não posso defrontar a vida aberta, livre, simplesmente. Ou, ainda, se eu fosse educado com fortes doutrinas religiosas, ou com algum adestramento especial, meus pensamentos e emoções estariam pervertidos; com êste fundo de preconceito defrontaria a vida, e êste, naturalmente, impediria o meu completo entendimento da vida. É nesse fundo de tradição e falsos valores, de distinção de classe e pendores religiosos, de temor e preconceito, que nos achamos presos. Com êsse fundo, com êsses padrões estabelecidos, sejam internos ou externos, tentamos defrontar a vida e compreender. Dêsses preconceitos surge o conflito, as alegrias transitórias, o sofrimento. Mas estamos inconcientes dêsse fato, inconcientes de que somos escravos de certas formas de tradição, escravos do ambiente político e social, dos falsos valores.

Ora, para que vos liberteis dessa escravidão, digo, não tenteis analisar o passado, o fundo de tradição de que sois um escravo e de que estais inconciente. Se sois um *sno**b*, não tenteis descobrir, depois de consumada a vossa ação, se o sois. Estai plenamente conciente, e pelo que dizeis e fazeis, o *sno**bismo* de que não tendes consciência entrará em atividade; então podereis libertar-vos dêle, pois esta chama de percepção cria um intenso conflito, que dissolve o *sno**bismo*.

Como expliquei noutro dia, a autoanálise é destrutiva, porque quanto mais vos analisais, menos ação há. A autoanálise tem lugar somente quando o incidente já passou, já morreu; então volveis intelectualmente a êsse incidente e intelectualmente tentais dissecá-lo, compreendê-lo. Não há entendimento numa coisa morta. Antes, se estiverdes inteiramente conciente em vossa ação, não como expectador que apenas observa, mas como um ator nela totalmente absorvido — se estiverdes plenamente conciente e não separado dela, então o processo da autoanálise não existirá. Não existirá porque estareis defrontando a vida totalmente, não separado da experiência, e nesta chama de lucidez trareis à atividade todos os vossos preconceitos, todos os falsos padrões que mutilavam a vossa mente; e pelo trazê-los à vossa plena consciência dêles vos libertareis, porque êles criam

perturbação e conflito, e por meio dêste próprio conflito sereis libertado.

Apegamo-nos à idéia de que o tempo nos dará entendimento. Isto, para mim, é apenas um preconceito, um obstáculo. Suponde agora que penseis sôbre esta idéia por um momento — não a aceiteis, mas refletí sôbre ela e desejai descobrir se é verdadeira. Verificareis então que a podeis experimentar somente na ação, não conjecturando teorias sôbre ela. Então não perguntareis se o que digo é verdadeiro — experimentá-lo-eis na ação. Digo que o tempo não vos traz entendimento; quando o encarais como um processo gradual de desenvolvimento, estais criando um obstáculo. Podeis verificar isto somente na ação; somente na experiência podeis perceber se esta idéia tem algum valor intrínseco. Mas perdereis seu profundo significado se tentardes utilizá-lo como meio para obter alguma outra cousa.

A idéia do tempo como um processo de desenvolvimento é apenas um método cultivado de adiamento. Não defrontais o que se vos defronta porque tendes medo; não quereis defrontar a experiência totalmente, ou pelos vossos preconceitos ou pelo vosso desejo de adiar.

Quando tendes um tornozelo torcido, não o podeis destorcer gradualmente. Esta idéia de que aprendemos por meio de várias e crescentes experiências, pela multiplicação da alegria e do sofrimento, é um dos nossos preconceitos, um

dos nossos obstáculos. Para descobrires se isto é verdadeiro, tendes de agir; jamais descobrireis em meramente vos sentando e discutindo a respeito. Podeis descobrir somente no movimento da ação, no ver como a vossa mente e o vosso coração reagem, não modelando-os, impelindo-os para determinado fim; então vereis que eles estão reagindo de conformidade com o preconceito do acúmulo. Dizeis: “Há dez anos passados eu era diferente; hoje sou diferente, e daqui a dez anos ainda serei mais diferente”; mas o defrontar de experiências com a idéia de que sereis diferente, de que aprendereis gradualmente, impede-vos de as compreender, de as discernir instantâneamente, plenamente.

P e r g u n t a : Poderíeis também dar um exemplo prático de como a autoanálise é destrutiva? O vosso ensinamento neste ponto brota de vossa própria experiência?

K r i s h n a m u r t i : Primeiramente, não estudei filosofias ou livros sagrados. Estou-vos dando as minhas próprias experiências. Perguntaram-me muitas vezes se estudei os livros sagrados, filosofias e outros escritos semelhantes. Não os estudei. Estou-vos dizendo o que para mim é verdade, sabedoria, e está em vós, que sois instruído, verificar se assim é. Penso que no processo mesmo de acúmulo, que chamamos instrução, é que se encontra o nosso infortúnio. Quando sobrecarregada de conheci-

mentos, de instrução, a mente está mutilada — não é que não devamos ler. Mas a sabedoria não pode ser comprada; precisa ser experimentada na ação. Penso que isto responde à segunda parte da pergunta.

Responderei à pergunta de modo diferente, e espero que a explique com mais clareza. Por que pensais deveis analisar-vos? Porque não tendes vivido integralmente nas experiências, e esta experiência criou uma perturbação em vós. Por isso vos dizeis: “Na próxima vez que eu a defrontar devo estar preparado, deixai-me assim observar o incidente passado e dêle aprenderei; logo, defrontarei a próxima experiência plenamente e então ela não me perturbará mais.” Assim, começais a analisar, o que é um processo intelectual, e, portanto, não totalmente verdadeiro; como o não compreendestes completamente, dizeis: “Aprendí alguma coisa da experiência passada; agora, com êste pequeno conhecimento, deixai-me defrontar a próxima experiência da qual aprenderei mais um pouco”. Dessa forma jamais vivereis completamente na experiência em si; êste processo intelectual de estudo, de acúmulo, prossegue sempre.

É isto o que fazeis todos os dias, porém, inconscientemente. Não tendes o desejo de defrontar a vida harmoniosamente, completamente; antes, julgais que aprendereis a defrontá-la harmoniosamente por meio da análise; isto é, pelo adicionar pouco a pouco no celeiro da mente

esperais tornar-vos pleno e capaz de defrontar a vida completa, totalmente. Mas a vossa mente jamais se tornará livre por êsse processo; cheia ela poderá ficar — porém jamais livre, aberta, simples. E o que vos impede de ser simples, aberto, é o constante processo de analisar um incidente do passado, que necessariamente tem que ser incompleto. Só poderá haver entendimento completo no próprio movimento intrínseco da experiência. Quando estais em uma grande crise, quando tem de haver ação, então não analisais, não calculais; pondeis tudo isto de lado, pois nesse momento a vossa mente e coração estão em harmonia criadora e há verdadeira ação.

P e r g u n t a : Qual o vosso conceito sôbre as práticas religiosas, cerimoniais e ocultas — para citar só algumas atividades que auxiliam a humanidade? É a vossa atitude para com elas apenas de completa indiferença ou de antagonismo?

K r i s h n a m u r t i : Entregar-se a tais práticas parece-me um desperdício de esforço. Quando dizeis “prática” quereis dizer seguir um método, uma disciplina, que esperais vos dará o entendimento da verdade. Já falei longamente a êste respeito e não disponho do tempo preciso para retornar a êle plenamente. Tôda idéia de seguir uma disciplina faz a mente e o

coração rígidos e coerentes. Tendo já traçado um plano de conduta e desejando ser coerente com êle, dizeis-vos: “Devo fazer isto e não devo fazer aquilo”, e a vossa memória desta disciplina guia-vos através da vida. Isto é, devido ao temor dos dogmas religiosos e da situação econômica, defrontais as experiências parcialmente, através do véu dêsses métodos e disciplinas. Encarais a vida com temor, que cria os preconceitos; há, assim, entendimento incompleto e disto surgem conflitos. E para vencer estes conflitos encontrais um método, uma disciplina segundo a qual julgais: “Eu devo” e “eu não devo”. Portanto, tendo estabelecido uma coerência, um padrão, disciplinais-vos de acôrdo com êle por meio de uma constante memória, e a isto chamais autodisciplina, práticas ocultas. Digo que tal autodisciplina, tal prática, êsse ajustamento contínuo a um padrão, ou o não-ajustamento a êle, não liberta a mente. O que liberta a mente é defrontar a vida plenamente, estar plenamente conciente, o que não exige prática. Não vos podeis dizer: “Devo estar conciente, devo estar conciente”. A percepção vem na intensidade completa da ação. Quando sofreis profundamente, quando vos alegrais profundamente, nesse momento encarais a vida com plena percepção e não com uma consciência dividida; então defrontareis tôdas as cousas completamente, e nisto há liberdade.

Com referência às cerimônias religiosas, a

questão é muito simples, do meu ponto de vista. Uma cerimônia é meramente uma sensação glorificada. Alguns de vós provavelmente não concordam com esta opinião. Sabeis, sucede com a cerimônia religiosa o mesmo que com a pompa mundana: quando um rei convoca a sua côrte, os expectadores são tremendamente impressionados e grandemente explorados. A razão por que a maioria das pessoas vai à igreja é a de achar conforto, de fugir, de explorar e ser explorada; e se alguns de vós ouvistes o que tenho dito durante estes últimos cinco ou seis dias, tereis compreendido a minha atitude e ação quanto às cerimônias.

“É a vossa atitude para com elas meramente de completa indiferença ou de antagonismo?” A minha atitude não é indiferente nem antagonista. Digo que elas devem conter sempre o germe da exploração, e em consequência são ininteligentes e iníquas.

P e r g u n t a : Desde que não procurais seguidores, por que então aconselhais às pessoas a deixar suas religiões e seguir o vosso conselho? Estais preparado para assumir as consequências de tal conselho? Ou quereis dizer que as pessoas necessitam de orientação? Se não, por que pregais finalmente?

K r i s h n a m u r t i : Lamento, nunca criei tal cousa como um seguidor. Jamais eu disse a

alguém: “Abandonai a vossa igreja e segui-me”. Isto seria apenas pedir-vos que viésseis para outra igreja, para outra prisão. Digo que pelo seguir outrem vos tornais escravo, ininteligente; tornais-vos máquina, um autômato imitador. Em seguindo alguém jamais descobrireis o que é a vida, o que é a eternidade. Digo que seguir outrem é destrutivo, cruel, conducente à exploração. Preocupo-me com o lançamento da semente. Não vos peço que sigais. Digo que o próprio seguir outrem é a destruição da vida, êste eterno vir-a-ser.

Dizendo-o de modo diferente, pelo seguir outrem destruíis a possibilidade de descobrir a verdade, a eternidade. Por que seguís? Porque quereis ser guiado, quereis ser auxiliado. Julgais que não podeis compreender; por isso vos dirigís a outrem e aprendeis a sua técnica e vos tornais escravo de seu método. Vós vos tornais o explorador e o explorado, e contudo esperais que pela contínua prática dêsse método libertareis o pensar criador. Jamais libertareis o pensar criador seguindo. Somente quando começais a interrogar a própria idéia de seguir, de estabelecer autoridades e adorá-las, é que podeis descobrir o que é verdadeiro; e a verdade libertará a vossa mente e coração.

“Quereis dizer que as pessoas necessitam de orientação?” Digo que as pessoas não a necessitam; elas necessitam ser despertadas. Se sois guiado para certas ações retas, estas não o são

mais; são meramente imitativas, forçadas. Mas se vós próprio, através do interrogar, através do constante apercebimento, descobrís os valores verdadeiros — e só o podeis fazer por vós mesmo e não por meio de outrem — então tôda a questão do seguir, do orientar, perde o seu significado. A sabedoria não é uma cousa que venha por meio da orientação, do seguir, por meio da leitura de livros. Não podeis aprender a sabedoria de segunda mão; entretanto, é isto o que estais tentando fazer. Assim, dizeis: “Guiai-me, auxiliai-me, libertai-me”. Mas, digo, desconfiai do homem que vos auxilia, que vos liberta.

“Por que pregais finalmente?” É muito simples: porque não o posso deixar de fazer, e também porque há tanto sofrimento, tanta alegria que se esvai. Para mim há um eterno vir-a-ser que é êxtase; e quero mostrar que esta existência caótica pode ser transformada em cooperação ordenada e inteligente, em que o indivíduo não seja explorado. E isto não se faz por meio de uma filosofia oriental, pelo sentar-se sob uma árvore, afastando-se da vida, mas, bem ao contrário; é por meio da ação que verificais quando estais plenamente desperto, completamente consciente em grande tristeza ou alegria. A chama da lucidez consome todos os obstáculos autocriados que destroem e pervertem a inteligência criadora do homem. Mas a maioria das pessoas, ao experimentarem o sofrimento, procuram alívio imediato ou tentam, por meio da

memória, agarrar-se a uma alegria passageira. Assim as suas mentes estão constantemente fugindo. Mas, digo, tornai-vos concientes, e vós mesmos libertareis as vossas mentes do temor; e esta libertação é o entendimento da verdade.

P e r g u n t a : É a vossa experiência da realidade algo peculiar a esta época? Se não, por que não foi possível isto no passado?

K r i s h n a m u r t i : Certamente a realidade, a eternidade, não pode ser condicionada pelo tempo. Quereis perguntar se as pessoas não teem procurado e lutado pela realidade através dos séculos. Para mim, a própria luta pela verdade tem-nas impedido de compreender.

P e r g u n t a : Dizeis que o sofrimento não pode dar-nos entendimento, mas apenas despertar-nos. Se assim é, por que não cessa o sofrimento quando estamos plenamente despertos?

K r i s h n a m u r t i : É exatamente isto. Não somos inteiramente despertados pelo sofrimento. Suponde que alguém morra. Que sucede? Quereis um alívio imediato dêste pezar; então aceitais uma idéia, uma crença, ou procurais divertimentos. Ora, que sucedeu? Houve sofrimento verdadeiro, uma luta desperta, um choque, e para vencer êste choque, êste sofrimento,

aceitastes uma idéia, como a reencarnação, ou a fé no além, ou a crença na comunicação com os mortos. Tôdas estas são meios de fuga. Isto é, quando sois despertado há conflito, luta, que chamais sofrimento; mas imediatamente quereis pôr de lado esta luta, êste despertar; ansiais pelo esquecimento por meio de uma idéia, de uma teoria, ou por meio de uma explicação, que é apenas um processo de vos fazer adormecer novamente.

Êste é o processo quotidiano da existência: sois despertado pelo contacto com a vida, com a experiência, que causa sofrimento, e desejais ser confortado; assim, procurais pessoas, idéias, explicações, para que vos deem conforto, satisfação, e isto cria o explorador e o explorado. Mas se neste estado de agudo interrogar, que é sofrimento, se neste estado de interêsse desperto, defrontardes as experiências completamente, então descobrireis o verdadeiro valor e significado de todos os abrigos humanos e ilusões que criastes; e só o entendimento dêles vos libertará do sofrimento.

P e r g u n t a : Qual o meio mais rápido para desembaraçar-nos de nossos aborrecimentos, inquietações e rigidez de sentimentos e atingir a felicidade e a libertação?

K r i s h n a m u r t i : Não há meio mais rápido; mas, a rigidez de sentimentos, os aborrecimentos e as inquietações, êles mesmos vos libertarão se não estiverdes tentando fugir-lhes através do desejo de liberdade e felicidade. Dizeis quererdes liberdade e felicidade porque a rigidez de sentimentos e as inquietações são difíceis de se suportarem. Assim, meramente lhes estais fugindo, não compreendeis por que é que existem; não compreendeis por que é que tendes aborrecimentos, inquietações, rigidez de sentimentos, amargura, sofrimento e alegria passageira. E desde que os não compreendeis, procurais saber o meio mais rápido para sair da confusão. Digo, desconfiai do homem que vos mostra o meio de saída mais rápido. Não há meio de sair do sofrimento e da inquietação senão por êste mesmo sofrimento e inquietação. Esta não é uma expressão dura; compreendê-la-eis se sobre ela pensardes. No momento em que cessardes de tentar fugir, compreendereis; não podeis deixar de compreender, porque então não estareis mais emaranhado em explicações. Quando tôdas as explicações tenham cessado, quando não tenham mais significação, então a verdade é. Presentemente estais procurando explicações; estais buscando o caminho mais curto, o método mais rápido; estais recorrendo às práticas, aos cerimoniais, às mais modernos teorias

da ciência. Tudo isto são fugas. Mas quando entenderdes realmente a ilusão da fuga, quando defrontardes totalmente a coisa que cria o conflito dentro de vós, então esta mesma coisa vos libertará.

A vida, atualmente, cria grande distúrbio em vós, problemas de posse, de sexo, de ódio. Dizeis então: “Deixai-me encontrar uma vida mais elevada, uma vida divina, uma vida de não-posse, uma vida de amor”. Mas o vosso próprio esforço por tal vida é apenas uma fuga dêsses distúrbios. Se vos tornardes conciente da falsidade da fuga, de que só podeis compreender quando há conflito, então vereis como a vossa mente está acostumada a fugir. E quando tiverdes cessado de fugir, quando a vossa mente não estiver mais procurando uma explicação, que é apenas um entorpecente, então essa mesma coisa da qual tendes tentado fugir revelará o seu pleno significado. Êste entendimento liberta a mente e o coração da tristeza.

P e r g u n t a : Não tendes a mínima fé no poder da Divindade que modela o destino do homem? Se não tendes, sois então um ateuista?

K r i s h n a m u r t i : A crença de que há uma Divindade que pode modelar o homem é um dos obstáculos do homem; mas quando digo

isto, não quer dizer que eu seja um ateu. Penso que os que dizem crer em Deus é que são ateus, e não somente os que não creem nele, porque ambos são escravos de uma crença.

Não podeis crer em Deus; tendes que crer em Deus somente quando não há entendimento, e não podeis ter entendimento procurando-o. Ao contrário, quando a vossa mente estiver realmente livre de todos os valores, que se tornaram o próprio centro da egoconsciência, então há Deus. Temos uma idéia de que algum milagre nos modificará; pensamos que alguma influência divina ou externa produzirá transformações em nós e no mundo. Temos vivido nessa esperança durante séculos, e é este o mal do mundo — completo caos, irresponsabilidade na ação, porque julgamos que outrem fará todas as coisas para nós. Afastar esta falsa idéia não significa que devamos voltar-nos para o seu oposto. Quando libertamos a mente dos opostos, quando vemos a falsidade da crença de que alguém está olhando por nós, então em nós uma nova inteligência é despertada.

Quereis saber o que é Deus, o que é a verdade, o que é a vida eterna; e por isso me perguntais: “Sois um ateu ou deísta? Se sois um crente em Deus, então dizei-me o que ele é”. Digo que para o homem que descreve a verdade ou Deus, a verdade não existe. Quando ela é co-

locada na prisão das palavras, então não é mais uma realidade vivente. Mas se entenderdes os falsos valores em que estais presos, se vos libertardes dêles, então haverá uma eterna realidade vivente.

P e r g u n t a : Quando sabemos que o nosso modo de viver inevitavelmente desgostará outros e produzirá um completo mal-entendido em suas mentes, como deveríamos agir, se quiséssemos respeitar os seus sentimentos e os seus pontos de vista?

K r i s h n a m u r t i : Esta pergunta parece tão simples que não vejo onde se encontra a dificuldade. “Como deveríamos agir afim de não perturbar outrem?” É isto o que quereis saber? Receio então que não agíssemos de modo nenhum. Se viveis completamente, as vossas ações podem causar perturbações; porém o que é mais importante: descobrir o que é verdadeiro ou não perturbar os outros? Isto parece tão simples que mal precisa ser respondido. Por que quereis respeitar os sentimentos e pontos de vista das outras pessoas? Receais que os vossos próprios sentimentos sejam feridos, que o vosso ponto de vista seja alterado? Se alguém tiver opiniões que difiram das vossas, podereis verificar se elas são verdadeiras somente em as in-

terrogando, entrando em contacto ativo com elas. E se achardes que essas opiniões e sentimentos não são verdadeiros, a vossa descoberta poderá causar distúrbios àqueles que as acari-
ciam. Que deveríeis fazer então? Deveríeis con-
descender ou transigir com elas afim de não
ferir os vossos amigos?

*P e r g u n t a : Pensais que o alimento puro
tenha algo que ver com a realização de vossas
idéias da vida? Sois vegetariano? (Risos).*

*K r i s h n a m u r t i : Sabeis, o humor é im-
pessoal. Espero que o interrogante não se tenha
ofendido pelo fato de as pessoas rirem. Se sou
vegetariano, que importância tem isso? Não é o
que vai à vossa boca que vos libertará, mas o
descobrir dos verdadeiros valores, de que sur-
ge a ação completa.*

*P e r g u n t a : A vossa mensagem de afasta-
mento desinteressado, de desapêgo, tem sido
pregada em tôdas as idades e em muitos credos
para uns poucos discípulos escolhidos. O que
vos faz pensar que essa mensagem se adapte
agora a cada indivíduo numa sociedade humana,
onde há necessariamente interdependência em
tôdas as ações sociais?*

K r i s h n a m u r t i : Sinto muito, porém eu jamais disse que se deva permanecer afastado desinteressadamente, que se deva ser desapegado; inteiramente ao contrário. Assim, em primeiro lugar, por favor, compreendei o que digo, e depois vêde se tem algum valor.

Tomemos a questão do desapêgo. Sabeis, durante séculos vimos colhendo, acumulando, tornando-nos seguros. Intellectualmente podeis ver o absurdo do senso possessivo, e dizer-vos: "Preciso ser desapegado". Ou, antes, não vêdes o seu absurdo; começais assim a praticar o desapêgo, que é apenas outro modo de colher, de ajuntar. Porque, se realmente perceberdes a insensatez do sentimento de posse, então estareis livre de ambos, do desapêgo e do seu oposto. O resultado não é uma inatividade afastada, mas, antes, ação completa.

Sabeis, somos escravos da legislação. Se amanhã fosse baixada uma lei decretando que não deveríamos possuir propriedades, seríamos forçados a nos submeter a ela, ainda que a muito contragosto. Aí também haveria segurança, a segurança da não-posse. Por conseguinte, digo, não sejais o juguete da legislação, mas descobri a própria cousa a que estais escravizado — isto é, o espírito de aquisição. Descobri o seu verdadeiro significado, sem fugir para o desapêgo; como êle vos dá distinções sociais, poder, con-

duzindo a uma vida vazia, superficial. Se renunciardes às posses sem compreendê-las tereis a mesma vacuidade na ausência de posse — a sensação de segurança no ascetismo, no desapêgo, que se tornarão o abrigo onde vos refugiareis nas ocasiões de conflito. Enquanto houver temor há-de haver a procura dos opostos; mas se a mente se libertar da própria causa do temor, que é a autoconsciência, o “eu”, a consciência limitada, então haverá preenchimento, plenitude de ação.